

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RIBEIRO, Yvonne Maggie de Leers Costa . Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (8h 42min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro
(depoimento, 2009)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro; Karina Kuschnir; Ricardo Nicolay de Souza;

Levantamento de dados: Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 08/07/2009 a 28/09/2009

Duração: 8h 42min

Arquivo digital - áudio: 2; MiniDV: 8;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Antropologia; Antropologia urbana; Atividade acadêmica; Cinema; Cinema Novo ; Discriminação racial; Èmile Durkheim ; Formação acadêmica; Gilberto Velho; Governos militares (1964-1985); História de vida; Intercâmbio cultural; Magistério; Moçambique; Museu Nacional; Produção intelectual; Religiões afro-brasileiras; Roberto da Matta ; Sociologia;

Sumário

1ª Entrevista: 08.07.2009 Arquivo em vídeo 1: Origens familiares; a trajetória acadêmica do pai e a importância dele; as relações no ambiente familiar; a morte da mãe, em 1956; os anos em que a família morou em Copacabana e a mudança da família para o Leblon; os anos de estudo no Sacré-Coeur de Marie e no Colégio Santa Úrsula; a entrada na faculdade de Ciências Sociais da UFRJ em 1965; breve avaliação do comportamento da juventude no fim da década de 50 até 1964; a alfabetização de Yvonne e seus irmãos pela mãe; o convite para trabalhar com o Plano Nacional de Alfabetização de Paulo Freire; as visitas às favelas com a mãe, na infância; o convívio com a pobreza; a influência do passado familiar e doméstico na escolha por Ciências Sociais; o curso de Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), de 1965 a 1968; o ambiente na universidade pós-golpe militar; os professores marcantes; a relação com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB); opinião acerca da luta armada; menção ao rompimento dos laços familiares; a relação com Gláucia Villas Bôas à época da faculdade. Arquivo em vídeo 2: a ligação com Stella Amorim; o envolvimento com o Cinema Novo e a relação com os cineastas; aulas do curso do Cinema Novo; comentários sobre Sérgio Santeiro e o filme Paixão; a escolha por antropologia; o curso de Antropologia no Museu Nacional iniciado em 1969; os professores mais importantes; os cursos de Moacir Palmeira e de Roberto DaMatta; a relação de orientanda com Roberto DaMatta; o perfil cinematográfico de Guerra de Orixá; a amizade com Vera Bahuan e Sérgio Santeiro; a importância de Gilberto Velho na elaboração da tese de mestrado; as pesquisas sobre umbanda e religiões afro-brasileiras; experiência de etnografia durante a elaboração de Guerra de Orixá; a influência de Ruth Landes, Carlos Castaneda, João do Rio e Evans-Pritchard; o livro transformado em filme; a relação com as personagens do livro. Arquivo em vídeo 3: a relação com as personagens do livro; comentários acerca das personagens do filme, durante exibição de alguns trechos deste; relacionamentos acadêmicos; a amizade com Peter Fry; os estudantes de mestrado de antropologia do Museu Nacional; os grandes referenciais da época; a realização de seminários sobre filmes documentários na Cinemateca do Museu de Arte Moderna; referenciais teóricos; Raimundo Nina Rodrigues e o livro Animismo fetichista dos negros baianos; a influência do pai na opção pelas ciências humanas; a entrada para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Arquivo em vídeo 4: a relação com Jorge Zahar; a amizade de Jorge Zahar e

Gilberto Velho; a publicação do livro Guerra de orixá pela editora; a experiência social de morar em um conjugado em Copacabana; opinião sobre o filme Edifício Máster, de Eduardo Coutinho; realização profissional; o casamento com Gilberto Velho; independência feminina; a experiência de ser mãe.

2ª Entrevista: 28.09.2009 Arquivo em vídeo 1: A aproximação da Fundação Ford através de Peter Fry; a criação de um laboratório de pesquisas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) na década de 80; o desenvolvimento de um projeto de intercâmbio acadêmico nas Ciências Sociais entre Brasil e Moçambique; a desilusão com o socialismo; o intercâmbio entre Moçambique e Brasil; menção à estada por três meses em Moçambique no ano de 1992; as trajetórias dos alunos moçambicanos no Brasil; a influência do Les causes des armes au Moçambique, de François Jéfret no pensamento dos alunos moçambicanos; a trajetória e importância de Eduardo Mondlane; o Congresso Luso-Afro-Brasileiro em 1998; a disputa para a realização do congresso no IFCS; preparativos e organização do evento; o início da carreira docente no IFCS em 1969; o mestrado no Museu Nacional; a aplicação, em 2009, do curso de sua preferência, o curso de introdução; comentários sobre questões atuais referentes ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); os mecanismos de entrada no corpo docente do IFCS; a repressão policial durante a ditadura; o desenvolvimento da pós-graduação e a gestão administrativa no IFCS; avaliação do currículo do curso de Ciências Sociais. Arquivo em vídeo 2: A importância de Estela Amorim e Antônio Celso na organização das Ciências Sociais do IFCS; o laboratório e suas funções de ampliar as pesquisas científicas e facilitar as redes de comunicação; a relação com Gilberto de Oliveira Castro e o projeto de assumir a reitoria da UFRJ; as motivações pela escolha e a trajetória na Editora UFRJ; a questão das cotas raciais; a distinção entre o modelo colonial português e o britânico com relação a diferenças raciais; crítica às classificações de acordo com a cor; as distintas formulações sobre a sociedade brasileira produzidas pela sociologia paulista e por Gilberto Freyre; a ideia de “democracia racial” e o racismo no Brasil; referência ao imperialismo cultural norte-americano; o Brasil em oposição à tendência racista internacional ao condenar o racismo pela via jurídico-política em meados do século XX; a transformação do pensamento sobre o racismo no Brasil ao longo das décadas de 1930, 1950 e 1980; reordenação política da Fundação Ford em 1988 comandada por Peter Fry; o acesso à educação como elemento-chave para a solução da

desigualdade social no Brasil; comentários acerca dos trabalhos de Ruth Landes o crescimento dos movimentos internacionais religiosos e de racialização da sociedade; menção as diferenças de identidade no Brasil e Estados Unidos; referências ao estudo de Durkheim sobre religião.

1º entrevista: 08/07/2009

Celso Castro - Bom, oito de julho de 2009, entrevista do projeto cientistas sociais dos países de língua portuguesa: histórias de vida, aqui no CPDOC, hoje a entrevistada é a professora Yvonne Maggie. Entrevistadores: a Karina Kuschnir, Celso Castro, eu que vos falo, e a Maya Hegege. É, muito bem.

Karina Kuschnir - Vamos começar. Yvonne, numa conversa de 1983, sobre a sua opção pela antropologia, você fala como é importante pensar a tua origem familiar. A gente te queria ouvir um pouco mais sobre isso, aonde você nasceu e como que foi o convívio seu com a família.

Yvonne Maggie - Engraçado, porque hoje, oito de julho, é o dia do aniversário do meu pai. Seria, não é? E, bom, eu vim de uma família – hoje eu acho que posso dizer isso – de fundadores da ciência, não é? Meu pai foi um grande físico que iniciou a física experimental no Brasil, e talvez a ciência mesmo, não é? Porque ele foi o fundador, um dos fundadores, da geração que fundou, a Universidade do Distrito Federal, que depois foi substituída pela Universidade do Brasil. Então ele fez parte daquela geração que montou a primeira universidade no Rio de Janeiro, contendo, enfim, todo esse arcabouço de uma universidade que se pensava como produtora não só de conhecimento, mas de professores, de formação de gente. Isso lá nos anos 40. E... até antes. E, depois ele foi da geração também, do grupo que fundou o CNPq, ele junto com Almirante Álvaro Alberto, o general Orlando Rangel, que, naquela época, tinha muito pouca gente, e ele tinha uma capacidade muito grande de juntar pessoas. Então, o meu pai tem esse... Eu tenho no meu pai uma espécie de norte, e sempre soube que essa trajetória – vida acadêmica – não era só aquela que eu também participei, que é de dentro do laboratório, da produção de conhecimento. Passeando com ele e os amigos dele, eu lembro de muitos passeios, eu muito criança, e ele tinha alguns grandes amigos físicos, sobretudo um deles, que foi praticamente o orientador dele na tese dele de livre docente, porque naquela época os primeiros cientistas brasileiros estavam indo fazer doutorados fora, mas ele já era de uma geração um pouco acima, então ele fez a livre docência com a orientação desse amigo, que era um alemão – que agora eu estou esquecendo o nome, que eu vou esquecer todos os nomes, daqui a pouco eu lembro – e eu tenho até um retrato dele na casa do Manuel Bandeira, e, enfim, essa geração do meu pai, que era um grupo, digamos, de umas 20 pessoas, 30 no máximo. Tinha um grupo em Recife, tinha o grupo do Rio, mas os físicos eram muito poucos e os cientistas eram muito

poucos. Então ele tinha um lado, que era esse lado da produção científica – então, eu me lembro de eu passeando no Jardim Botânico com ele e esse alemão, que era o orientador dele, e lembro dele fazendo as experiências em casa, lembro muito dele no laboratório ali na FNFi, que ficava ali na Presidente Antonio Carlos, aquele prédio que hoje é a embaixada da Itália, consulado, sei lá. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho essa imagem do meu pai como uma pessoa que produziu e que fez a ciência. Grande parte da vida dele era reunir-se com os colegas, com os amigos e propor coisas e bolar esquemas e o meu pai era uma pessoa muito calma e muito delicada. Então, eu acho que ele foi uma peça muito chave e muito importante naquela época porque ele conseguiu unir coisas que até hoje muitas pessoas não entendem: como que o Almirante Álvaro Alberto junto com o Orlando... Na época do governo do Getúlio, como é que eles conseguiram fazer o primeiro... É, o CNPq foi o primeiro instituto no gênero, não só na América Latina, mas eu acho que, talvez, dizem, no mundo, eu não sei. Eu acho que o francês foi um pouco antes, mas mais ou menos na mesma época. Então, eu acho que ele teve - isso logicamente é uma impressão minha, doméstica, familiar – porque como ele era, ao contrário de mim, uma pessoa tão doce e delicada, eu acho que ele conseguia fazer essas passagens tão difíceis, não é? Então eu tenho, na figura do meu pai, sempre tive, um exemplo de pessoa que não era, como muitos da minha geração foram, apenas pesquisadores, que não queriam carregar o piano, não queriam sujar as mãos. E meu pai sofreu muito por isso, porque não é fácil hoje, como não era naquela época, você montar uma instituição no nível do CNPq, com verbas, não é? Então você imagina todas as futricas, as fofocas e as brigas e eu sempre via o meu pai imaginando saídas para aquelas brigas. E toda vez que eu encontro o meu pai em documentos eu fico trêmula, porque, obviamente, ele era um católico, fundador do Centro Dom Vital, que foi um centro de catolicismo muito... Hoje, você pode definir anacronicamente como sendo reacionário ou, sei lá. Mas era um grupo de católicos racionalistas muito pouco brasileiros, nesse sentido que não era um catolicismo popular, apesar de ter um culto a Virgem Maria, mas tinha uma partida, assim, muito racional, muito intelectual. E essa visão, essa imagem que eu tenho do meu pai eu acho que marcou muito a minha vida profissional, porque os modelos femininos que eu tinha eram modelos que eu não conseguia me identificar.

C.C. - Sua mãe, como era?

Y.M. - Então, minha mãe tem um quadro dela que eu guardo, eu acho, até morrer. Que é o seguinte, minha mãe, jovem, iniciou a sua carreira de pintora, iniciou a faculdade de Belas Artes, naquela época, quando começou, acho que no início dos anos 30, não sei. E...

K.K. - Seria na UDF?

Y.M. - É, foi na...

K.K. - Em 35?

Y.M. - É, talvez. E ela começou a ter filho, porque ela casou, então ela foi tendo os filhos. Ela tinha um filho por ano, teve 10 filhos e morreu no décimo. E nessa história com ela - ela morreu eu era muito nova, tinha 12 anos - mas eu lembro do último quadro dela: ela desenhando uma casa nossa em Teresópolis, e tem uma foto dela fazendo aquela pintura, e a pintura ficou pela metade, porque já era provavelmente o sétimo filho, o sexto, ela parou de pintar, parou a faculdade e, enfim, pelo menos os mais velhos ela viu crescer e tal, mas ela morreu muito nova. E eu sempre tive esse susto, que eu achava que era muito dura essa vida feminina, e essa história de morrer no parto, para mim, era o pior castigo que alguém podia ter na vida, sendo uma pessoa que tinha uma espécie de ímpeto de pintor. Ela tinha várias coisas muito acadêmicas, mas... E engraçado, porque - somos muitos irmãos, não é? - e, uma das minhas irmãs, já falecida, que era um ano mais nova, para ela aquele quadro, ao contrário, era um estímulo, ela queria ser artista, ela queria fazer o que a minha mãe não tinha feito, e eu sempre dizia, “mas eu não quero isso, eu não quero”. O meu modelo era o meu pai, de qualquer maneira aquilo não era uma coisa... E, impressionante, porque quando o meu pai fez 80 anos, o CBPF, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, fez uma cerimônia e tal, e...

K.K. - Você diz, teria feito 80, não é?

Y.M. - Teria feito, isso. Ele morreu muito novo também. E o Sérgio Mascarenhas, que foi o último orientando dele, fez um discurso contando a biografia dele e eu tava ao lado do Leite Lopes, também que foi um grande amigo e quase aluno, e o Sergio Mascarenhas, todo entusiasmado, foi falando do meu pai, falou dos filhos e não falou de mim - falou dos filhos que são físicos, químicos e tal. Aí o Leite Lopes olhou para mim e falou, “esqueceu das ciências humanas, não é?”. Mas o que mais me impressionou naquele ano foi que a biografia do meu

pai, enquanto o meu pai estava descobrindo o efeito termoeletrônico, fundando o CNPq, a minha mãe estava tendo cada ano um filho. Então, eram dois modelos, assim, muito... Foi a primeira vez que eu falei “coitada da minha mãe”, não é? Tendo tanto filho praticamente sozinha, porque meu pai tava lá, fazendo... E foi a única vez que eu tive, assim, essa... Uma empatia com ela. Tanto assim que ela teve dez filhos e eu só tive um. Nem ia ter! Eu tive por, sei lá, às vezes a vida te leva para isso, mas no meu universo juvenil eu nunca imaginei criando nem um filho, muito menos muitos, não é?

C.C. - Vocês... Desculpa. Vocês moravam aonde, Yvonne?

Y.M. - Então, você sabe que a minha mãe tinha os filhos em casa, então, eu nasci em Copacabana, na Rua Bulhões de Carvalho, num lugar que hoje tem um prédio, mas aquele prédio era um casa, onde a gente morava. Nem era uma casa do meu pai, meu pai era professor, então ele nem tinha recurso.

K.K. - Eles eram naturais do Rio?

Y.M. - Não, o meu pai era. O meu pai era filho de paraibanos, de uma família de juizes, magistrados. O pai dele era juiz, o avô era juiz, e eram lá do nordeste, da Paraíba. E a minha mãe era francesa, nascida em Paris e veio para o Brasil com cinco anos. Então, a gente morou em Copacabana, nesse período, e depois quando eu tinha, talvez, uns nove anos, nós fomos morar numa casa no Leblon, na qual eu vivi até casar, em 1968.

C.C. - E você estudou aonde, Yvonne?

Y.M. - Então, eu estudei minha vida inteira em colégio de freira, primeiro no Sacré-Coeur de Marie, que era um colégio no qual minha mãe tinha feito seus estudos – que era um colégio ruim. E depois, no ensino médio, eu fui pro Santa Úrsula, fiz uma prova e tal. E aí eu comecei uma carreira mais, assim, o Sacré-Coeur de Marie era um colégio muito ruim, ensinava a gente a ser boa moça... Tinha uma aula de delicadeza que era muito importante, ensinava você a aprender a usar garfo e faca, os talheres, os copos e tal.

K.K. - O seu nascimento é em que lugar na ordem de nascimentos?

Y.M. - É, eu sou a sétima. E eu nasci em 1944. Então...

C.C. - Yvonne, você entrou no curso de ciências sociais, na UFRJ, em 1965. Como é que foi, primeiro o seu interesse nas ciências sociais, você filha de um físico, e segundo, o contexto, não é? Pós-golpe de 64. Qual era esse clima familiar e mais geral?

Y.M. - Então, um dos medos que eu tinha com o meu pai, sempre quando eu vou aos arquivos e encontro lá Joaquim da Costa Ribeiro, que obviamente ele está presente na história da UFRJ e na história da ciência, é porque meu pai, além de ser do Centro Dom Vital, ele era udenista, de direita, digamos assim. Mas ele tinha morrido antes do golpe, antes dessa... Quer dizer, eu fui criada durante todo esse período desenvolvimentista do Juscelino, quer dizer, uma geração muito privilegiada, no sentido de que a gente não viveu, pelo menos na nossa formação no colégio, a gente não viveu a ditadura nos períodos de formação primeira, de primário, secundário.

K.K. - A sua mãe... Desculpa, deixe eu só recuperar essa informação, sua mãe morreu você tinha doze anos. Como era o nome dela?

Y.M. - Jacqueline [INAUDÍVEL] Costa Ribeiro. Mas ela tinha um nome maior...

K.K. - E o seu pai morreu você tinha que idade?

Y.M. - Eu tinha quinze. Então, a grande virada mesmo, foi... Porque eu, quando entrei na faculdade em 65, já tinha tido o golpe, em 64 eu estava no terceiro ano. E nesse momento eu já tinha dado uma virada. Porque esse final de década de 50, início dos anos 60 foi... Houve um movimento, eu acho, juvenil muito forte de abandonar essas heranças familiares. Não se esqueça que é uma geração do desbunde. Então, eu me lembro de quando eu entrei no colégio, no clássico, as minhas amigas já estavam rompendo com essas barreiras todas religiosas, a gente já estava começando a namorar. Não se esqueça também que foi um momento de surgimento da pílula, então todo mundo já estava mais livre, não é? E foi esse um rompimento muito forte em relação à geração anterior, eu tenho... As minhas irmãs são seis, sete anos mais velhas do que eu e tem uma cabeça completamente diferente. Então esse momento foi um momento, assim, de muita, pré-64, um momento de descoberta, assim, de uma vida que não precisava ser aquela vida fechada. E quando eu entrei, quando eu escolhi ciências sociais... A bem da verdade, a minha escolha tinha dois lados, um lado que eu sempre me interessei muito por coisa de folclore e tal. Então, a minha primeira busca foi... Na minha casa tinha muito livro,

lógico, meu pai tinha uma bela biblioteca, mas ele tinha uma influência francesa muito grande, então tinha pouca coisa sobre Brasil, tinha muita coisa de literatura internacional, mas pouquíssimas... Fora os modernistas, que eram colegas, amigos de faculdade e tal, ele não tinha... Então, eu lembro que no colégio eu fui na biblioteca do folclore, que nem era ali onde era hoje, mas era ali na Pedro Lessa.

K.K. - O colégio era ali na Gago Coutinho?

Y.M. - O Santa Úrsula? Era na faculdade Santa Úrsula!

K.K. - Ah... A sua mãe falava francês com vocês em casa?

Y.M. - É, a gente falava francês. A gente em geral respondia em português para ela, mas os adultos falavam entre si em francês.

K.K. - Por uma questão, assim, de socializar vocês na língua ou por que ela não queria aprender português?

Y.M. - Não, ela falava português muito bem. Tanto assim, ela alfabetizou todos os filhos... Meio mal, não é? Ela tinha cacoetes de língua. Eu lembro do meu primeiro dia de colégio, me mandaram ler uma coisa e eu não sabia ler. Eu não sou uma intelectual clássica, porque eu tive muita dificuldade de aprender a ler e escrever. E uma das coisas era essa, porque tinha muito galicismo na minha formação e eu lembro que eu comecei a ler gaguejando tudo e tinha assim “mosquito”, e a gente falava “mostico”, porque sabe, são pequenas coisas... “Antonio” a gente não pronunciava direito, falava “Antonho”. Tinham uns defeitos. E eu tive muita dificuldade, não só por isso, eu acho que eu tive uma dislexia qualquer. Eu era meio burra [risos], enfim, demorei a pegar no tranco. Então, nesse período de colégio, já no final do ginásio, sobretudo no início do ensino médio, eu frequentei muito aquela biblioteca e lia muito...

K.K. - Do Museu do Folclore...

Y.M. - Do Museu do Folclore, li muito Arthur Ramos. Até tive um curso com Edson Carneiro, que era uma pessoa muito histérica, gritava com a gente, eu fiquei muito nervosa, acho que não aprendi nada naquele curso. Mas eu comecei as minhas leituras, assim, das coisas de

candomblé, de umbanda, ali naquela biblioteca, que era uma excelente biblioteca, que tinha muita coisa. E quando eu entrei na faculdade, eu entrei...

K.K. - Mas só voltando um pouquinho... Isso tem a ver com o convite para trabalhar com o Plano Nacional de Alfabetização, do Paulo Freire? Como é que foi isso?

Y.M. - É, então, tinha esses dois lados: tinha um lado de uma Yvonne mais caseira, que ia lá e ficava lendo, quietinha, e tinha essa enorme busca daquelas pessoas de me botar junto do movimento político.

K.K. - Que pessoas, Yvonne? Quando você diz “aquelas pessoas”?

Y.M. - Então, essa história é muito interessante, porque eu sou de uma família muito grande. Os meus irmãos mais velhos já tinham uma outra participação, não é? Então, o meu irmão namorava a Alba Senna, que é, hoje, uma psicanalista muito importante, e todos gostavam muito de mim e tinham uma certa pena, sobretudo as namoradas, porque eu fiz tudo isso, todo o colégio, desde que a minha mãe morreu, cuidando dos meus nove... De nós todos, dos oito irmãos, e mais dos filhos, dos que iam tendo filhos. Então, eu sou uma pessoa que além de fazer todas essas coisas, de produzir livros e fazer tese e etcétera, eu cuidei dos meus irmãos, porque eu fiquei no lugar na mãe.

K.K. - Antes de você eram só homens?

C.C. - Mas quantas mulheres eram?

Y.M. - Éramos nove, não é? Acima de mim...

K.K. - Por quê? O bebê morreu?

Y.M. - O décimo morreu e as minhas irmãs mais velhas ficaram com a gente um ano, mais ou menos, depois casaram e foram embora, até graças a Deus, foram morar nos Estados Unidos e tal. E eu fiquei, com treze anos, a mais velha das meninas. E como eu tenho esse ar, assim, de só pegar responsabilidade e tal, eu fazia tudo, eu fazia compras... Quando eu casei com o Gilberto Velho, a primeira compra que eu fiz para a casa não cabia nem na cozinha [risos], porque, por mais que eu tivesse diminuído a quantidade... Então, essas namoradas dos meus irmãos ficavam muito impressionadas, porque eles não tinham piedade, era “Yvonne, vai lá,

passa a minha calça, tenho que sair, tenho que ir não sei aonde”. Então, ela um dia chegou – a Alba - e falou “Yvonne, vai ter um curso de alfabetização lá na cidade e tal... Eu acho que você devia ir”. E isso já estava, assim, isso era 63, final de 63, já era aquela, um...

K.K. - Você tinha 18, 19 anos.

Y.M. - E era uma coisa, assim... Foi antes de entrar na faculdade. Bom, aí eu fui assistir o primeiro curso do Plano Nacional de Alfabetização, que, por acaso, era lá no Largo de São Francisco, na faculdade de, na escola...

K.K. - No prédio onde hoje é o IFCS.

Y.M. - É. E...

C.C. - E você aprendia o método Paulo Freire?

Y.M. - Aí você passou uns três meses aprendendo como é que era conscientizar...

C.C. - Pede para avisar, para ficarem de olho, para não acontecer isso.

Y.M. - Então, de um lado, era para ensinar o método, mas por outro, também, tinha uma coisa de saber para quem ia entregar os postos mais importantes. Porque tinha o PCdoB, o PS... Naquela época não era PS... O Partidão, o Pcdob, aquelas várias [polopes] e as várias correntes da época. Só que eu entrei lá eu não sabia nada, nem entendia o que eu tava fazendo ali, quanto mais se tinha aqueles partidos ali, eu era ignorantona. Eu estava no colégio de freira, tinha essa discussão, eu tinha muitas amigas já marxistas e tal, então eu entrei e fiz parte de uma das primeiras turmas do... Mas foi muito louco, porque as pessoas começavam a discutir e todos olhavam para mim, mas eu não falava nada. E o que eu ia falar? Eu não estava nem... E no final, um dos coordenadores, que era um assessor lá do Paulo Freire chegou para mim e falou: “Yvonne, eu vou te contar uma verdade, eles todos estão querendo saber de que organização você é.”. Eu falei: “Bom, sinto muito. Você quer vir lá em casa? Eu vou te mostrar qual é a organização.”. Bom, aí ele ficou muito meu amigo...

K.K. - Seis irmãos para cuidar...

Y.M. - É, um bando de criança, aquela confusão! E ele, então, passou a ser minha espécie de padrinho lá do Plano de Organização.

K.K. - Quem é esse?

Y.M. - Você sabe que eu não lembro o nome dele direito. Era um rapaz, que acabou meio que se apaixonando por mim... Chamava Carlos Alberto, mas eu não sei dele, onde ele está. Eu sei que logo quando teve o golpe, obviamente todo aquele pessoal do Plano Nacional de Alfabetização ficou muito mal. Principalmente os dirigentes e tal, não é? E houve um deles que conseguiu pegar grande parte do material lá no MEC e queimou o material, então eu nunca fui... Eles nunca souberam da minha... Então, em 64, quando eu entrei na faculdade... Bom, primeiro, quando eu escolhi Ciências Sociais, essa experiência do Plano Nacional de Alfabetização foi muito importante, porque eles passaram muitos vídeos... E toda aquela discussão, para uma menina meio boba, de certa maneira acendeu essa luz. E eu me lembro que quando eu fui fazer o vestibular, eu tinha assim, “eu acho que vou fazer assistência social ou...”, aí eu acho que o Plano Nacional de Alfabetização me deu uma limpeza: “Não, você tem que ser cientista social, você tem que mudar o Brasil” e eles conseguiram realmente fazer a minha cabeça. Eu entrei na faculdade e nunca fui uma pessoa totalmente de esquerda, porque tinha aquele lastro familiar muito forte, não é?

K.K. - Você comenta, Yvonne, que - claro que a gente quer avançar, mas tem muitas coisas interessantes –você fala desse ambiente doméstico, como você estava muito presa a ele, por responsabilidades, tragédias familiares... Como que era a relação com a cidade, com isso? Você comentou nesse depoimento anterior que você ia a favelas com a sua mãe, depois você foi para a Baixada com esse curso, como é que era a tua circulação para além da casa e do Leblon?

Y.M. - Não, pois é, então, é tão difícil falar dessas memórias. A gente vai esquecendo e lembrando, e esses esquecimentos e lembranças... Sempre eu tenho essa imagem do meu passado com tudo muito contraditório, porque se o meu pai foi um modelo, por outro lado a minha mãe, que eu não me identificava nada - e até tinha muitos conflitos com ela - ela foi, talvez, a primeira pessoa que me fez entrar em contato com a vida brasileira. Ela era uma senhora católica - e você sabe que o Brasil era muito pior do que é – todo mundo fala hoje da grande desigualdade do Brasil, mas eu acho que eu vivi um Brasil, na minha infância, muito

mais terrível. Não sei se é a minha impressão, mas eu acho que não é só a minha impressão. Mas em termos de serviços sociais, de amparo, de uma população mais desfavorecida, naquela época não havia SUS, não havia hospital e as pessoas morriam... E não havia grandes campanhas de tuberculose, enfim, todas essas campanhas que foram se desenvolvendo e que o governo militar, de certa maneira, ampliou a nível nacional de uma forma mais – eu acho que foi isso. Porque até aquela época, o que você tinha eram... Os trabalhadores dos institutos tinham amparo, o IPASE. Então a minha mãe fazia parte de um grupo de senhoras que dava atenção às favelas. E eu fui desde muito pequeninha, nem lembro, acho que eu tinha uns seis, sete anos, eu ia com ela e aprendia a dar injeção com ela. Porque ela ia na casa e... Eu nunca me esquecerei de uma das casas que eu entrei, que era uma... Nunca mais eu vi miséria igual eu vi na minha infância. E eu não acho que seja porque eu era criança e aquilo me impressionou, porque a vida de... Tinha uma relação da minha família com a favela muito íntima, naquela época, nos anos 50, você tinha uma relação muito íntima entre a pobreza e as classes altas, sei lá. Porque eu tinha uma casa no Rio que ficava ao lado da favela da Praia do Pinto, no Leblon e uma casa em Teresópolis – tudo isso casas monumentais, lógico, tinha nove filhos, mais a minha avó que morava com a gente, enfim, era uma espécie de uma república, não é? Uma casa de três andares no Leblon e em Teresópolis a gente tinha uma casa, que hoje eu penso, assim - a gente teve que vender depois da morte dos meus pais e tudo – mas que eu nunca mais terei uma coisa daquelas, isso é impossível no Brasil. Mesmo assim o Brasil não é mais aquilo. Era aquela casa no meio de um jardim enorme, de, sei lá, 100 metros por 100, todo feito pela minha mãe, que a minha mãe fez toda a jardinagem, todo o... E atrás da casa tinha uma horta e tinha um bambuzal, que separava de uma rua, e essa rua tinha virado uma favela. Então, as minhas amigas eram aquelas meninas da favela. A gente era proibido, não podia ir para a favela, mas é claro que eu passava pelo bambuzal, era perigoso, todo mundo dizia que tinha cobra e tal. Mas, na verdade, era porque a gente não podia... A distância entre a gente e a favela era um bambuzal, tinha umas plantas. Então, eu tive um convívio muito íntimo, e eu acho que eu vi miséria na minha infância que eu, hoje, andando pelos mesmos lugares e indo até a lugares mais violentos, eu não vejo isso, eu vejo desamparo, falta de Estado, quer dizer, falta de serviços que, certamente, são coisas que podem ser resolvidas, que é água, esgoto, não é? Mas luz, nunca mais eu entrei numa casa que não tivesse luz. Pode ser que eu não tenha ido lá no sertão do Nordeste, eu não fui. Mas a periferia do Rio eu acho que hoje são mais assistidos... Morre na fila do hospital, tudo bem, mas você tem fila do hospital. Pior é você ver morrer uma

criança sem possibilidade... O único médico que tinha era a minha mãe dando injeção, sabe, para uma criança com coqueluche, as crianças morriam de coqueluche. Então, essa minha experiência com a minha mãe, que eu acho que eu devo a ela, que é um... E que de certa maneira marcou a minha vida em um sentido, assim, que eu tive que me libertar dessa versão paternalista, porque obviamente ela não fazia nenhuma crítica a nada disso, ela simplesmente achava que pobre a gente sempre ia ter, essa coisa bíblica, não é? Mas eu sempre tive essa relação com a pobreza, com a miséria e tal. Então, essa minha ida para ciências sociais certamente tem a ver com esse passado familiar e doméstico e também, essa experiência do Plano Nacional de Alfabetização eu acho que me ajudou a limpar, a tirar essa tradição mais paternalista e mais religiosa.

C.C. - E no curso de ciências sociais, Yvonne, de 65 a 68, como era o clima lá na universidade?

Y.M. - Então, a gente fez parte de uma geração que sofreu um pouco, porque 65 - tinha tido o golpe em 64 -, a gente entrou na faculdade... Bom, primeiro eu fiz o vestibular para ciências sociais, em parte porque eu era péssima em matemática, e na PUC tinha matemática.

K.K. - Mesmo para sociologia?

Y.M. - Mesmo para sociologia.

K.K. - Mas era uma opção então, PUC ou a Federal?

Y.M. - É, tanto assim que a minha geração ou ia para a PUC – a PUC era considerada melhor naquele momento, foi para onde foram grandes colegas meus, até da mesma idade. Então, eu quando fiz para a FNFi eu fiz, em parte, por causa disso, e também porque tinha, pelo menos, o fantasma do meu pai ali.

K.K. - Seus irmãos tinham estudado lá na Nacional?

Y.M. - Não, muitos estudaram na PUC, mas tinha o Carlos, que é químico, fez na FNFi. Eu e o Carlos que estudamos na FNFi, os outros fizeram ou na PUC, o outro fez direito, então... Tem economia. Bom, a FNFi, naquele momento, não só por causa do golpe, tinha uma tristeza, porque as primeiras cassações, os primeiros que foram cassados eram professores de renome, catedráticos e tal, em 64, não é? E quando a gente entrou ainda tinha uma herança de uma coisa

muito esquisita que foi a grande repressão de um evento que se chamou de clube da cueca, dos anos 50, é, isso é uma coisa... Todas as portas da FNFi eram trancadas, porque naquele pré-64 e final dos anos 50, e com todo esse movimento de liberdade, existencialismo e tal, as moças já eram mais livres, e os rapazes também. Entraram na FNFi e tinha aquela coisa de depois das aulas, entravam à noite, usavam as salas para fazer festa, para... E houve acusações e houve um processo, acho que em 58, 59, em que a Yedda foi acusada, já pelo Eremildo, e não foi acusada de ser comunista. Ela teve uma acusação de... Eu não sei como era o nome disso na época, mas ela foi acusada de namorar os alunos.

K.K. - Yedda?

Y.M. - Linhares. E essa época foi muito trágica, ela não sei se ela fala isso, eu não sei se essa coisa pode ser falada, mas isso sempre me impressionou muito, eu sempre admirei a Yedda porque ela foi acusada de estar namorando um rapaz e esse rapaz era muito amigo dela e era uma pessoa muito conhecida, e ela foi muito perseguida naquele momento, e ela era casada, já tinha filhos... Enfim, foi uma coisa, assim, que ela teve uma crise muito grande. Eu soube disso tudo depois, porque quando eu entrei na faculdade rolava esse clima. Tinha esse negócio de que você não podia ficar na sala de aula porque senão ia acontecer aquilo que aconteceu no passado. Então...

K.K. - E o que é que era o clube da cueca?

Y.M. - O clube da cueca era como eles acusavam esses meninos, essa gente que o pessoal dizia, não sei, eu acho que não era muito verdade. Deviam ficar ali bebendo, e tal, mas não sei até que ponto todas as acusações... Eu acho que a maioria não era. Eu acho que essa da Yedda foi uma mentira, e o Eremildo perseguiu a Yedda desde essa época. Perseguiu, acusando...

K.K. - Eremildo?

Y.M. - Eremildo Vianna, esse foi a grande figura que perseguiu... O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais que - bom, naquela época ainda era Faculdade Nacional de Filosofia - teve muitas cassações, e o Eremildo Vianna, que era um professor do departamento de história foi o grande acusador. Aí ele acusava por motivos mesquinhos e, muitas vezes, por motivo de

destruir um possível competidor na área. Então, era um momento que a faculdade estava com pouquíssimos professores bons, porque os grandes mestres tinham sido cassados, não é?

K.K. - Quem, por exemplo?

Y.M. - Eu acho que foi o Victor Nunes, que não estava mais lá, tinha o... De física, tinha o... Ai, eu vou esquecer o nome, aquele que consertou o Encouraçado Potenquim, que eu esqueço o nome, eu acho que o Leite Lopes, não sei se o Leite Lopes era de lá, é...

K.K. - O Evaristo ainda estava?

Y.M. - Não, o Evaristo foi em 68. Então em 68 eu já estava no final, eu estava acabando a faculdade. Então, tinha aquela leva, bom, o Álvaro Pinheiro Pinto, o Costa Pinto, todos esses... Então a gente ficou meio assim...

C.C. - Quem eram os professores aí? O que que se estudava nas ciências sociais?

Y.M. - Então, o primeiro ano de faculdade foi uma espécie de soco no estômago, porque a gente até tinha bons professores. Eu tive o Francisco Falcon de história, a gente tinha sociologia com o Evaristo...

K.K. - Moraes Filho.

Y.M. - ...de Moraes Filho, na ciência política, que o Victor Nunes tinha sido aposentado – cassado – tinha um assistente dele que contratou a Stella Amorim, que foi a nossa professora mais... Que era mais ou menos da nossa idade, era uma pessoa, assim, que tava lendo muito, então, era um curso muito interessante. O Evaristo também deu cursos muito interessantes naquele primeiro ano. Enfim, e a Dona Marina São Paulo de Vasconcellos, que era catedrática de antropologia, e muito interessante: porque, na verdade, a Dona Marina era assistente do Arthur Ramos, que era catedrático por concurso e tal, e desde o...

K.K. - ...fita.

Y.M. - Quer parar?

K.K. - Desculpa, é que a gente tem uma troca de fita, e eu vi que já passou uma hora...

Y.M. - Gente, eu estou falando demais?

K.K. e C.C. - Não, não, está ótimo.

Y.M. - Então a Dona Marina, na verdade, era interina, catedrática interina, ela fez a livre docência, mas ela nunca fez o concurso para a cátedra, que havia um concurso específico. Mas Dona Marina nunca se considerava uma... Ela sempre dizia “eu não sou antropóloga, eu sou professora de antropologia”. Mas ela dava um curso muito interessante, e tinha vários assistentes que não eram lá pessoas brilhantes, mas que deram cursos muito bons de antropologia para a gente. Mas primeiro foi um curso de antropologia biológica, era uma coisa de a gente estudar osso, tinha que decorar aqueles ossos todos – e tinha lá no gabinete de antropologia um esqueleto, que era o Zezinho, que infelizmente desapareceu no vai da valsa. E tinha uma coisa que a gente devia ter guardado, mas que foi, assim, melando, era um corpo humano de cera, cortado ao meio, então você via todas as tripas, o coração e tal, aquele negócio.

K.K. - Isso não era no atual prédio do IFCS, isso era na Marquês...

Y.M. - Isso ainda era no prédio da FNFi, no prédio lá da Presidente Antônio Carlos. O primeiro ano a gente fez lá. A gente tinha uma aula de geografia lá com a professora Luci, que denunciou muita gente também. E, então, tinha aquela divisão dos professores dos, digamos assim, mais progressistas e dos de direita. E o Eremildo, que nunca foi diretor da faculdade, mas ele foi sempre um... Ele estava sempre nas posições-chaves para denunciar: na congregação, ele foi chefe do nosso departamento durante anos e, então, isso tudo na FNFi, nos primeiros anos, era um clima muito pesado, tinha esse clima de repressão da vida das pessoas e tinha um clima de repressão política. E a minha turma foi uma turma que se rebelou contra uma professora de sociologia, [Vanda Toroque], que apesar de professora de sociologia ela fazia parte da Família pela...

C.C. - TFP.

Y.M. - TFP, e ela fez parte de um movimento para acabar com os cursos de ciências sociais. Então, toda essa discussão com a [Vanda Toroque], para mim, foi uma discussão bem nebulosa, porque eu não entendia muito bem, eu sabia que ela era reacionária, mas eu não entendia muito bem como é que deu a briga. Eu fiquei do lado, obviamente, dos meus colegas. O Gilberto

Velho foi um principal pivô porque ele falou “como que se pode...” – eu me lembro que era alguma coisa de marxismo – “como que se pode falar de sociologia sem falar de marxismo?”. Então, tivemos uma briga, assim... E eu fui liderança dessa greve. E, muito engraçado, porque foi nessa greve que eu me aproximei do Gilberto Velho e a gente começou a namorar naquela época. E tinha, ao lado disso, uma greve também, porque foi o primeiro ano que houve uma luta pelos excedentes. A minha turma tinha 20 lugares, mas passaram 40, e a gente então também fez uma greve pelos excedentes e tal. Então, foi um momento em 65, isso antes de 68, claro, que o clima não era ainda tão pesado. E a gente fez essa greve na contramão, porque os mais velhos, os que já estavam lá - hoje o, enfim, as pessoas que eram do Partidão, falavam “você estão malucos de fazer greve, que absurdo!”, não sei o quê. Eu lembro que eu liguei para os meus colegas para marcar uma reunião e eles falavam “Yvonne, estão dizendo aqui que é para a gente não fazer greve...”, e eu falei “uai, eles estão dizendo, mas nós vamos fazer!”. E aí, nós fomos reprovados, a turma toda, nesse ano – de sociologia, na matéria de sociologia – que o curso ainda era daqueles de um ano, a disciplina era um ano. Mas a Dona Marina nessa época ficou muito próxima à gente e nos protegeu lá com o diretor da FNFi na época e a gente pôde cursar as outras matérias mesmo estando reprovados naquela. Fez uma espécie de um ajeito lá. E a [Vanda Toroque] foi embora, nunca mais apareceu lá. E nós tivemos duas vitórias: aí no ano seguinte ampliaram-se as vagas, e aqueles meninos que tinham entrado com a gente, entraram! Recentemente, até, eu descobri a foto da nossa formatura, que foi em dezembro de 68, que é uma foto histórica, porque eu acho que foi a última foto de Dona Marina. Porque foi o seguinte...

K.K. - Você tem na sua casa?

Y.M. - Tenho, tenho até no meu computador, depois eu te mando, porque é uma foto muito bonita. É, nós ficamos ali na FNFi até, eu acho que de 65 a 67, eu acho que em 67 a gente se mudou para a Marquês de Olinda, porque aí já tinha começado a reforma, então já tinha dividido a universidade não mais na Faculdade de Filosofia, mas nos institutos, não é? Então, o Instituto de Ciências Sociais foi uma junção do curso de ciências sociais, história e filosofia com o antigo Instituto de Ciências Sociais, que era um instituto isolado, e então a gente foi para a Marquês de Olinda, onde era esse instituto. E o último ano a gente passou ali, naquele...

C.C. - Agora, você mencionou que até 68 era regime militar, mas que as coisas ainda iam piorar no final de 68. 1967 e, particularmente, 68 eram momentos que tinha uma crescente contestação, um movimento estudantil muito ativo... Você participava disso ou só acompanhava à distância?

Y.M. - É, não, quando eu comecei a namorar o Gilberto Velho, eu, obviamente, fiquei mais tímida ainda – apesar de sempre muito maluquinha, sempre, assim, agitada -, mas o Gilberto foi para mim uma pessoa muito importante, a quem eu devo muito, nesse sentido de mostrar que a vida não podia ser apenas fazer movimento, que a gente tinha que ler, estudar e tal. E, por outro lado, a gente tinha uma posição muito crítica em relação às organizações. Eu já tinha juntado a fome com a vontade de comer, que eu tinha muita angústia daquelas reuniões partidárias, eu fui a algumas, mas eu não me liguei a nenhuma organização. A que eu estive mais próxima foi a AP, mas eu achava tudo muito precário e muito pouco respeitoso com as pessoas e tal. Então, a participação nossa ali no Instituto de Filosofia era tentar, de alguma maneira, fazer valer os princípios democráticos. Então, os nossos colegas que eram perseguidos a gente estava sempre do lado e havia – houve – um momento de muita tensão, porque o Instituto de Filosofia era uma espécie de... Eles chamavam de Nanterre carioca, porque não só a gente era todo mundo livre, como Nanterre foi um centro francês muito importante na revolta de 68, lá na França, nos acontecimentos. Então, o IFCS era chamado de Nanterre carioca por esses dois lados: porque nós todos éramos moças livres, tudo isso entre aspas! Porque todo mundo era livre, mas tinha o seu namorado fixo – os meninos eram mais livres, talvez. E a gente sempre tinha que ficar meio corna, não é? Isso era normal, não era visto como – não pode botar isso, não é? Tem que tirar -, era, assim meninas eram muito fiéis, algumas mais do que outras, mas a maioria era mais calma nesse sentido. Já era tanta dificuldade você não casar e sair com as pessoas e namorar, depois brigar com aquele namorado e namorar outro, então, era... Tinha isso e tinha também uma ebulição muito grande política, com muitos partidos e, sobretudo em 67, eu tinha grandes amigos que eram do PCdoB, e essa relação com o PCdoB foi muito forte nesse momento, mas eu discordava de todos esses movimentos rebeldes de pegar em arma. Tanto assim que a maior parte dos meus amigos do PCdoB morreram na guerrilha. Naquela época você tinha essa decisão a ser feita: você podia realmente entrar no movimento de luta armada; e eu não fiz essa opção. Eu acho que eu e Gilberto, por motivos, eu acho, diferentes – meu e dele – eu acho que, de certa maneira, eu até relendo essa entrevista

que eu dei em 1983, eu sou uma pessoa que não sou... O Juscelino dizia, assim, que ele não tinha medo, que Deus tinha protegido ele nesse sentido, que ele não tinha medo. E eu sempre tive essa sensação, que eu não tinha muito medo, mas, nessa época, eu me lembro que eu tinha medo. Eu olhava para as meninas que entravam para a luta armada – sobretudo porque elas iam com os namorados, são raras as mulheres da minha geração que entraram na luta armada por vontade própria. Lógico, entre aspas. Você namorar uma pessoa que era guerrilheiro já era uma vontade. Mas eu acho que a paixão falava mais alto, não sei.

K.K. - A Gláucia você conhecia nessa época?

Y.M. - É, bom, a Gláucia foi minha colega de colégio, então a gente era muito próxima. E a Gláucia, justamente, as opções foram diferentes, enquanto eu namorava o Gilberto, que era uma pessoa mais centrada, que era marxista. Então eu acho que isso também foi um rompimento com a família, mas ele era uma pessoa avessa a esse tipo de movimento guerrilheiro, eu sempre fui pacifista. Isso era uma coisa que eu achava horrível, eu perguntava “mas se você tiver que matar uma pessoa, você vai matar uma pessoa?”, sabe? Então, é uma coisa que eu sempre achava horrível essas opções. Eu era amiga da Gláucia, de muitas outras pessoas.

[FIM DA FITA 1]

Y.M. - Mas eu queria fazer um adeno, porque nesse momento, então, a escolha das pessoas – primeiro os amores, porque eu acho que as meninas mais os meninos, apesar de não dizerem, também tinham as suas vidas muito marcadas por esse... Nós éramos jovens, e muito felizes, nessa época não tinha tanta coisa ruim como tem hoje: de AIDS, de nada disso. Você já tinha pílula, tinha liberdade, não é? E eu, sobretudo, era muito livre, porque eu não tinha pai nem mãe, a minha casa era uma casa de três andares que você não fechava a porta, no Leblon, ao lado de uma favela, da Praia do Pinto e você às vezes acordava de manhã e encontrava uma pessoa tomando café que você nem sabia quem era – um amigo do amigo do amigo do amigo. Então, a minha casa foi uma casa, assim, de referência muito forte...

K.K. - Qual era o endereço dessa casa?

Y.M. - Era Praça Belford Ferreira, número 9. Não tem mais a casa, no lugar tem um prédio, não é?

K.K. - Onde é o atual Selva de Pedra?

Y.M. - Não, é o seguinte: tem o Jardim de Alah, uma rua depois tem um largozinho redondo. Tem uns prédios antiguinhos, é um largo. Tem a Almirante Pereira Guimarães, que corta...

K.K. - Ah, eu sei! A minha mãe nasceu ali.

Y.M. - Na Almirante Pereira Guimarães?

K.K. - É.

Y.M. - Então, ali eram só casas na minha época.

K.K. - Era um prédio de três andares.

C.C. - Mas o...

Y.M. - É, tinha uns prédiozinhos pequenos. Então, tinha essa vida toda livre, de um lado, e tinha uma escolha: eu acho que foi uma escolha racional de muitas pessoas, que era você entrar na luta armada ou na luta antiditadura, com o risco de morrer - todo mundo sabia que esse era um risco, principalmente nesse momento, em 67, 68. Muitos meus amigos, até antes de 67, muitos que eram presos a gente tirava da prisão. Bom, o Gilberto lá tinha os seus parentes, e eu tinha os católicos, então por ali a gente ia... Então eu acho que foi uma decisão racional. E uma coisa que, a mim, me ajudou muito e foi importantíssimo foi que, justamente no último ano de faculdade, em 67, o Gilberto Velho já trabalhava na pesquisa do Maurício Vinhas de Queiroz, e eu ainda não estava trabalhando, e a Stella era assistente do Maurício Vinhas, a Stella Amorim, e aí a Stella se separou do Maurício e criou o projeto dela, que era de estudo da burocracia no Brasil. E foi nesse projeto que ela me convidou para participar como bolsista de iniciação científica. E eu acho que foi uma opção, lógico, e, ao mesmo tempo, houve esse convite. Eu acho que a Stella Amorim é uma pessoa que eu devo agradecer na minha vida, porque em muitos momentos ela foi fundamental, de não ser um modelo de intelectual, propriamente, ela foi uma pessoa que me deu a mão em muitos momentos difíceis e, sobretudo, me ouvia – porque eu quase não falava. Desde que eu comecei a namorar o Gilberto eu ficava

calada, porque eu achava ele tão inteligente, maravilhosamente organizado quando ele falava e tal, que eu ficava, assim... Eu me lembro que a gente tinha grupo de estudo, tinha um grupo de estudo sobre marxismo que eu quase morria, porque eu não entendia nada. Eram aqueles livros todos do Althusser, do Lukács, todo mundo lia aquilo como se fosse uma coisa fácil. Eu tinha muita dificuldade, mas eu ouvia tudo com muita... Eu era muito silenciosa, eu acho que teve uma decisão que alguns tiveram de seguir e se proteger na vida acadêmica.

K.K. - Você fala muito, nessa entrevista de 83, de um circuito de artes que era importante para vocês.

Y.M. - É, tinha o, bom, eu acho que nessa entrevista de 83 eu estava muito ligada a essas pessoas que foram importantes na minha vida. Porque paralelamente a essa vida acadêmica, na universidade, a gente também tinha os amigos que começaram a fazer cinema, que fizeram teatro, que foram para a televisão e etcétera. Então, eu tinha uma ligação muito forte com, sobretudo, os cineastas. Porque também, quando eu fui do colégio, o meu colégio, apesar de ser um colégio de freira, eu tinha muitas colegas que já eram desse mundo artístico. Eu acho que, hoje em dia, me lembrando, quem puxou esse curso foi a Eliane, que era filha do Fernando Sabino, que era minha colega. E ela era amiga do pessoal do Cinema Novo e, a partir dela, eu soube que ia ter um curso do Cinema Novo, e que foi, também, uma abertura inacreditável. Eu vi os primeiros filmes, *Rio 40 graus*, *Cinco vezes favela*. E isso eu tinha, isso eu tava no último ano, talvez, do colégio. Aquilo foi para mim quase que uma chave... Porque na vida a gente tem aquelas chaves de ouro, aquilo foi uma chave, você podia mudar a linguagem, enfim, eu lembro muito da aula do Gustavo Dall. O Gustavo era outro, para mim era um Deus, e ele ensinou como é que fazia montagem, como cortar e toda a influencia do realismo italiano no Cinema Novo, então, eu acho que essa linguagem de cinema sempre foi muito importante para mim. E, sobretudo, eu fui muito amiga – nessa época eu seguia o Cinema Novo, eu ia a tudo que eles faziam, e era tipo, assim, uma tiete, só que naquela época não falava que era tiete. E eu fiquei muito amiga do Sérgio Santeiro, que era casado com uma amiga minha e que foi um grande – ele não era da geração do Cinema Novo, ele era mais novo – um grande documentarista, então eu lembro que até quando eu comecei a escrever, eu estava escrevendo *Guerra de Orixá*, ele foi uma pessoa muito importante, porque eu falava assim “eu não sei como eu vou falar... Como é que eu vou escrever isso? Eu vou escrever como é que se passou? Como é que eu faço?” e ele, como documentário, ele falou “escreve como se você estivesse

vendo aquilo. Não é uma coisa bonita?”. Ele foi me dando dicas assim, essa dica de fazer quase como um diário. E eu acho que o mundo que eu vivi naquele momento, de 67, 65 até 68, foi um mundo completamente revolucionário no sentido não só daquilo que eu estava aprendendo, como da forma, sobretudo. Eu acho que isso marcou muito a minha geração, uma geração que acreditava na utopia. Eu me lembro que até nessa coisa eu falei dos títulos dos nossos livros. Recentemente eu revi esse filme do Sérgio Santeiro, esse primeiro filme dele chamado *Paixão*, é um deslumbre! Está no *YouTube*, até. É um filme que se passa na universidade, na PUC e tem um *travelling* enorme, mostrando aquelas paredes, as salas de aula, as colunas. A história dos grandes modelos que a gente tinha – tinha um líder messiânico, que aparece na praia, que é o Wilker, novinho, lindo, maravilhoso, e tinha um menino, que é até um ator também, mas depois ele sumiu, que ele fez o papel de um líder revolucionário que acaba morrendo. Tem cenas na favela, e não é falado. Tem uns monólogos e só aqueles *travelling*, a câmera na mão. Eu acho, talvez, o filme que mais tenha me impressionado, ao lado de *Deus e o Diabo*, são os dois grandes... As duas grandes revelações em termos de forma e do que dizer. E eu acho que a gente era utópico, tanto assim que o Gilberto Velho, o primeiro livro é *Utopia Urbana*, no sentido, lógico, tem muitos sentidos isso, não é? Eu sempre fiquei mais com o lado da briga, da guerra. Tem guerra, tem medo, tem essa coisa do maravilhoso e, ao mesmo tempo... Tem essa coisa de que a vida é utopia e, ao mesmo tempo, é luta. É uma coisa que, eu não sei se eu estou me perdendo...

C.C. - Não, não. Mas e essa opção pela antropologia? Em 68 você estava se formando...

Y.M. - Então, essa coisa de 67 foi uma opção, eu acho, não era só os amores, mas era também uma opção pela vida acadêmica que foi muito séria. Havia outras possibilidades, você podia ter entrado, assim como muito entraram e morreram, ou se não morreram se prejudicaram, porque teve o 477, as pessoas saíram da faculdade e tal. E, nesse momento, sobretudo em 68, abriu-se essa oportunidade maravilhosa de ter um curso de pós-graduação no Rio de Janeiro, na antropologia. Então foi quase como se tivesse - eu acho que foi a Lygia Sigaud que disse isso uma vez –, que a gente “entrou na antropologia meio pelas portas do fundo da sociologia”, porque fazer sociologia também era um problema: primeiro que era muito chato, mas não é só porque era chato, é porque tinha esse cunho de socialista, comunista, marxista, então é quase que como que a gente foi fazer antropologia meio saindo pelas portas dos fundos, fugindo de uma certa, sei lá, de uma certa repressão. E...

K.K. - Em Portugal ficou proibida a palavra sociologia, não é?

Y.M. - Exatamente.

K.K. - Então se falava estudos do trabalho... A gente tem visto isso.

Y.M. - É, então naquela época, ser sociólogo é ser subversivo, e ser subversivo era... Então, a antropologia era - para muitas pessoas até continuou sendo, porque muitos passaram pelo Museu, mas continuaram sociólogos de alguma maneira. E para mim, a entrada no Museu, que não foi a primeira turma, eu entrei depois de já ter um ano de formada e um ano de professora, foi no segundo semestre de 69. Naquele momento eu acho que foi a grande virada da minha vida, porque essa opção pela academia, pela produção intelectual, ficou muito marcada, porque o Museu tinha um curso maravilhoso, que você estudava, lia 800 páginas por semana, trabalhava para caramba, não tinha - foi, talvez, o curso mais importante que eu fiz em termos de formação, muito mais do que a universidade. Porque a universidade tem sempre... A graduação tem essa coisa, assim, você lê, mas também não precisa ler muito, e também, já tem uma formação... Os meus colegas eram tão mais precários do que eu que qualquer coisinha que eu fizesse já aparecia como uma boa aluna, bastava ler metade da literatura. No Museu não foi assim, o Museu foi um lugar que realmente colocou a gente diante desse outro lado da produção intelectual que não é só prazer, você tem que ler todo o *Estruturas Elementares do Parentesco*, mesmo que você não entenda você tem que ir. Você tem que... É um esforço.

K.K. - E quem foram os professores?

C.C. - Que te marcaram...

Y.M. - Olha, eu tive muitos professores no Museu que foram importantes nesse sentido de disciplina. Mas eu tive alguns cursos que foram muito importante, o mais importante dele, por incrível que pareça, foi o curso do Moacir Palmeira, que o Moacir deu um curso que ele estava substituindo o Roberto Cardoso, que deu *Estrutura Agrária no Brasil*. O Moacir estava chegando da França e tinha defendido a tese dele sobre estrutura rural no Brasil colonial, em que ele compara os... Ele fez uma coisa muito interessante: ele pegou o Nelson Werneck, o Caio Prado e, talvez, o Celso Furtado e comparou a análise que eles faziam da estrutura agrária do Brasil colonial vendo quais eram os dados que cada um utilizou e discutindo essa questão

que foi tão importante naquela altura, se o Brasil era pré-capitalista, capitalista, escravista, feudal e etcétera. E esse curso que ele deu foi muito importante no sentido de ensinar como que você se aproxima de uma literatura, como ler os livros que você escolheu como... Então ele foi muito importante, porque eu tinha uma leitura muito grande desses livros todos de cultos afro-brasileiros, mas eu não tinha um norte de como ler aquilo. E ele dizia “é preciso você entender quais são os pressupostos primários desse livro, ou inconscientes desses autores”. Então foi um curso muito importante. E um outro curso que também marcou, me marcou profundamente e que me aproximou do Roberto DaMatta foi um curso que o Roberto DaMatta deu, também quando ele estava voltando do doutorado, sobre simbolismo e tal, que ele discutiu com a gente e apresentou toda essa coisa do Turner e da Mary Douglas e foi, então, com ele que eu resolvi, a partir desse curso, de me oferecer como orientanda dele, que foi uma escolha muito importante. Eu acho que o Roberto foi o meu professor mais revolucionário para as ciências sociais no Brasil. Quem conheceu a antropologia antes do Roberto e depois do Roberto certamente... Sobretudo essa antropologia urbana mais... Porque você tinha uma antropologia urbana muito voltada para o estudo de negro, religião, mas era uma coisa muito pesada e, talvez, desprestigiada. E o Roberto eu acho que colocou a análise da antropologia, o estudo da antropologia – apesar de não ser propriamente um pesquisador de campo – ele abriu a possibilidade de você estudar qualquer tema, que não era uma coisa muito comum na época. Eu lembro que quando eu fui escolher esse tema de umbanda, que eu queria desde o início, eu lembro que eu queria estudar terreiro e tal, o Moacir virou para mim e disse assim “ih, mais uma tese sobre umbanda”. Eu fiquei deprimidíssima, o Moacir foi muito importante, porque ele dizia coisas muito fortes assim “mais uma tese sobre umbanda, vai ser horrível” e tal. Quando eu fiz a minha primeira exposição no Museu, que ainda não tinha o livro, mas a tese já estava... A gente fazia, lá no Museu tinha isso, você tava no final da sua pesquisa ou já escrevendo a tese e tinha os seminários de pesquisa, e todos os professores iam. E, mais uma vez, quando eu apresentei o *Guerra de Orixá* o Moacir falou “é Yvonne, está legal, muito bom. Achei interessantíssima.”. O Moacir tinha uma coisa comigo, que ele achava que eu tinha uma excelente formação teórica e ele achava que eu devia trabalhar com temas mais, digamos, nobres. E disse “Está legal, excelente. Agora me diz uma coisa, qual a relação desse terreiro com os outros? Como é que você vai fazer uma tese que não fala do entorno?”. Bom, essa pergunta foi fundamental para fazer o outro, a tese de doutorado. Então, esses dois professores

foram... Eu tive vários outros, o Bonfil Batalla, teve próprio Roberto Cardoso, enfim, mas não foram pessoas, assim, tão fortes.

C.C. - Mas você mencionou o Roberto DaMatta, que foi seu orientador, como uma pessoa que abriu a possibilidade de um estudo urbano, não sei se você já via como estudos de antropologia urbana ou não. Mas a formação do Roberto era de etnólogo, enfim...

Y.M. - Clássico.

C.C. - Clássico, não é? Ele já dava essa abertura ou foi uma coisa que a partir do curso dele você chegou... E o Gilberto também já tinha feito a *Utopia Urbana*...

Y.M. - Nesse momento, ele estava... Mas quando o Gilberto fez *Utopia Urbana* - eu vou dizer uma coisa, talvez esteja errada - mas os estudos urbanos ganharam duplamente, de um lado o Gilberto, eu acho que redefinindo a antropologia urbana, que já existia nos moldes do Anthony Leeds, sabe? Uma coisa mais focada nas favelas. Porque o problema não é nem que não houvesse uma antropologia urbana, mas quais eram os temas que eram eleitos para a antropologia urbana. Então, eu acho que o Gilberto inovou no sentido de sair daqueles temas clássicos e, com isso, criando uma teoria própria para aquele... Um enfoque especial para aquela outra versão do urbano, não mais as coisas na cidade, mas *a* cidade. Então, eu acho que o Roberto DaMatta não mudou a coisa da antropologia urbana, mas mudou a percepção da antropologia. A antropologia era informada, basicamente – a antropologia, por exemplo, dos cultos afro-brasileiros – pelo Arthur Ramos, que era *o* antropólogo. Então, você só podia fazer antropologia das religiões afro-brasileiras se você buscasse as origens, se você fosse para a África, se você fizesse uma coisa que o Moacir chamava de “mais um trabalho de tautologia metodológica”, porque você ia à África para saber qual a origem do traço, aí vinha aqui e descobria “ah, aqui tem um poste central igual tem lá não sei aonde”. Então, eu acho que o Roberto trouxe um aparato teórico que podia ser aplicado a qualquer campo, digamos assim. Eu acho que ele nem falava ainda de antropologia urbana, ele estava começando a escrever *Carnavais, Malandros e Heróis*, ele já tinha escrito o... Ele já tinha feito as coisas dele do Gê. Já tinha escrito a tese, já tinha escrito *Panema*, já tinha... Isso aí foi esse curso do... Quando ele voltou, eu acho que ele voltou em... Não me lembro mais em que ano. Mas o fato é que eu acho que ele foi importantíssimo na produção de uma nova antropologia, não só nos estudos urbanos,

mas nos estudos rurais. Ele deu esse curso sobre sistema de classificação e simbolismo, e a Lygia fez esse curso. Eu acho que esse curso também modificou todos esses estudos de antropologia rural, porque, também, eles eram muito informados por uma metodologia mais marxista. Então, eu acho que o Roberto ensinou antropologia, o que é que significa estudar as categorias, não é? E agente nem lia muito Boas e tal, mas o Matta introduziu essa literatura propriamente clássica da antropologia.

C.C. - E a relação de orientanda e orientador, como é que era com ele?

Y.M. - Olha...

C.C. - Você escolheu o tema, por exemplo? Ele que sugeriu?

Y.M. - Não, não, não. Eu que escolhi o tema. E eu tinha um projeto de estudar conversão a umbanda, então eu fui falar com ele, ele achou ótimo e tal. Mas o Matta era sempre o Matta que é hoje, ele é uma pessoa que não presta muita atenção. Você vai falando e ele fala as coisas dele. Eu tive muita dificuldade, porque, se de um lado tinha o Matta me influenciando, e o Moacir, que eu acho que são dois personagens desse *Guerra de Orixá*, eu acho que tem o terceiro, que não fica mencionado, que é o Gilberto. Ele tinha muito medo de me deixar lá naqueles lugares, eu tive que fazer muito esforço para fazer essa pesquisa de campo. Mas, por outro lado, ele tinha uma presença cotidiana. Com ele é que eu conversava, muito mais do que com o Matta. A conversa com o Matta era muito difícil, porque embora o arcabouço todo fosse o arcabouço do Vick Turner, da inversão e desse tipo de... Ele é que falava “e que história é essa de demanda?”, eu lembro que o Matta é que falou “e demanda, o que é que é isso?” e tal. Mas foi muito difícil conversar com ele, porque o Matta é muito... Eu era muito jovem, e o Roberto participava das reuniões, não sei por quê! Roberto era metido, o Cardoso. Então eu conversava com o Matta e, ao lado, tinha o Roberto.

C.C. - Você chamava os dois de Roberto? O Roberto DaMatta você chamava como?

Y.M. - Eu acho que... Eu acho que o Cardoso eu chamava mais de Cardoso.

C.C. - Agora, Yvonne, você falou do Turner, que é um personagem importante no seu livro, não é? O drama social. Mas você falou no Sérgio Santeiro explicando as coisas... E o que é que tem de cinema e o que é que tem de teoria? Ou não tem...?

Y.M. - Não, eu acho que os meus livros, sobretudo esse daí, é muito cinematográfico. É muito visual, não é? Tanto assim que ele foi o argumento de um filme. E eu acho que tem a ver com o que eu vi, porque foi com todo aquele instrumental teórico do Turner e do Matta, de ficar falando de ritual, de simbolismo e etcétera, eu, apesar de muito tímida, eu acho que a discussão com o cinema foi... Eu tinha, é o seguinte: quando eu fiz essa pesquisa, eu era muito – eu sempre fui muito ignorante, sabe? – isso é uma coisa que eu tenho que declarar, ignorante não é no sentido assim... O Gilberto até falava “Yvonne, você tem falhas na sua formação.” e isso para mim é um terror, porque só depois de mais velha que eu vim a descobrir que todo mundo tem falhas na formação, mas essas minhas eram muito graves. Por exemplo, demanda. Eu só percebi o que era demanda porque a palavra soava louca para mim, porque para mim era demanda econômica. Eu não pensava demanda como briga. Então, por isso que eu insisti tanto na pergunta, porque se aquela palavra já fosse familiar para mim naquele sentido que eles estavam usando, eu não teria, talvez, descoberto a pesquisa. E isso foi uma descoberta... Quer dizer, por isso que eu gosto tanto do *Guerra de Orixá*, que eu acho que é o meu trabalho mais completo. Primeiro porque eu acho que como eu era muito ignorante, eu me apoiei nas pessoas. O Gilberto ficava louco, porque eu chegava de lá às 4 da manhã e acordava ele e começava a contar “aconteceu isso, aconteceu isso” e ele morrendo de medo que eu morresse! Porque ali tinha caco de vidro, tinha aquela loucura toda. E eu tinha dois amigos: o Sérgio Santeiro e a [Vera Bahuan]. A Vera é uma embaixadora, hoje ela está no Brasil já, mas ela foi embaixadora na Índia, no Vaticano, e ela era uma pessoa que me ajudava muito. Às vezes eu nem ia para casa, eu ia direto do terreiro para casa dela, porque ela me ouvia às gargalhadas. Ela também acredita um pouco, ou vê coisas. Ela é uma pessoa mística, digamos assim. E ela ria, porque ela achava tudo plausível, tudo como se fosse uma realidade... E conversar sobre tudo que estava acontecendo ali era muito importante. Conversar com o Sérgio era... O Sérgio Santeiro era uma pessoa, um grande cineasta, e tem uma cultura – talvez dos meninos da minha geração um dos mais cultos. Então era uma conversa de mais de como montar essa forma do livro que fizesse o leitor ter a ideia exatamente de um processo, de uma coisa que estava acontecendo. Porque toda literatura anterior que eu lia era muito chata. Porque terreiro é uma coisa chata, de fato. Porque se repete. Você estudar ritual é uma coisa insuportável, porque você fica vendo aquela coisa se repetir *ad nauseum*. Então, se eu fosse talvez estudar um terreiro mais tradicional, é aquela coisa, começa, tem a gira, toca o atabaque, entra alguém em transe, aí você olha, daqui a pouco tem na plateia... É igual em geral, sempre. Só que eu tive essa sorte, ao

mesmo tempo, isso também o Gilberto me ajudou muito, porque eu falava “como é que eu vou fazer a minha tese agora? Ta tendo uma briga, uma coisa horrorosa!”, aí ele falava “então, tem que fazer sobre a briga!”. Sabe, então esses meus interlocutores foram muito importantes para me... Porque você não faz uma pesquisa sozinha, é impossível. É impossível você entrar num terreiro e sair dali com uma ideia genial. Você só pode, sabe, a sua experiência de campo – eu, pelo menos, a minha – sempre foi uma experiência que eu só consegui verbalizar depois que eu conversava com as pessoas. Tem até uma cena interessante que um dia eu levei uma irmã para um terreiro comigo e ela – isso é uma coisa que um dia eu ainda vou escrever: a reação da minha família – e ela chegou e foi comigo e uma hora falou “vou-me embora, vou-me embora”, ficou nervosa, e eu falei “eu não posso, eu vou ter que ficar”, então ela foi embora. Aí no dia seguinte, depois de ter passado na casa da Vera e ter contado tudo que aconteceu eu liguei para ela e eu falei “o que é que houve? Por que é que você foi embora?”, aí ela “ai Yvonne, me deu muito medo”, eu falei “e por que, medo?”, – “você já está levando jeito, Yvonne. Porque você já estava fazendo tudo tão *by the book*, que parecia que você era uma mãe de santo, uma macumbeira, daqui a pouco você ia virar uma macumbeira.” [risos] Então, eu acho que, realmente...

C.C. - Ela ficou com medo de você, não é?

Y.M. - Ficou com medo de mim, de mim e da minha conversão. Porque obviamente que esse tema da umbanda e das religiões afro-brasileiras, que é tão presente na vida de todos os brasileiros... Porque você imagina, morando ao lado de uma favela, o que é que eu não ouvi a minha vida inteira? Atabaque tocando. Mas ir lá, conviver, era uma espécie de traição àquele catolicismo tão racional e tão pouco popular da minha família.

K.K. - Você conta uma coisa do cheiro também, não é?

Y.M. - Ah é, isso é uma coisa que depois eu me envergonho tanto. Que eu falo no livro que tem um cheiro ruim, não é? Porque eu sou uma pessoa muito sensível a cheiros e os antropólogos não falam dos cheiros. E é lógico que é uma coisa muito etnocêntrica você dizer que cheira ruim, mas é impossível você entrar numa favela – agora menos, que a urbanização já está maior – mas aquele cheiro de esgoto, cheiro de banheiro, é um cheiro ruim, não é? É uma...

C.C. - Sobre o campo... Ah, perdão Maya.

Maya Hegege - Eu queria perguntar, porque você fala no livro que você sabe que você marcou a vida do terreiro, e eu queria saber mais sobre isso, como aconteceu dentro do terreiro, não só o *backstage*.

Y.M. - Então, esse livro tem uma coisa que talvez tenha sido mais bem realizado das minhas experiências, dos meus livros, que não são muitos, porque eu consegui, eu acho, naquela época, fazer uma coisa que não se fazia muito, que é falar da sua participação como pesquisador no campo. Isso eu sempre vejo, continuo vendo como que em qualquer pesquisa a sua participação é do mesmo tamanho, digamos assim, da coisa que está acontecendo. E você pode não falar disso, mas de alguma forma descrever... Tem várias formas de fazer isso. Eu achei que era importante eu falar dessa relação. Primeiro, porque quando eu entrei no terreiro, eu entrei através de um aluno, que era o Mário e isso já era importante, porque foi... A minha vida, eu tenho 40 anos de professora e eu sempre tentei relacionar a minha vida... Espera aí, eu vou ter que...

C.C. - Você estava falando que já tinha uma autoreflexão sobre a própria situação sua em campo.

Y.M. - Eu acho que já foi, talvez, uma etnografia muito bem realizada, porque já havia essas primeiras experiências de descrição etnográfica com a participação do pesquisador na história e, claro, desde o Evans-Pritchard você tem ele falando dele no campo, o Malinowski falando dele no campo, mas é sempre uma coisa um pouco distanciada, não é? E, nesse caso, eu não só era professora do Mário, portanto eu entrei... Era impossível não me definir ali no campo, não é? E como eu optei por estudar justamente o processo de criação, formação e morte do terreiro, eu fui um personagem, e eu não podia negar isso. Poderia, poderia ter minimizado isso, mas eu achei que era importante porque, talvez, se eu não tivesse lá a briga tivesse sido diferente. Eu não posso dizer como poderia ter sido diferente, mas o que eu posso dizer - e eu não sei se eu entendi bem a sua pergunta - mas eu não fui a única a viver esse tipo de experiência na pesquisa, mas, quando eu comecei e quando eu vi essa briga, e o Gilberto me disse “não, não, tem é que fazer da briga; tem é que fazer da briga!”, eu lembrei da literatura. Os primeiros terreiros foram – eu digo isso na introdução, eu acho – foram criados e formados por uma briga. Então, todo

esse lado de descrever os terreiros como comunidades, lugares de consenso e tal, eu achei, desde o primeiro livro que eu li, eu achei que não era verdade. E achei que a minha participação ali foi importante, deu um certo poder maior ao Mário, claro. Embora eu estivesse mais identificada com o outro lado, não é? Eu poderia ter dado mais força a ele, eu fui muito... Eu tentei ser delicada com ele, de um lado, e por outro lado eu estava mais identificada com o grupo que saiu do terreiro, que foi expulso. Eu acho que isso foi, talvez, uma das primeiras experiências de etnografia, talvez, na minha geração, que tivesse falado isso assim. Sabe também a grande influência desse livro? Uma eu posso dizer sem muita vergonha, a outra é um pouco mais... Uma é a Ruth Landes, a Ruth Landes fez um livro deslumbrante, porque ela conta a vida dela e a interferência dela ali. Ela namorou o Edson Carneiro, ela não fala que namorou, mas ela... Eu, inclusive, quando li a Ruth Landes pela primeira vez lá em... Eu nem imaginava! Eu falava “não, ela era amiga!”, podia ser só amiga, mas... Então, era uma experiência, assim, uma verdadeira etnografia na qual ela se colocava. E, não sei se você leu, mas tem aquele livro, esse eu tenho um pouco de vergonha de dizer, que é aquele do... Que eu vou esquecer o nome agora, do... Da experiência mística do antropólogo que vai estudar um... Eu nem coloquei isso aí porque eu achei que era uma coisa muito menor. *A erva do Diabo!*

C.C. - Castaneda. Carlos Castaneda.

Y.M. - Castaneda. O Castaneda, na verdade, ele foi orientado por um grande especialista em feitiçaria nos Estados Unidos. E ele escreveu aquele livro e, na época em que eu escrevi *Guerra de Orixá* aquele livro era o *must* do... Todo mundo fumava maconha, então. Esse livro foi um livro muito importante na geração. E ele fez isso, ele descreveu o dia-a-dia dele, só que ele foi iniciado, o Castaneda, e eu não fui iniciada. Mas, de uma maneira a minha relação com o terreiro foi muito intensa e... Se eu não tivesse lá, eu acho que teria havido a briga, mas eu acho que a briga tomou essa proporção... E uma coisa estranha que eu vou te dizer, quando esse livro saiu, um cineasta jovem, Marco Altberg me telefonou um dia. Logo depois que o livro foi editado, em 75. Ele me falou “Yvonne, eu li seu livro, eu quero fazer um filme, vamos trabalhar juntos?”. E eu fiquei muito amiga dele, nós fizemos dois anos de trabalho indo ao terreiro e tal. E é incrível, porque depois, quando esse menino... Eu fiz o roteiro, a gente entrou com o roteiro na Embrafilme e quando ele ganhou o dinheiro ele quis me botar para fora, teve uma grande briga, uma grande briga minha com ele. Eu botei ele na justiça e tal, foi uma confusão. Até hoje o filme dele, que iria se chamar *Guerra de Orixá*, aí ele botou *Prova de Fogo* e mudou

um pouco o livro, mas eu reparei bem como que o debate pós-moderno sobre etnografia fica muito claro. Porque eu escrevi isso quase como um romance, quase como um filme, e de certa forma eu dei vida, pelo fato de ter vivido ali, de ter sido quem eu era, relacionado dessa maneira com o Mário e tal, eu dei vida a alguma coisa que talvez tivesse perdido no tempo. Se eu não tivesse escrito, não teria existido aquele terreiro, e também não teria existido o filme. Isso não significa nada, significa apenas que há uma questão de autoria, quem é dono dessa história? É quem escreveu a história ou quem viveu a história? Essa é uma das discussões recentes, esse drama de como fazer uma pesquisa de campo e as pessoas terem a consciência de que são donas de sua própria vida. Eu não sei se eu respondi a sua pergunta, mas acho que foi talvez uma das primeiras etnografias, fora a Ruth Landes, o Nina Rodrigues, que fala dele o tempo todo, indo, entrando no terreiro, enfim, descrevendo o *sight*, o lugar, a situação toda, eu acho que são... E um outro do Nunes Pereira, sobre *A Casa das Minas*. São talvez os três.

C.C. - João do Rio você já tinha lido? É um etnógrafo também, não é?

Y.M. - Ah lógico, João do Rio é outro que também me influenciou muitíssimo, ele, quer dizer, o dele eu acho que eu tirei muito essa... O João do Rio era um... Como eu posso dizer essa palavra? Bom, um boêmio, não é? Uma pessoa que não tinha nenhum, como é que se diz? Ele não tinha nenhum compromisso, como eu também não tinha. Eu não acho que eu tinha nenhum compromisso com a religião propriamente. Assim como o Nina Rodrigues e assim como a Ruth Landes. E o João do Rio também, ele não tinha compromisso nenhum, tanto assim que até as palavras que ele usa são palavras agressivas. Ele me influenciou muito pela forma, porque ele inventa um Antonio que levava ele... Uma espécie de [seronio], e todo mundo tem! Eu tive o Mário. Todo mundo tem um informante ou uns informantes que levam você e são mais ou menos os que te introduzem nesse... Então, eu acho que o João do Rio foi importantíssimo – que é outro livro. Então são: o Nina Rodrigues, o João do Rio... Na época né, o João do Rio de 1906, o Nina Rodrigues de final do século XIX, a Ruth Landes de 1937, 1938, o Nunes Pereira que escreveu esse livrinho, depois ele fez uma versão maior, mas chama-se *A Casa das Minas*, que é também uma espécie de depoimento. Ele até fala, que não é um livro de antropologia, é um depoimento. Mas é lindíssimo, é deslumbrante, ele fala, vai descrevendo a casa e tal. E o meu, eu acho que são livros que são de um determinado momento, e o meu quase um momento de passagem, o antropólogo acaba se revelando quase como um... Até a Ruth Landes, disseram isso dela, que ela era pós-moderna *avant la lettre*, eu não acho que eu era pós-moderna, eu acho

que eu segui um caminho que é esse caminho do... Por isso que o Evans-Pritchard é o meu grande inspirador, assim, se eu puder ser mais nobre, enobrecer a minha... Mas quando eu li o *Bruxaria, Oráculos e Magia*, que eu li umas 20 vezes antes de escrever esse livro, ele fala da participação dele, porque quando ele fala dos Azande ele fala “eu fui um igual. Eles conversavam comigo como em igualdade, porque eu era, na minha tribo, um feiticeiro.” Então, eu acho que ao mesmo tempo que é uma etnografia clássica, no sentido mais... Que hoje você vê as pessoas falando muito deles, essa coisa pós-moderna de descrever você o tempo todo, que é insuportável. Mas não deixar de falar de como você interfere no seu próprio objeto. É uma impossibilidade de você fazer uma pesquisa, sobretudo em umbanda, em terreiro e etcétera, sem ser partícipe dessa... Eu não estou dizendo que seria um fim diferente, mas eu acho que foi o que foi também porque eu estava ali. E a história do livro e do próprio Mário depois, do filme, de tudo isso, tem a discussão de quem é dono daquela etnografia, de quem é dono daquela realidade, e quem são as pessoas que... E que é o drama um pouco da antropologia, não é? Porque você... Ser antropólogo é ser, de outra maneira, um psicanalista, porque você entra na cabeça da pessoa. É impossível você não estar de alguma maneira encaminhando, não é? E essa proximidade, essa ligação... Agora, por exemplo, eu faço uma pesquisa que não tem nada a ver com ritual, com religião, que até eu volta e meia fico falando “ah, era tão melhor estudar terreiro, tão mais... Era chata, mas era boa, porque tinha tanto mais coisas acontecendo.” Mas você sabe que cada vez que eu estudo, eu vejo que como a participação do antropólogo é fundamental. Uma das escolas que a gente está estudando, lá em Padre Miguel, uma escola municipal muito pobrinha – e que por acaso tem o nome do meu pai. Eu fui para essa escola porque eu descobri que tinha uma escola Joaquim da Costa Ribeiro. Aí, eu comecei a discutir e falar sobre essa coisa das avaliações externas, se eles tinham conhecimento das notas dele coisa e tal. E aí, uma das minhas assistentes de pesquisa levou, num desses anos aí, levou a nota da escola na avaliação do Prova Brasil, que é uma avaliação externa, e mostrou como a escola tinha melhorado de um ano para outro. Isso foi fundamental na própria escola, na auto-estima, sei lá se se pode falar isso, mas no decorrer da história da escola, não é? Então, é impossível a gente fazer pesquisa e ficar tão próximo das pessoas e não influenciar de alguma maneira. E isso é o problema e, ao mesmo tempo, é todo o fascínio da antropologia, você estar ali nas fronteiras mesmo.

C.C. - E depois Yvonne, quando você terminou, como é que foi com essas personagens? Foi só com o Mário que você teve... Ele leu o livro?

Y.M. - Não, então, eu só publiquei depois que eu dei para ele ler e foi muito engraçado, porque o Mário era meu aluno – se chama Nívio Ramos Sales – e ele era uma figura muito, não posso dizer que ele era meu amigo, eu até tenho fotos com ele e tudo, tenho fotos do terreiro... Não desse terreiro, depois, quando ele montou o terreiro dele. E, incrivelmente, o Mario ficou muitos anos meu amigo e eu era recebida no terreiro no lugar de honra – sempre tem um lugar de honra, um lugar especial e tal – mas quando o Marco Altberg foi fazer o filme eu senti que eu tinha perdido totalmente o meu poder, porque a primeira sessão que a gente foi tinha a cadeira na qual eu ficava e, quando o Marco apareceu, o Nívio, que é o Mário, fez ele sentar na cadeira de honra e eu fiquei do lado. Então eu falei “bom, dancei aqui total”. Mas eu fiquei mais amiga dele. Depois com a briga do filme a gente se afastou um pouco. Mas foi na verdade a pessoa com quem eu me relacionei e, até hoje, se a gente se encontrar e tal – porque eu soube que ele casou, e ele escreveu um livro sobre a própria vida dele.

C.C. - Ah é? Como é que se chama?

Y.M.. - Chama-se *Pousando para retrato*.

C.C. - Mas não seguiu vida acadêmica, fez só o curso.

Y.M. - Não.

K.K. - Mas a versão que você deu para ele ler e o livro publicado tem alguma diferença?

Y.M. - É a mesma, a mesma. Eu corriji umas pequenas coisas, uns detalhes de ritual que eu botei cerveja e não era cerveja, era cerveja preta. Então ele corrigiu essas pequenas coisas que eu tinha... Mas ele concordou comigo. E quando o livro foi publicado... Porque eu não poderia, ele era a pessoa mais importante para ler o livro antes de publicado, as outras pessoas eram muito pobres, pessoas que não tinha muita, digamos... Eu acho que não teriam lido o livro. E nunca mais eu tive... Depois que acabou a pesquisa eu fiquei indo à casa daquelas pessoas que moravam em cortiços, mas, na medida em que a vida foi passando eu não entrei mais em contato com eles. Depois eu fui até estudar outro terreiro na Baixada Fluminense, que é esse que eu filmei a saída de Iaô.

CC: Mas fala um pouquinho desse filme...

[FIM DA FITA 2]

C.C. - Gente, por favor. Por favor.

K.K. - ... IFCS nos anos 80.

Y.M. - Gente!

C.C. - Ih, *pardon*.

Y.M. - Ah, isso aí é do Nívio! Ah, isso não é da dona Conceição não. Olha o Nívio, olha aqui! Gente! Foi o Luiz que fez isso? Olha como ele era novinho!

C.C. - Você acha que era outro filme? Outro terreiro?

Y.M. - Não, porque eu acho que tem a saída de Iaô nesses bolinhos que eu te dei. Que deve ter sido um dia que a gente foi lá... Eu já tinha me esquecido que tinha isso. Gente do céu!

A.G. - Quem filmou, Yvonne?

Y.M. - Eu acho que essa parte aí talvez tenha sido a Marta minha irmã, falecida.

C.C. - A Marta que fugiu de medo de você?

A.G. - Ela quem filmou?

Y.M. - Não, quem fugiu de medo foi a Jane. Está vendo que ela...

C.C. - Mas explica sobre o filme, vocês um dia resolveram...

Y.M. - Pois é, isso que eu estou em dúvida porque a Marta tirou fotografia desse terreiro. Esse foi o terreiro do Mário, que na vida real chama Nívio, e eu não me lembrava. Mas eu me lembro exatamente desse dia, a Marta, eu tenho fotos desse dia. E a gente fotografou, eu acho que não tinha nenhuma sessão acontecendo. Se tiver vai ser, assim, um... A gente fotografou as imagens, nessa época eu estava muito preocupada com essa coisa da iconografia toda, sabe? Como eles usam as imagens e como é bonito a... Olha, está vendo.

A.G. - Yvonne, você pode ajeitar o seu cabelo para a gente poder ver seu rosto?

YM: Ah... não precisa!

KK: É, não precisa.

C.C. - Mas e aí, isso foi depois do *Guerra de Orixá*, foi o terreiro que o Nívio, o Mário abriu...

Y.M. - É. Ah, olha que loucura! Eram só mulheres! E ele. E já não tinha mais ninguém daquele outro terreiro.

AG: Mas tem uma outra cerimônia, daqui a uns minutos, a gente pode até avançar para entrar logo...

Y.M. - Não, está vendo, isso aí é o terreiro dele. Eu não me lembrava nada disso! Eu achava que era a saída de Iaô.

C.C. - Você nunca mais viu esses filmes?

Y.M. - Nunca mais.

C.C. - De que ano são?

Y.M. - Isso aí deve ser de 76.

C.C. - Depois do livro já.

Y.M. - Depois do livro.

C.C. - Mas, quem que filmou?

Y.M. - Eu acho que é o Luiz. Porque a Marta fotografou.

C.C. - Luiz?

Y.M. - Luiz Alphonsus, meu marido. Porque em 76 eu comecei... Já tinha separado do Gilberto e esses filmes foram minhas primeiras... O Luiz Alphonsus é artista plástico, não é? Então a gente começou meio a namorar e eu levava ele nos terreiros e ele falou “por que é que a gente não filma?”, então a gente filmou. E esse não foi o primeiro dia, o primeiro dia foi a saída de

Iaô, que foi lá nesse terreiro da mãe Conceição, que deve ser um terreiro que ainda existe, que eu não fui mais lá. Esse terreiro do Nívio não existe mais, ele depois abriu um outro, num lugar que eu nunca fui.

C.C. - Mas ele ainda é pai de santo?

Y.M. - Eu acho que ele ainda é sim. Ele casou, teve filhos...

C.C. - E aí, ele está...

Y.M. - É, ele está entrando. Eu acho que ele vai receber o boiadeiro, veja. Gente, que maravilha! Isso é um deslumbre!

C.C. - Você combinou com ele? Chegou de surpresa? Como é que foi?

Y.M. - Não, nessa época a gente era muito amigo. Isso foi antes do filme do Marco Altberg. E sempre quando a gente ia a gente combinava, e eu acho que eu falei que a gente ia filmar. Mas eu não tinha ideia que era... Mas é só esse o... Só esse?

C.C. - Não, tem a saída também.

Y.M. - Ah!

C.C. - E quer dizer, você chegou e filmou um dia, não foi combinado? Isso não foi uma encenação, isso estava acontecendo?

Y.M. - Não, isso estava acontecendo mesmo! Terreiro é sempre uma coisa...

C.C. - Esse é o boiadeiro?

Y.M. - Esse é o boiadeiro. Terreiro é sempre uma coisa muito fácil, porque é lugar do encontro, então essa coisa que dizem "ah, foi uma coisa montada", pode ser, mas nem precisa! Porque é um teatro, sabe? Terreiro é um lugar de encenação, por isso que é impossível você descrever sem descrever cinematograficamente. Porque, imagina, entrar em transe, isso aí é uma coisa muito próxima do teatro mesmo, de você receber um personagem, você virar alguém. E esse terreiro era muito engraçado, já tinha me esquecido. Só tinha os Ogãs homem. Os filhos de santo eram todas mulheres. E ele reinava entre as mulheres.

C.C. - Que bairro era?

Y.M. - Era ali no centro da cidade, num lugar que é até ali naquela rua... Eu não vou saber o nome dessa rua. Mas é ali perto do Instituto, perto do Hélio Oiticica, sabe? Perto da Luís de Camões, por ali. Era um sobrado.

C.C. - O terreiro do *Guerra de Orixá* era aonde?

Y.M. - Não, esse era lá perto do Méier. Ah, pena que não tinha esse equipamento, não é? Não tinha som.

C.C. - Com que câmera ele filmou, você lembra?

Y.M. - Ah, era uma super 8 dessas, comuns, não é?

C.C. - Mas o Luiz fez outros filmes?

Y.M. - O Luiz fez filmes, não. Fez o filem do... O Luiz é um artista plástico dos anos 70 que... O primeiro filme que ele fez chama... Foi um filme que foi prêmio da Bienal em 76, e ele levou para Paris um filme que chama... Ah, eu nem sei o nome do filme, mas é sobre o Rio de Janeiro... Aí a ciganinha! Ah, que lindo! Ah, eu vou procurar o Nívio, sabe, agora que já passou a briga, tantos anos! Não vou morrer sem falar com ele... Olha! Aí ele já estava todo... Não se esqueça que isso é anos 70, é TV Globo, não é? Então os terreiros tem toda esse visual de terreiro. Na época tinha uma novela em que aparecia essa roupa de cigana, sabe? Eu sei até essa música. [Começa a cantar]. Ciagninha, ciganinha/ Da sandália de pau/Ciganinha, ciganinha/Da sandália de pau/Quando ela chega faz o bem e faz o mal/ Ciganinha, ciganinha... Ah, muito lindo. E ele era uma figura toda andrógena, toda louca. Porque eu assisti uma vez um... Ele tinha um amigo, um cara lindo, um mulato, assim, deslumbrante, que cortava o bode para fazer o... Porque tem o cara que corta, não é? Então, eu vi essa oferenda, que eu acho uma coisa horrorosa, mas é uma oferenda do bode, você sacrifica o bode. Mas a faca estava toda mal... Sem corte. Ai, horrível. Mas ele era muito amigo desse Antônio. Olha a Marta! Gente! Cruzes! Foi Luiz mesmo que filmou! Gente, eu vou chorar! Caraca, eu não sabia que tinha isso!

C.C. - A Marta é sua irmã?

Y.M. - É. Que morreu! Porque naquela época a gente não filmava as pessoas. Olha a Marta! Jesus! As pessoas tão pobrinhas, não é? Gente, ai...

AG: Aí vai começar outra coisa, outra sessão.

YM: Aí eu já namorava Luiz há algum tempo, porque foi esse aqui que...

C.C. - Isso foi no mesmo dia?

Y.M. - Não, não. Isso foi anterior a esse. Porque esse é o terreiro da dona Conceição, que era um terreiro de umbanda que tinha agora, enfim, ela tinha feito cabeça no candomblé. Como a história um pouco da umbanda no Rio é que ela se candomblezou, como se a pessoa... A Patrícia Birman que diz isso, o candomblé é uma espécie de doutorado, de pós-doutorado do... Ai, está todo mundo filmando o meu choro! Caraca! Olha, essa que é a Helena! Gente!

C.C. - Helena?

Y.M. - Helena era uma pessoa muito incrível, como ela levava surra de santo, era uma mulher muito pobre lá desse terreiro. Esse terreiro é... Tá vendo, olha! Esse daí é o [Pai de Exú], como eles chamam, tá vendo, essa menina. Ela caía no chão, se arrebentava, aí diziam "não, ela não está fazendo direito as coisas direito para o orixá". Não, não precisa, eu já não choro mais tanto. Caramba, olha! É a filha da dona Conceição! Gente, eu nunca mais... Acho que tens uns 40... Olha, essa é a Helena, a Helena que o Luiz tem, nesse dia, ela recebe a Pomba Gira. Você viu? Nesse dia ela recebe a Pomba Gira. E o Luiz ficou fotografando ela depois de filmar, ficou fotografando, e o Luiz Alphonsus ele é meio místico. Olha, a Tema! Tema era minha assistente de pesquisa, tadinha, que morreu.

C.C. - Tema que depois trabalhou no Iuperj?

Y.M. - É, do Iuperj, Tema Pechman. Também falecida. Quanta gente, gente!

C.C. - Mas explica desse dia, foi o Luiz que filmou?

Y.M. - Então, esse dia era uma saída de Iaô, e eu estava começando a namorar o Luiz e falei "vamos lá" e tal e ele falou "vamos". Ele que tinha proposto da gente a filmar e fazer... Ele já tinha feito esse filme que eu estou me esquecendo o nome. Ele vai ficar bravo se eu não me

lembrar o nome. E tinha passado em Paris, foi o maior sucesso o filme. Um filme meio premonitório, porque tinha um assalto e tal.

C.C. - 76 também, Yvonne, esse filme?

Y.M. - Esse aqui deve ser 77. Ou final de 76. E aí ele... Eu devo ter isso escrito, porque eu tenho os meus diários lá, eu vou recuperar. Olha, tanta gente! Esse aqui era um atabaque que um cara, um Ogã, incrível! E aí a gente passou a noite toda, porque a saída de Iaô você passa a noite inteirinha. E ele ficou atrás dessa mulher que recebia, depois ele vai ficar atrás dessa mulher, ela vai ficar toda paramentada. O Luiz vai ficar, assim, emocionadíssimo.

C.C. - E você tem essas fotos?

Y.M. - Eu tenho as fotos! Porque depois ele vai fazer um trabalho com essa foto, a foto dela. Porque ele ficou fotografando e de repente ele começou a ver o Exú, a Pomba Gira. Ele viu... Eu acho que ele ficou com medo de entrar em transe. Porque ele chegou para mim com uma cara e disse "não posso mais, não posso mais, está acontecendo uma coisa muito estranha". Depois ele contou que ele viu o santo. Eu não via nada, não vejo nada, não acredito em nada. Acho só uma coisa inacreditável como é que a pessoa perde tanto tempo na vida ali. Ao mesmo tempo, era uma festa de matar milhares de galinhas, de bode, oferendas de todo tipo. Mas pena que ficou bem, assim...

Y.M. - Olha a dona Conceição! Essa é a mãe de santo, ela chegando, está vendo? Caramba! Eu vou lá para passar isso. Eu tenho aquelas fitas que tem eles comentando, que eu passei duas vezes o filme para eles.

C.C. - Já está digitalizada. Então a ordem é diferente, não é?

Y.M. - É, esse é o primeiro, depois é o outro. São duas coisas completamente diferentes, aquele é o terreiro do... Olha como ela era nova!

C.C. - Alguém que você levou entrou em transe lá?

Y.M. - Não, nunca aconteceu isso.

C.C. - Só o Luiz que viu.

Y.M. - O Luiz nesse dia viu, ficou apavorado, nesse dia foi horrível. Aquela coisa de começo de namoro toda meio envergonhada, e ele nessa hora me deu o óculos - ele é míope - e ele me deu o óculos para segurar, eu pendurei o óculos e numa hora que eu tava fazendo alguma coisa caiu e quebrou. Ele ficou cego a noite toda. Quer dizer, podia filmar e fotografar, porque a câmera...

C.C. - Cego, mas viu o negócio lá.

Y.M. - É. Olha, esse cara era tão engraçado. Gente!

C.C. - Isso era na rua?

Y.M. - Não, isso era lá em Miguel Couto. Olha, essa moça que era a irmã da dona Conceição, que era empregada - incrível! Ela era babá da Mariana, filha da Rosinha, que morava embaixo da minha casa, quando eu morava lá na rua Piratininga.

C.C. - Essa moça de cabelo branco? Cabelo branco não, está com...

YM: Não, isso é uma outra, eu acho, uma mãe de santo. Não sei se é a mãe Beata, mas eu acho que não é.

C.C. - Mas no Sete Lira, o que é que aconteceu?

Y.M. - No Sete Lira foi outra coisa, que foi uma coisa impressionante dos anos 70 e eu levei o Gilberto, Eduardo Viveiros... Eu me sentia humilhada quando levava essas pessoas porque eles faziam interpretações inacreditáveis, e eu não pensava nada disso. Então, no terreiro do Seu Sete é completamente diferente disso, é um terreiro que tinha dois mil médiuns. Olha que lindinha! Olha! Essa é a mãe de santo mais importante de Nova Iguaçu.

C.C. - Está tocando o que ali?

Y.M. - É axerê, não é? Olha eu como é que era! Nossa, parece minha filha!

C.C. - Mas aí, você levou Gilberto e Eduardo...

Y.M. - Aí eu levei Gilberto e Eduardo, e a gente foi lá. E é uma coisa, assim, que tem até relógio de ponto, é um... Era uma cena. E o Seu Sete, diferentemente desse daqui, que é um clima

tentando reconstruir uma África, o Seu Sete era um Exú de umbanda que era de uma mãe de santo, dona Cacilda, mulher. Só que, aqui, olha, ela vai entrar em transe na frente da gente. Então você vê a passagem da pessoa para o orixá chegando. E a dona Cacilda entrava no *setting* de filmagem, da cena lá do terreiro, já em transe, ela vestida de homem, com uma cartola, um tridente na mão, toda paramentada assim, e vinha um [sécto] atrás dela com garrafa de cachaça, expurgando como se fosse água benta, só que era cachaça. Ela vinha em cima de uma passarela, como se fosse uma passarela de desfile de moda, então os clientes ficavam mais baixos, aí você ficava vendo a coisa lá em cima... Aqui você fica tudo... Ah, essa cena eu me lembro. Fica tudo mais ou menos no mesmo, igual, você fica no mesmo plano. E no Seu Sete não, você fica olhando para cima, que aí eles desfilam naquela passarela. E não é atabaque apenas, tem guitarra, e os frequentadores desse Seu Sete eram pessoas ricas, muito ricas. Esse cara aqui também era rico.

C.C. - Esse cara de camisa azul?

Y.M. - É. Depois esse terreiro... Ela morreu, a dona Cacilda. Mas foi esse Seu Sete que apareceu na televisão, que eu conto no primeiro... Ele foi em 71 na televisão no programa do Chacrinha e do Claudio Cavalcanti, e foi um *happening* na cidade do Rio de Janeiro. Mas isso é um terreiro... Olha a quantidade de gente! É porque não dá para ver direito. Isso não tem mais terreiro com tanta gente assim. Isso era cada noite de sábado, você tinha, assim, na mesma rua - olha que bonitinha, a filha! - milhares de terreiros batendo e fazendo essas saídas de Iaô.

C.C. - Nessa época você já se vestia de branco toda sexta?

Y.M. - Acho que já.

C.C. - E quando é que começou, você lembra?

Y.M. - Não, na verdade começou na primeira vez que eu fui à Bahia. Olha aí! Nossa! Eu fotografei a família toda, olha que bonitinha! Esse aí é o marido da dona Conceição, a filha.

C.C. - Esse de boné?

Y.M. - É, e essa é a tal Helena. Deve ter morrido já.

C.C. - Quando é que você foi à Bahia, Yvonne?

Y.M. - A primeira vez que eu fui à Bahia foi nos anos 70.

C.C. - Antes ou depois da *Guerra de Orixá* ?

Y.M. - Depois, acho que foi 78, por aí. E foi... Tinha aquela discussão com a Juanita Elbein dos Santos. Isso aí é a família toda.

C.C. - Juanita foi uma que se converteu, não é?

Y.M. - Não, a Juanita, a história dela - Juana Elbein, não é? - uma argentina psicanalista que veio ao Brasil e se apaixonou - olha a saída! - pelo filho da mãe senhora, mestre Didi, e casou com ele e uma história muito trágica. Porque ela uma argentina, loura de olho azul, se apaixonou por um homem lindíssimo que é o Didi, que até foi muito meu amigo, e até quando eu tava grávida do Domingos ele fez uma benção toda especial. Acho que é por isso que o meu filho é todo maravilhoso. Mas ele segurou a minha barriga e fez uma oferenda lá. Então, ele era casado com uma mulher lá, a Juanita começou a namorar com ele, enfim, tirou ele de casa e a mulher se matou. Então a mãe senhora tinha um horror dessa Juanita.

C.C. - Que fim levou a Juanita e o Didi?

Y.M. - A Juanita até hoje ela está viva, ela escreveu um livro muito importante chamado *Os Nagô e a morte*.

C.C. - E o Didi?

Y.M. - E o Didi continua sendo até hoje uma figura muito importante. Está vendo, isso aí é um... Esse santo é...

C.C. - Está rolando dentro de um... ?

Y.M. - É que ele vem dentro da palma, como é que é? Oxaguiã eu acho. Aí ele dá o nome. É uma mulher. Está vendo, essa é a hora mais importante.

A.G. - Ele que está enrolado que dá o nome?

Y.M. - É. Eu acho que é uma menina. Não, é um homem. Sei lá, eu acho que é mulher. Mas a Juanita tinha uma perspectiva completamente diferente da nossa: minha, do Peter, da Patrícia

Birman. Achavam que os terreiros eram - olha a quantidade de gente! -, quer dizer, que os terreiros eram, quer dizer, que o candomblé, sobretudo o candomblé nago, iorubá eram... Quer dizer, segunda ela dizia, tinham que ser analisados desde dentro. E que era uma cosmologia própria, que não tinha nada a ver com o Brasil, que era uma coisa africana.

C.C. - E vocês não concordavam?

Y.M. - É, a crítica nossa, que depois foi tão bem exposta pela Beatriz Góis Dantas, que esses rituais são rituais de reconstrução. E que é preciso também entender um contexto brasileiro.

C.C. - Você fazia análise, psicanálise nessa época que fez a tese, o livro?

Y.M. - É, eu fiz análise a minha vida toda, Celso. Comecei em 72 a minha primeira análise e terminei, nem sei. Volta e meia eu volto.

C.C. - E você contava para o psicanalista sobre o *Guerra de Orixá* ou para a Vera?

Y.M. - Não, quer dizer, o *Guerra de Orixá* é um outro ambiente, não é? Eu falava muito da pesquisa.

K.K. - Yvonne, você lembra de quem eram as pessoas da sua turma de mestrado? Dessa segunda turma? A Lygia era dessa turma?

Y.M. - Não, a minha turma foi uma turma meio *sui generis*, porque a gente fez a entrada... Era só eu e o Gilberto, praticamente, em metade do ano. Olha que incrível!

C.C. - Esse é quem?

Y.M. - Esse aí eu acho que é o Omolu.

K.K. - Então, Yvonne...

C.C. - Com as marcas, não é...

Y.M. - É, mas eu vou ver mais na hora que eles falam, porque eu não lembro.

C.C. - Você falou da Patrícia e do Peter, não é? Quer dizer, eram pessoas que estavam fazendo antropologia de religiões afro-brasileiras na mesma época e renovando isso. Como é que era o relacionamento acadêmico dessas pessoas que estavam estudando o mesmo tema?

Y.M. - Olha, eu conheci o Peter em 75, não, quando eu estava terminando a minha tese, em 73, 74, em um seminário do ISER. Eu vi aquele homem lindo de olhos azuis e eu era, como sempre, muito tímida, cheguei para ele e falei, ele perguntou "ah, e você está estudando umbanda?". Peter sempre animadíssimo, sempre com aquele jeito dele e falou "como é que é a sua... Você gosta? Você tem lido, o que é que você leu?", e eu falei - muito tímida, morrendo de medo - "olha, tudo o que eu leio sobre esse negócio eu acho muito chato. A única coisa que eu gostei de ler - aí eu falei - foi Nina Rodrigues, Ruth Landes" e tal. Ele abriu um sorriso, me abraçou e falou "é isso mesmo! Esse Roger Bastide é um insuportável.". E aí ficamos grandes amigos. Eu chamei ele para a minha banca de tese e desde então somos amigos muito próximos. Mas a gente nunca fez uma pesquisa junto. A não ser mais recentemente que a gente participou de um projeto, vem participando de coisas mais próximas. Mas, naquela época, eu fazia as minhas coisas e ele fazia as coisas dele. Olha quanta gente! Isso não tem mais. E a Patrícia fez a tese dela depois, a tese de mestrado.

K.K. - E o Peter era o orientador? Não.

C.C. - Era Roberto DaMatta?

Y.M. - Acho que não, sabia? Acho que era o Rubem César.

C.C. - O orientador dela, que você diz?

Y.M. - No mestrado. Depois nós nos aproximamos e eu gosto muito da Patrícia, somos... Admiro muito ela. Mas também nós nunca fizemos uma pesquisa junto. A não ser em 88, que nós... Eu coordenei um projeto financiado pela Fundação Ford, quando o Peter era representante e aí a gente fez um levantamento de tudo que era produzido no ano de 88 sobre a...Olha que incrível! Isso daí é um barco saindo. Isso é uma coisa muito... Muita grana que tem que ter, muito dinheiro...

C.C. - O barco...?

Y.M. - São várias pessoas que não iniciadas na mesma época, no mesmo... Está vendo? Esse daí é aquele que estava embrulhado naquele... Oxaguiã que eu acho que chama.

C.C. - O que está de paletózinho?

Y.M. - Azul, é. Mas então a gente fez essa pesquisa juntos. Mas olha aqui! Essa é a Helena, essa que o Luiz quase entrou em transe na frente dela! Olha que roupa!

C.C. - Essa de vermelho?

Y.M. - É, e o Luiz fez um trabalho...

CC: Acabou.

Y.M. - Que incrível! Gente, muito obrigada! Que coisa maravilhosa! Porque já estava tanto tempo dentro de uma caixinha guardada, caramba! Eu vi tudo? É?

C.C. - Você tem mais em casa?

Y.M. - Não, infelizmente! Mas eu tenho fotos desse dia do Nívio, eu não sabia que tinha filme! O Luiz vai ficar encantado com isso, nossa!

A.G. - A gente faz uma cópia para você.

C.C. - Ela leva a cópia.

A.G. - Não, não leva a cópia não porque só tem essa.

C.C. - Só tem essa? A Maya tem uma cópia!

M.H. - Não.

A.G. - Não, só tem essa. Tem que fazer uma cópia.

Y.M. - Não, depois você me dá. Gente, a gente vai ter que fazer uma... Mas aí a gente podia chamar o Luiz para fazer uma montagem, não?

K.K. - Sim.

Y.M. - Ou deixa isso só de documento?

K.K. - Não, tem o registro e depois pode trabalhar em cima.

Y.M. - Aí a gente podia chamar o Luiz.

C.C. - Para a gente fazer uma surpresa!

A.G. - Tem o áudio também que não está muito bom, mas tem uns trechos que de repente dá para pegar para fazer a montagem.

C.C. - É, os comentários estão muito ruins, o som.

Y.M. - Ah é? O som das fitas.

K.K. - Mas você tava comentando, Yvonne... Posso fazer uma pergunta ainda?

C.C. - Não quer voltar ali?

K.K. - Só essa. Enquanto você estava fazendo esse campo, do *Guerra de Orixá*, o que é que os seus colegas, mesmo que não fossem da mesma turma, o que é que estavam fazendo os estudantes de mestrado de antropologia do Museu?

Y.M. - É, então, eu me atrasei um pouco, eu fiz o meu mestrado em 4 anos.

K.K. - Mas era normal na época ainda, não é?

Y.M. - É, mas o Gilberto fez tudo em um ano e meio, saiu correndo, foi para lá e tal. Porque ele fez o *Utopia Urbana*, eu acho que na minha turma tinha também a [Gisele Potengi], nem sei o que é que ela fez, tinha o Zé Sérgio, o Afrânio, fazendo...

C.C. - Zé Sérgio fez o *Vapor do Diabo*.

Y.M. - *Vapor do Diabo*. O Afrânio fazendo aquela coisa de família camponesa, tinha, bom, que eu lembre, da minha turma propriamente, eu me lembro dessas pessoas que eram os... Tinha uma relação lá no Museu entre os pesquisadores, os que estavam fazendo mestrado e tal, mas, na verdade, na minha turma começou a ter uma certa separação, que eu me lembre. Porque tinha esse pessoal que fazia etnologia indígena, o pessoal que fazia mais campesinato e a

antropologia urbana puxada pelo Gilberto, porque não era uma das linhas do Museu. Então eu acho que a tese do Gilberto foi a primeira que foi sobre a antropologia urbana e que na época não era uma coisa que... O Museu estava com o projeto do Brasil central, um outro tipo de enfoque e, enfim. Mas uma coisa que eu acho que foi muito importante nessas teses, que não foram concomitantes, mas que foram desse período dos anos 70, é que eu acho que... E que por isso que eu acho que o Matta teve uma importância muito grande, e até para o trabalho do Gilberto, mais do que talvez ele – desculpa – diga, talvez. Eu acho que a nossa geração foi uma geração que viveu uma espécie de derrota anterior da qual a gente não participou. Porque a gente, de alguma forma, o Brasil tinha uma imagem de si mesmo construída pelos sociólogos que era uma imagem, assim, do povo – então tem as regiões populares, tinha os camponeses, tinha os operários – e tinha o modelo de revolução. Você tinha essa coisa toda da importância do Florestan naquela época, enfim, os grandes modelos de interpretação no Brasil que foram destruídos. O golpe significou o quê? Nada disso. É uma classe média militar que toma o poder, um estamento apoiado pelas camadas médias urbanas. Cadê os camponeses, cadê os operários? E cadê o modelo do Brasil? Então eu acho que a nossa geração foi uma geração de mergulho. De repente não tinha como você usar os mesmos parâmetros que eram usados antes para explicar essa ideia mesmo de burguesia, operário, tudo isso era o que vigia antes da nossa geração. E eu acho que a nossa geração teve que fazer esse esforço enorme de mergulhar num Brasil todo fragmentado. Então não foi propriamente a literatura pós-moderna que nos levou a isso não. Foi, bom, era preciso de novo repensar o Brasil e redescobrir o Brasil, e como a gente ia fazer isso? Isso não era muito consciente como eu estou falando agora, mas tinha uma certa consciência. Quando o Gilberto vai estudar um prédio, imagina isso! Para aqueles grandes pensadores, o Álvaro Vieira Pinto, o Darcy Ribeiro, tudo isso era um nada para eles. O Darcy olhava para isso... O que tinha de mais sagrado, que era etnologia indígena, também os grandes era a geração anterior à nossa: o Matta, o Melatti...

C.C. - Roque.

Y.M. - O Roque. Quer dizer, são pessoas que estavam fazendo isso. Tanto é assim que quando Eduardo, muito depois, resolve sair da antropologia urbana e ir fazer etnologia foi também um rompimento, porque o tipo de etnologia que ele começou a fazer não era bem aquele da tradição brasileira. Então eu acho que a nossa geração teve, ao mesmo tempo, uma derrota anterior, não é? Uma dificuldade muito grande, sem modelos. Hoje eu olho para os meus alunos, que tem

esses modelos meio precários, que são a gente, mas vocês tem muitas pessoas – mulheres e homens – a quem se espelhar e a quem criticar, e a gente tinha poucos! Primeiro eram menos pessoas e também como é que você ia usar aquelas pessoas como modelo se o Brasil tinha entrado numa ditadura? Talvez por onipotência daquelas pessoas. Quando você relê o Florestan, você tem a nítida sensação – eu, pelo menos, sempre que li ele – tinha a sensação de que ele era totalmente onipotente em relação a que ele sabia o que era o Brasil, não precisava de ir lá. E quando você... Esse curso do Moacir foi muito importante porque ele pegou o Celso Furtado, Nelson Werneck e Caio Prado e ele foi ver quais eram os dados que essas pessoas tinham usado. Eles tinham usado os mesmos. Só que um para falar que era feudalismo usava mais um... Então, hoje você tem diante – eu acho que foram 40 anos de produção de muitas gerações mesmo de antropologia, que eu acho que tem uma humildade maior, que não estão falando sobre um Brasil, que estão falando sobre vários aspectos, não é? E que não estão... Olha, eu vou só dizer uma coisa que... Eu fico me sentindo muito, como sempre eu fico me sentindo muito burra, mas eu me sentia burra. Quando saiu o *Guerra de Orixá*, o *best-seller* da antropologia e tal, que foi uma coisa assim, sabe, charmosa, um livro... Aí o Pasquim me chamou para fazer uma entrevista junto com Átila Nunes que era, na época, o grande deputado mais votado do Rio de Janeiro. Eu não fui de jeito nenhum. Eu não fui de jeito nenhum. Hoje eu me arrependo tanto, eu teria sido muito mais famosa, eu teria... Sabe por que? Porque eu não saberia falar sobre... Eles iam perguntar: “mas o que é que é umbanda?”, eu não ia saber dizer! “O que é que é o Brasil?”. Eu não tinha essa dimensão que até eu acho que talvez seja uma dimensão mais de dar e tal, eu não... Eu acho que nem eu, nem muitos de nós naquele momento. Hoje eu acho que a gente fala mais sobre o Brasil e tal, mas naquele momento que a gente estava fazendo... Quando eu fiz o *Guerra de Orixá*, eu logo depois fiz uma... A cinemateca do MAM era coordenada pelo Cosme Alves Netto que era pessoa muito importante para o Brasil, eu acho que ele recolheu a maior parte dos filmes brasileiros, a cinemateca deve muito a ele, e ele me chamou para fazer um... Na verdade, quem fazia isso com ele, tinha feito um ano foi a Claudia, a Claudia, bom. E a Claudia me indicou para ele e eu fiz os seminários mais importantes sobre filmes documentários naquela época, nos anos 70. Por quê? Porque a Claudia tinha feito uma coisa mais reduzida, mais para poucas pessoas. E eu cheguei para o Cosme e falei “tudo bem, eu vou ver todos os filmes, - era o festival de filme etnográfico, mas chamava outra coisa - eu quero ver todos os filmes.”. O Cosme abriu toda a biblioteca, abriu tudo que ele tinha de cinema e foi uma das experiências mais incríveis da minha vida. E eu

falava assim: “Não, mas nesse filme fala de um outro, me arranja essa cópia de tal!”. Ele ia no nordeste, enfim, eu vi todos os filmes sobre religião naquela época e fiz um seminário chamando um cineasta e um antropólogo para comentar o filme. E foi uma coisa que não tem muito registro disso. A não ser, às vezes a Patrícia Monte-Mor, que deu continuidade a isso, de vez em quando ela fala... Mas eu não produzi nada escrito, porque era um esforço tamanho... Naquela época, em 1976, você não podia juntar mais de 10 pessoas num seminário porque senão era uma coisa subversiva. Então o que acontecia? Era uma briga, era ao mesmo tempo o início do movimento negro, então vinham aquelas pessoas... E ninguém sabia mais discutir! Era uma agressividade, foi uma coisa muito chocante no Brasil. Mas eu vi todos os filmes...

K.K. - Específicos dessa área, não é? Sobre religião.

Y.M. - É, de religião. Depois teve um sobre o campo, teve... E foi aí que eu tive que pensar sobre o Brasil. Porque aí eu vi os filmes de antes de 75, dos anos 60, por exemplo, um filme que me impressionou muito foi o *Vira mundo*, que é um filme do Geraldo Sarno, e ele tem toda a interpretação dos paulistas sobre religião. Eles sabiam o que é que era: a migração do campo para a cidade, e aí o operário tem que ser... Enfim, eles tinham a receita. Tanto assim que o Geraldo, depois os filmes que ele faz nos anos 70 já são filmes completamente diferentes daqueles filmes numa abordagem mais, digamos, marxista. Não que é que eles eram marxistas, mas era uma interpretação já mais sem... Até isso foi muito importante porque nos anos 70 houve um, eu não sei quem era... Eu acho que... Foi o Geraldo? Não sei, houve um filme de uma entrevista com o Celso Furtado, uma primeira entrevista com ele. Eu até assisti esse filme junto com Luis Costa Lima, que era muito amigo do Celso. E o Celso Furtado era um homem muito bonito, tinha umas mãos, não é, grandes. E o filme essa todo sobre as mãos dele. Não sei se você já viu esse documentário, maravilhoso. E eu levei meus alunos – nessa época eu dava aula no IFCS e dava aula no CUP, que era uma faculdade privada lá em Jacarepaguá – e levei meus alunos. E eles ficaram loucos! Porque falavam “mas quem é esse homem? É sociólogo, é antropólogo?” e eu falava “não sei, é um humanista.” E era um humanista. E ele dizia isso, que os modelos da sociologia tinham ido por terra e era preciso mergulhar no Brasil e descobrir nos pequenos meandros o que as pessoas estavam vivendo, pensando e tal. Não sei se ele fez isso, eu acho que ele não fez. Mas a nossa geração e as nossas gerações depois da minha eu acho que tiveram esse grande trabalho de... Uma sociologia e uma antropologia mais humilde

digamos assim, menos grandes modelos. Mesmo os grandes modelos de hoje são grandes modelos que nos assustam, não é? Porque a gente sabe que nem sempre eles dão em boa coisa.

K.K. - Vamos fazer uma pausa?

C.C. - Só uma coisa: se você tivesse que destacar um livro, mais marcante. Um livro que você ache que... De antropologia ou de alguma outra coisa que você tenha lido.

Y.M. - Bom, é difícil falar *do* livro, mas eu acho que eu já disse isso numa entrevista, e tenho medo de ficar contraditório. Mas o livro que mais me impressionou quando eu comecei a ler sobre o Brasil foi o livro do Nina Rodrigues, *Animismo fetichista dos negros baianos*. Foi um livro que me marcou muito porque eu li esse livro tantas vezes e sempre vi que tinha falhas, até na própria edição. Porque eu li a primeira versão na edição do Arthur Ramos e eu vi que tinha buracos faltando e tal, porque esse livro o Nina Rodrigues escreveu primeiro numa revista, a *Revista Brasileira*, e depois ele juntou todos aqueles capítulos daquela revista, traduziu para o francês e fez um livrinho, *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, uma coisa assim. E quando o Arthur Ramos fez o livro em português, que é um livro de 35, faltava uns pedaços, ele botou uns pedaços em francês, uns pedaços da... Mas é um livro muito impressionante, porque é de um racista, que tinha uma teoria racista de explicação do mundo, mas que entra nos terreiros porque ele tem um amor por aquelas pessoas e ele descobre as principais questões que são as questões até hoje levantadas quando você vai estudar isso. E ele fez isso, eu acho, porque tinha um... Quer dizer, nem todo antropólogo é um grande teórico, não é? O caso do Malinowski é um exemplo, você tem um grande etnógrafo, mas necessariamente não é um grande teórico. E eu acho que o Nina Rodrigues – até eu escrevi recentemente, eu e Peter Fry reeditamos, que era um sonho nosso desde o primeiro dia que a gente se encontrou a gente falou disso, de reeditar o Nina Rodrigues, e agora, há dois anos, a gente conseguiu fazer esse esforço e fizemos um livro que, não sei se ficou bom, mas foi uma tentativa de respeitar o Nina Rodrigues em toda sua... E fizemos um facssímile da *Revista Brasileira* e, então, o livro tem um sabor incrível. Porque ele vai descobrindo as pessoas e vai conversando com as pessoas e você vai vendo como aquilo é, sabe... E a teoria racista dele vai para o brejo, porque se ele achava que os brancos eram superiores e tal, e que havia raças, como era próprio daquela época, ao mesmo tempo ele vai dizer “bom, na Bahia todo mundo acredita no feitiço, tem medo.”. Ou seja, se a crença é de todos então não tem raça, porque se tivesse

raças a mentalidade seria diferente. Então, ele mesmo não percebe o nó teórico dele, então foi um livro que me impressionou muitíssimo. E um outro livro que eu acho um livro que me, assim, teoricamente é um livro que mais me marcou, e que eu acho que até hoje eu sinto falta de não estar estudando coisas mais exóticas, que agora eu resolvi estudar essa coisa tão pouco exótica, tão familiar, que é o Evans-Pritchard, o *Bruxaria, oráculos e magia*, que eu li as várias versões: li em inglês, li em francês, li essa pequenininha da Zahar e é um grande etnólogo, não é? E também um grande teórico. Mas talvez ele juntasse um pouco aqui que eu aprendi com o meu pai, eu acho que tenho essa - eu não vou falar isso não é de, assim, de me autoelogiar, não é uma coisa que está dentro do... Não sei, eu acho que a gente tem umas coisas que estão dentro da gente, não é? Mas eu não vejo sentido em escrever coisas e ser antropóloga se você não descobre, e eu acho que o Evans-Pritchard descobriu aquela coisa da feitiçaria, que foi a grande - eu acho - uma das grandes revoluções na antropologia, de aproximar as mentalidades, digamos assim. E eu acho que essa é a grande frustração quando você fica fazendo pesquisa, vai, vai, vai e não consegue. Eu acho que isso talvez eu tenha trazido do meu pai, não é? Eu via o meu pai descobrir o famoso efeito termodietérico, que ele dizia. Ele não deu o nome dele, mas ele fazia - eu era ligadíssima no meu pai e passei a minha infância grudada nele - e eu lembro muito dele fazendo essa pesquisa, que era uma coisa muito bonita, porque era... Eu não sei nem explicar, não entendo nada de física, mas era o negócio do gelo, as vezes quando você puxa um negocio gelado de dentro do, quando está tudo fechado, você não vê uma luz? Ou essa coisa do fogo-fátuo na praia, não é? Quando você passa do estado sólido para o líquido, mas antes tem o gasoso, tem um momento de... E é uma luz azul que sai. E ele tinha uma coisa de explicar aquilo para a gente de uma forma infantil. Então talvez tenha sido isso que tenha me levado para esse lado mais feminino, que é as ciências humanas, e que tenha me, por isso talvez eu produza... Eu tenho muito mais produção em termos de formação de pessoas, até no nível de graduação, muito mais investimento em sala de aula, e isso talvez por uma escolha mesmo. Porque enquanto o Gilberto, naquela época, decidi abandonar o IFCS e ir para o Museu, eu sempre achei que eu nunca poderia ser muito feliz se eu vivesse num lugar muito organizado, só com aulas com eleitos, não é? Eu acho que eu...

K.K. - Mas houve essa opção, Yvonne, nessa época?

Y.M. - Bom, ninguém me convidou, mas a gente não precisa ser convidado para ir, não é? - Ih, eu acho que eu quebrei isso daqui.

K.K. - Não tem problema não.

Y.M. - Eu acho que eu poderia ter feito um esforço para ir. Eu tinha mais poder na UFRJ do que eu imaginava, a minha entrada na UFRJ foi muito engraçada, porque eu fui chamada pela dona Marina...

K.K. - Aí nesse ponto vocês foram chamados juntos?

Y.M. - Juntos. Bom, o Gilberto foi chamado por muitas outras pessoas, pelo Evaristo... Eu não, eu fui chamada só pela dona Marina. Mas eu gostava muito da dona Marina e quando ela foi aposentada eu e Gilberto que fomos dar a notícia para ela, da aposentadoria. E foi um momento muito triste da minha vida, porque quando que a gente falou “a senhora está cassada, está na lista”, ela reagiu como se ela estivesse recebendo a notícia da própria morte, ela disse “mas eu ainda tinha tanta coisa para fazer”. Então foi um momento muito marcante na minha vida e eu acho que eu sou uma pessoa muito idiota, leal, total. Eu achava que eu devia seguir a dona Marina e fazer o que ela devia ter feito pelo IFCS. Eu não acho que eu fiquei no IFCS por falta de oportunidade. Pelo menos eu quero acreditar que não. Mas de repente seja apenas uma benevolência com a minha incapacidade de...

K.K. - Mas... Tem tempo? Tem mais tempo?

C.C. - Não.

K.K. - Acabou?

[FIM DA FITA 3]

K.K. - Podemos começar, Arbel?

Y.M. - [Soletra letras] M-A-Y?

C.C. - [Soletra letras] Y-A.

K.K. - A gente tem uma estagiária “Mayã”. É Maya, com til. Quem é que está falando? Ah, é o celular. Yvonne, aproveitando que você está assinando o seu livro, da versão da Jorge Zahar, do *Guerra de Orixá*, eu queria te perguntar um pouco sobre o momento de publicação, pela

antiga Zahar Editores, do *Guerra de Orixá*. Você mencionou rapidamente que foi um *best-seller*, e a gente sabe que o Jorge Zahar foi um grande editor das ciências sociais no Brasil e vocês foram jovens cientistas sociais que participaram dessa... Como é que foi essa relação com a editora, com publicar?

Y.M. - Então, Jorge era um grande editor. Porque ele era uma pessoa muito simples, e acho que muito fiel aos amigos. Então, eu acho que ele tinha essa profissão de editor como uma pessoa... Quase como uma vocação mesmo. Ele era de uma geração de velhos comunistas e grandes intelectuais que participavam da vida intelectual brasileira, mas ele era uma pessoa muito simples, sobretudo amigo do Gilberto Velho. E era, como eu disse, muito fiel aos amigos. Então, o Gilberto sempre se aproximou muito dele e, eu acho, o Gilberto tinha nele uma pessoa quase que como se fosse um tio, uma pessoa que protegia, e, ao mesmo tempo, que ouvia. E o pai do Gilberto foi um grande tradutor e trabalhou muito com o Jorge Zahar e o Gilberto influenciou muito, eu acho, nessa virada da editora nos anos 70, porque ele já editava muita coisa de ciências sociais, mas ele era mais conservador, eu acho que ele editava aquelas coisas mais clássicas.

K.K. - Mais traduções também, não é?

Y.M. - É, muitas traduções, tem uma grande tradução dele que deu um grande problema que foi aquele primeiro Malinowski, *Uma Teoria Científica da cultura*, que é todo problemático, que depois foi refeita, o Otávio Velho fez uma revisão, uma coisa assim. Mas ele era mais conservador, e o Gilberto Velho foi uma influencia muito boa no sentido de dar coragem para ele publicar os jovens antropólogos e fazer coleções. Essas coleções que o Gilberto foi coordenador de uma primeira coleção, que foi aquela coleção de artes, não é? E depois o Otávio... Foi aquela outra daqueles textos fundamentais.

K.K. - De ciências sociais...

C.C. - Agora, o que o Jorge dizia, teve uma entrevista em que ele falava porque é que ele publicou tanta tradução de manuais de sociologia, é porque ele pedia para os brasileiros e ninguém entregava! Ele falava muito isso, que tinha muito uma falta de... Eu acho que as coleções talvez tenham colocado uma... diretor de coleção, no caso o Gilberto, que também ajudava na...

Y.M. - É, o Moacir, o Gilberto, eu acho que foram pessoas que... E depois, o Gilberto, muito insistentemente, começou... Eu lembro que o Jorge teve muita resistência em publicar o meu livro. Ele...

Y.M. - Mas quando o Gilberto – e isso a gente ainda era casado e tal – e que levou o livro, eu lembro que eu era muito tímida também, e não falava muito, ele falou assim, ele era muito duro: “você está preparada? Você está preparada para o que vai ser depois que você for autora?”. Porque eu acho que eles não acreditavam muito na minha força de continuar a fazer aquilo e tal, eu era tão garota. Com 27 anos eu tinha cara de 18. E eu acho que quando o livro saiu ele ficou muito encantado, porque foi mesmo... A primeira resenha que saiu foi até de uma moça que depois começou a escrever sobre comida, que eu sempre esqueço o nome dela. E ela falou isso, “o *best-seller* da antropologia”, porque foi um livro que começou, imagina, anos 70, um monte de terreiro, essa vivência naquela época... Então o livro não só esgotou logo, como até hoje é um livro muito xerocado por todas essas coisas de terreiro.

K.K. - Você sabe quanto foi essa primeira edição? Quantos livros foram?

Y.M. - Eu acho que o Jorge falava de 5 mil, naquela época eram menos títulos e mais livros, e esgotou rapidamente a primeira edição. E foi assim, quer dizer, as pessoas liam com muito prazer, porque a antropologia, sobretudo essa antropologia de religião afro-brasileira era muito chata! Então eu acho que... E eu depois reli essa última edição eu fiz uma reescrita, não sei se devia ter feito, mas eu acabei fazendo, porque lia e pensava “meu Deus, que criança escrevendo!”. Tinha umas coisas assim, “o Mário...” – tem uma que eu deixei, que era assim “aí, de repente, entrou no terreiro um senhor de 35 anos (...)” [risos], eu tinha 27. Hoje em dia eu teria dito “um menino de 35 anos.”. Então eu fiz essa reescrita, uma escrita mais adulta, digamos assim.

K.K. - Mas em relação ao Jorge, não houve nenhum pedido dele de modificação, quer dizer, a tese foi como estava?

Y.M. - Foi, foi basicamente como estava. Eu só corrigi, enfim...

K.K. - O *copydesk*.

Y.M. - O *copydesk* mesmo e ele aceitou. Ele só me deu esse toque muito importante, porque é um toque de editor que você realmente, no momento em que o livro é publicado, você vira autor. E isso tem um peso enorme na sua vida. Não só por, enfim, o assédio da imprensa, como também a sua postura diante da coisa. Uma coisa é você escrever uma tese que está lá, um manuscrito, um trabalho de faculdade. Outra coisa é você ter uma atitude de... Tanto assim, que eu não tenho uma relação muito boa com os editores. Apesar de eu ser muito amiga da Cristina, eu não consigo conversar muito, eu sempre acho que não vai dar certo aquela conversa, e eu já fico nervosíssima. E eu tenho muitas outras editoras que são minhas amigas e a gente sai, Cristina é minha amicíssima, fez parte do comitê da editora quando eu fui da editora e tal. Mas quando eu vou conversar sobre o meu trabalho eu não sei vender, eu não sei falar e acho difícil. E também acho – eu fui editora também, não é? Da editora da UFRJ – e acho o trabalho mais difícil que existe no campo acadêmico é ser editor. Por isso eu admiro os que fazem coleções, porque eu acho que é realmente um trabalho de – que eu acho que o Jorge fez muito isso – de resgatar pessoas e de tentar publicar com uma crença de que aquilo é importante mesmo, não é? É diferente da literatura, por exemplo, esses editores de literatura, quando você olha grandes títulos dos editores, eles vão no certo. Tanto assim que tem muita tradução hoje, em matéria de literatura internacional, você tem acesso no mesmo ano... Sai o livro do *best-seller* lá e a gente já tem tradução, já tem tudo pronto, porque vem o pacote, o pacote da propaganda, da imprensa, de tudo. E nas ciências humanas eu acho que é muito mais difícil, realmente, você tem que acreditar que é importante aquilo. Eu acho que o Jorge acreditava nisso e ele sofreu um baque muito grande, eu acho que a Cristina sabe disso, porque a xerox destruiu um pouco todo a busca brasileira de autores e também de publicar textos que sejam importantes na formação dos outros. Porque você publica o *Guerra de Orixá* e sai mais barato você xerocar do que comprar. Só recentemente que eu acho que as pessoas estão voltando com essa vontade de fazer sua própria biblioteca e tal. Então, eu acho que o meu livro foi um pouco escandaloso, assim. E o *Utopia Urbana* também. Eu acho que o Gilberto insistiu muito. Bom, eu acho que o *Utopia Urbana* foi mais que um *best-seller*, um livro que até hoje... O meu eu acho que aproveitou o boom da umbanda naquele momento, não é?

KK: É a terceira edição?

YM: Essa é a terceira edição, mas não vende muito. Eu acho que as pessoas xerocam muito. E também a umbanda está caindo de prestígio. Eu namorava um comunista nessa época, então.

Eu namorava o Marcelo Abreu, que era mesmo do Partido Comunista. Então, eu acho que essa nossa geração é uma geração que era mais... Não sei, eu vivi toda essa transformação sem muito... Nem podia, se eu fosse temer pela minha queda de status, era impossível. Porque eu não tinha mais pais, eu não tinha quem me desse dinheiro, não tinha nada disso. Para mim, casar com o Gilberto e morar naquela casa era uma coisa maravilhosa, porque eu estava casando com a pessoa que eu era apaixonada, a pessoa que eu admirava e tendo uma casa só minha – imagina você ter nove irmãos e cuidar daqueles irmãos, então foi uma espécie de libertação. E nós fizemos um apartamento todo lindo, até um irmão meu que deu o dinheiro para a obra, o pai ajudou com sei lá o quê, então era um lugar muito agradável! Mas aconteciam coisas horríveis, e ele teve esse saque: eu lembro muito bem do dia que ele teve o saque da *Utopia Urbana*, porque para a gente ter esse apartamento, o apartamento era alugado, quem morava lá era um tal de seu Américo. Seu Américo, a gente deu um dinheiro para ele sair do apartamento e ele foi morar no próprio prédio, e eu me lembro do Gilberto dizendo “mas Yvonne, por que é que esse homem gosta tanto daqui?”. Então, um dia ele foi, eu lembro disso, a gente saiu junto e deu de frente com o seu Américo, que era nosso vizinho de porta e aí ele falou, irritado daquele jeito do Gilberto: “mas seu Américo, o que é que o senhor vê de tão bom aqui nesse prédio?” e aí eu acho que ele falou essa frase “se tivesse cemitério eu queria ser enterrado aqui” ou uma frase dessas que ficou marcado. E o Gilberto disse “é isso, Yvonne, ele se sente maravilhoso aqui porque ele saiu...”, não, ele falou assim: “para quem saiu da Tijuca isso daqui é maravilhoso” ou “para quem saiu de não sei o quê, Grajaú, sei lá onde ele morava, morar em Copacabana era uma maravilha.” e tal. Então o Gilberto falou “é isso, Yvonne”, ele teve aquele “esblingue”, “é isso, Copacabana é símbolo de status e ascensão social e tal, tal, tal.”. Então eu acho que foi uma experiência para ele também, para o Gilberto, de uma certa aceitação do que é que era morar ali. Mas ele – para mim, eu acho – também ficou tudo mais claro, o que significava socialmente estar morando ali, num lugar que era visto para quem morava na zona norte era um lugar valorizado, mas para quem morava no Leblon, ao lado da praia era uma coisa...

CC: Agora como ex-moradora de conjugado, curiosidade: *Edifício Master*, você viu?

YM: Vi.

CC: Qual é a sensação?

YM: Olha, é uma visão. Eu acho que é uma visão de hoje sobre aquilo, ou da época. O *Edifício Master* é de 80 e tal?

KK: Não, 90 e... 2000 e alguma coisa, 2001.

YM: Eu vi, eu passei até para os meus alunos esse filme recentemente. E acho que é uma visão recente. Porque não se esqueça que eu casei com o Gilberto em 68, esse ano foi um ano muito importante para o Brasil, foi o ano do golpe, do...

CC: Do AI-5.

YM: Do AI-5, quer dizer, o Brasil era um outro Brasil. Então, eu lembro muito da ida lá, de conhecer aquele apartamento num prédio com aquele corredor enorme e de a gente ter descoberto que não tinha tantas prostitutas e não era essa coisa que falavam, de o prédio mal falado e não sei o quê. Que não era bem assim, que eram famílias, que as crianças andavam naquele corredorzinho e tal. Mas não sei, eu não gosto muito desse filme, eu não acho que talvez seja um filme... Talvez por isso, porque a minha visão daquilo seja totalmente outra. Aquela época ainda se fazia... Aqueles tipos de apartamento foram proibidos depois, então aqueles foram os últimos apartamentos possíveis, não é? E, afinal de contas, não sei, eu acho que o *Edifício Master* é meio glamuroso, sabe? Pega aquelas velhinhas falando um pouco sobre... Muito isoladas, muito sozinhas. E não é isso, Copacabana é um lugar que pode ser a sua cidade do interior: você faz os seus amigos, você escolhe os seus amigos. Mas eu morei ali e não tinha relação nenhuma com aquelas pessoas, todos os porteiros me conheciam, eu podia ficar ali sozinha, muito mais segura – eu me sentia – do que na minha casa, sabe, a minha casa de três andares que entrava ladrão. Um lugar muito mais... Então, não sei, não sei bem se é aquela visão que eu tenho... Eu também não sei se, quer dizer, o Gilberto também focou muito mais nessa questão de como as pessoas estavam ali pensando na sua ascensão social. E eu acho que ele tinha toda razão de fazer aquilo, porque aquele livro eu acho que é revolucionário, no sentido da antropologia, porque é quase como rediscutir essa questão de estratificação social, que era um assunto mais da sociologia, mas de um ponto de vista da descrição do cotidiano e tal. E ele não podia descrever tudo, mas tinha muitas pessoas que eram amigas que se... E depois eu voltei, quando eu me separei do Gilberto em 76, 75, sei lá, nem me lembro, eu fui morar num apartamento que não era um conjugado assim, mas era um apartamento na Barata

Ribeiro, na esquina da Figueiredo Magalhães, décimo andar, de frente. Era uma coisa, assim, que uma água nunca ficava parada, tremia por causa dos ônibus, do barulho e tal.

KK: Você foi morar sozinha.

YM: Eu fui morar sozinha. E nesse apartamento eu revivi muito aquelas coisas, só que aquele apartamento da Bolívar era muito mais aconchegante, e eu acho que os porteiros eram mais solidários... Ali também morreu uma pessoa jogada.

KK: Yvonne, mudando um pouco também um certo contexto da época que a gente não costuma falar muito, mas por você ser órfã, talvez isso suscite. A questão da sobrevivência numa carreira de ciências sociais, isso se colocava? Você acaba dando aula em dois lugares. Você se sentia assim “poxa, conquistei o meu lugar” ou você dependia ainda muito dessas redes, ou do próprio marido, você se sentia insegura nessa altura? Porque aí você vai morar sozinha, é um momento assim de...

YM: É, eu acho que quando eu casei com o Gilberto foi uma espécie de proteção, tinha uma família, tinha o general, que foi uma pessoa muito importante na minha vida, muito carinhoso comigo sempre. Eu admiro muito o general e acho que ele foi uma pessoa muito importante na vida do Gilberto e na minha vida. Então, eu me sentia... Mas eu sempre fui e quis ser autônoma, eu nunca vivi com dinheiro de nenhum homem depois do meu irmão Sérgio. O Sérgio foi o meu tutor, e eu tinha uma relação com ele de muita amizade, de quase como que uma... Desde pequeno nós dois éramos muito juntos.

KK: Ele já faleceu?

YM: Já. E quando a gente... ele me sustentou depois que o meu pai morreu e até uma certa idade, mas isso foi um peso muito grande para ele e eu acho que um dia ele chegou e falou “não vou dar mais dinheiro para vocês” e me deixou sozinha com as duas irmãs mais novas, um monte de empregada, aquela casa enorme e tal.

KK: Você tinha que idade?

YM: Eu tinha 19, eu acho. Então, nesse dia eu jurei “eu nunca mais dependo de homem nenhum”. E quando eu entrei na faculdade e comecei a fazer aquelas coisas, fazia coisas para ganhar dinheiro e tal, eu nunca pensei...

KK: Que tipo – desculpa – que tipo de coisas?

YM: Fiz tradução, eu trabalhei em negócio de consultório médico, de atendente, eu fui foca do Estadão, eu fui, enfim, eu fiz milhares de coisas – e sempre dependendo de alguém, lógico, porque tinha... As minhas irmãs casaram antes de mim, eu fui a última da minha família, enfim, e eu quando casei com o Gilberto a gente tinha uma bolsa, a gente casou com uma bolsa de iniciação científica, mas dava, porque a gente tinha o apartamento e tal. Comida não era uma coisa tão cara, a gente vivia relativamente bem. E quando eu me separei é que teve problema, porque durante todo o tempo em que eu fiquei casada eu preferi ter – tinha aquele negócio de 20 horas ou 40 horas e eu era de 20 horas. Então, quando eu me separei eu falei, “bom, eu preciso agora ter mais dinheiro”, então o CUP estava abrindo e eu, então, fui uma das fundadoras dessa faculdade. E eu tinha muito medo, durante muito tempo eu fiquei com esses dois empregos, porque eu tinha muito medo de acontecer alguma coisa e eu perder tudo. De ser acusada, de ser... Então, eu acho que, quer dizer, a sustentação, o dinheiro era uma coisa importante, mas hoje eu penso assim “por que é que eu não me casei com um homem rico?”, entendeu? Eu nunca pensei em dinheiro. Nem quando eu pensei num emprego, eu pensava numa segurança, eu sempre dizia isso “eu não quero viver desse negócio de tradução”, porque ao longo da vida as pessoas vão te “ah, imagina, você vai ser professora” e eu falava “eu quero um serviço público”, nunca pensei, não pelo dinheiro, mas por aquela coisa de você ter uma ancoragem. O fato de ter conhecido o Luiz Alphonsus e ter me apaixonado por ele e ele ter me dado segurança em outras áreas que eu não tinha e, também, nós tivemos um filho que foi aquilo que prende você à vida mesmo. Eu me lembro que quando o meu filho nasceu eu logo olhei para ele e falei “poxa vida, o Jorge falou para eu ter cuidado depois que eu virasse autora, mas ele não me disse como era difícil ter um filho.”, logo ele, não é? Que teve filhos, tantos problemas e tal. Porque realmente, o filho muda a sua vida de forma radical e hoje eu acho que falo desse meu passado muito entrecortado, porque, hoje, eu acho que tenho uma vida que só foi possível por causa daquele início, mas que de certa maneira só foi bem vivida por causa dessa continuação. E eu tenho essa frustração, que eu não consegui juntar e conviver com...

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 28/09/2009

K.K. – Yvonne, Como você sabe o projeto tem esse foco na relação entre Ciências Sociais dos países de língua portuguesa. E você tem um papel nessa história muito importante pela relação que se estabeleceu entre o IFCS e Moçambique através da Fundação Ford. Você podia falar para a gente um pouquinho sobre esse projeto? Como é que a África entrou...?

Yvonne Maggie – Então, a história foi assim... Tem uma ligação a ver com o crescimento do IFCS e com a nossa relação com o Peter Fry. O Peter foi para a Fundação Ford, eu acho que em 1987, como representante aqui no Rio. E em 1988 nós fizemos um grande evento que foi uma pesquisa sobre as comemorações e críticas e tal aos 100 anos da abolição da escravatura com financiamento da Fundação Ford. Um grupo de algumas recém-doutoras mulheres, todas. Uma equipe grande, com a Heloísa Buarque coordenando e tal. E nessa ocasião que o Peter tinha voltado para o Rio, ele estabeleceu uma relação muito intensa, assim, com o IFCS. Nós éramos uma instituição, naquela altura, meados da década de 1980, bastante desprivilegiada no cenário... Não que não houvesse pessoas na elite acadêmica, mas a instituição não era uma instituição de prestígio. Ao contrário, era uma instituição extremamente criticada... A gente não conseguia realmente organizar uma pós-graduação mais competente e tal. Então, o que é que aconteceu naquele momento? Ele começou a ir no IFCS e a gente... Bom, Peter sempre foi meu amigo, desde que chegou ao Brasil, desde o primeiro dia, meu grande amigo, meu irmão, mas na verdade, no instituto ele começou a ver, nesse momento, que ele estava no Rio, não é? Pela... Quando ele veio como professor visitante, depois como representante da Fundação Ford... E achou nosso clima muito interessante. Muito mais rico que muitas instituições porque a gente tinha uma grande graduação, que era uma coisa de muitos aspectos e porque lá tinha aqueles alunos... é... de muitas cores, não é? E de muitas classes sociais também. Era um ambiente realmente interessante. E a gente estava iniciando um programa que, sem verba, sem nada, que um grupo de professores se reuniu e achou que, para melhorar a nossa graduação, a

gente tinha que fazer alguma ligação da pesquisa com o ensino. Porque aqueles alunos entravam lá, ficavam vendo o que é que era Weber, Durkheim, Marx e na verdade não tinham nenhuma relação, assim, com a vida deles. E a pesquisa poderia ser esse link. Eles não sabiam nem o que é que a gente fazia. Então a gente bolou esse Laboratório de Pesquisa Social, que estava iniciando naqueles anos e o Peter, então, na Fundação Ford, como representante aqui no Rio, um dia me falou: “Yvonne, eu quero ajudar você de alguma forma, tá?”. Era uma relação muito pessoal. Eu sempre fui uma pessoa muito pessoalizada. E falei para ele: “Bom, eu nunca tive um dinheiro grande. Mas para ter um dinheiro grande eu não quero uma coisa só para mim, eu quero uma coisa para a instituição.” E aí a gente decidiu que seria para o IFCS e para o laboratório. Então eu reuni todos os meus colegas do, naquela época, Departamento de Ciências Sociais, e fizemos, então, o primeiro projeto que foi financiado durante dez anos pela Fundação Ford, cujo objetivo era exatamente integrar as pessoas mais pobres, mais moradores da periferia e tal, junto com os estudantes mais de classe média, enfim, que já tinham uma trajetória mais clara. Então eu sempre me entusiasmei com esse projeto porque eu sempre ia nas formaturas no final do ano e era aquela coisa dramática. Você via todos aqueles filhos dos seus amigos, sabe? Gente que mora no Leblon... E os outros a gente não via. Custavam a se formar ou não se formavam. Então a gente fez um investimento enorme para formar essas pessoas e realmente foi uma coisa extremamente bem-sucedida. E nesse momento... Então a gente organizou a coisa em termos de núcleos de pesquisa, os professores com todos os alunos, bons e maus, ricos e pobres, brancos e pretos, escuros e claros. E foi uma experiência muito rica, porque aí o curso começou a fazer um certo sentido. Isso foi em 1988. No final de 1988, o Peter foi para Zimbábue como representante da Fundação Ford e Harare. E Harare tinha uma ligação com Moçambique. A Fundação Ford, o escritório lá tinha uma ampla gama de países. E um deles era Moçambique e Moçambique estava em um momento extremamente importante da sua história porque ele estava saindo de uma guerra civil, as negociações de paz já estavam em andamento e, sobretudo, o programa de reconstrução econômica. De alguma maneira, em 1989, quando eu fui pela primeira vez lá, o programa da reforma econômica já estava em andamento. No início, não é? Mas a Universidade Eduardo Mondlane, que é a Universidade de Moçambique, ela era muito voltada para profissões, enfim, formação de médicos, engenheiros... E não havia curso de Ciências Sociais. Então o projeto que nós bolamos foi um projeto de formação de professores ou de... Primeiro de estudantes de Ciências Sociais que pudessem depois voltar e fundar um curso de Ciências Sociais lá. E foi muito incrível porque

eu embarquei nesse projeto primeiro porque eu achava que se encaixava totalmente dentro do programa e do projeto laboratório, que eles podiam se integrar em vários núcleos. E nós usamos para fazer essa relação, todos os instrumentos que o Ministério da Educação já tinha estabelecido... Porque você sabe que a independência dos países de língua portuguesa na África teve uma participação muito importante dos embaixadores brasileiros. E... Eu agora vou esquecer todos os nomes, mas... É... Os embaixadores brasileiros, não só foram importantes nisso, como no estabelecimento de uma rede no Brasil com instrumentos para a facilitação da vinda de africanos para estudar aqui. Então o MEC, nos anos 60, final dos anos 60, depois início dos anos 70 e depois, aprofundando depois do processo da independência, em 1975, eles estabeleceram, então, um convênio de cooperação que foi Programa de Estudante-convênio, que depois da independência foi muito importante na troca de estudantes, sobretudo na vinda de estudantes para cá. Mas esse programa era muito interessante porque na verdade o Brasil tinha um certo controle sobre quem vinha, mas normalmente eram os governos locais que enviavam os filhos dos seus... É...

K.K. – Protegidos.

Y.M. – É, protegidos deles mesmos, não é? A elite, mesmo depois da independência, mesmo com o socialismo, todos os que vinham eram filhos dos presidentes, dos ministros e tal. Primeiro porque o aporte econômico que o Ministério da Educação e do Itamaraty aqui davam era muito pequeno. E segundo porque... Enfim, apesar do socialismo, o clientelismo ainda era forte e então eu considerei, junto com o Peter, que o importante seria a gente fazer uma prova de seleção, fazer entrevistas com...

K.K. – A Gláucia conta que foi com o Marco Antônio de cidade em cidade selecionando alunos.

Y.M. – Então, nós fizemos... O Peter é sempre uma pessoa muito criativa. Nesses cargos ele fez a coisa muito bem feita. Então a *bolação* obviamente era dele. Porque ele conhecia toda a situação da África e eu, era a primeira vez que eu estava indo lá. Então...

K.K. – Que ano foi isso?

Y.M. – Em 1989 nós fizemos uma primeira visita a Moçambique indo... Porque Moçambique naquela... naquela época tinha cinco escolas pré-universitárias. O socialismo no Moçambique foi importante nesse sentido de desenvolver mais a educação e dar mais atenção a isso, mas ainda era um país muito novo e era um país com pouquíssima educação, sobretudo educação superior e... Todo o assimilacionismo português se baseava em um princípio, que é muito comum no Brasil também, da peneira, não é? De você ir expulsando as pessoas da escola, do... Então...

K.K. – Quem foi com você nessa primeira viagem?

Y.M. – A primeira vez fui eu, Marco Antônio e Peter. Então a minha entrada na África foi uma entrada por um caminho muito especial. Primeiro com um grande africanista, e segundo com um etnólogo, que tinha essa visão, não é, das sociedades tradicionais, que nem sempre as pessoas têm quando vão na África. Porque a África passa a ser, assim, o lugar da pobreza. Sim, é pobre, lógico. Moçambique é o país mais pobre do mundo – ou era, naquela altura –, mas ao lado da pobreza tem também uma cultura material muito simples, uma opção cultural, digamos assim, se pode falar isso mas... Então eu fui a primeira vez e a gente foi nas cinco... Na verdade, fomos a quatro províncias. Porque tinham quatro em cada... Tinha cinco províncias, em cada província, uma escola. Só não fomos em uma delas porque a guerra impediu a gente de... Ainda estava em guerra, Moçambique, em guerra, uma guerra civil cruenta, em que você só podia andar de avião. O avião chegava, em algumas regiões ele nem baixava, assim, normalmente. Ele baixava, rodando, assim, sabe? Para ficar longe dos morteiros, dos... E então nós chegamos... Nós fomos nessas... Com o apoio do Ministério da Educação lá, porque fizemos tudo através dessas ligações...

K.K. – Dos convênios.

Y.M. – De convênios e institucionais. Então eu conheci o ministro da educação, que era uma pessoa muito engraçada, e fomos com o pessoal do Ministério da Educação de lá, os representantes, em cada uma dessas escolas falar com os diretores e programar a vinda da primeira equipe que viria escolher os alunos. E era a primeira vez que em Moçambique tinha escolha através de entrevistas. Em geral as pessoas eram afetadas. Essa palavra “afetada”, eu

aprendi em Moçambique, tem um sentido que nós não damos no Brasil, que é – eu não sei se eu já falei disso – uma espécie de designado obrigatoriamente. Você era *afetado* para a guerra. Então as crianças quando chegavam em uma certa idade, eu acho que na quarta ou quinta série, elas eram afetadas ou para a guerra ou...

K.K. – Para o estudo.

Y.M. – ...para o estudo. E isso era uma coisa dramática porque os...sei lá quem, os responsáveis, eles chamam lá das *estruturas*, eles falam assim, “as estruturas”, que eram os funcionários públicos. Iam na casa das pessoas e arrancavam os que eram afetados para a guerra. Então, é... Lá tudo era na base da designação obrigatória. E nós fomos os primeiros que chegamos lá com uma opção de escolha, ou seja, digamos assim, que nós introduzimos uma versão neoliberal do sistema, não é, que já estava se transformando.

G.V. – Individualista, talvez.

Y.M. – Talvez. É. Não, mas mais do que individualista. Porque quando você imagina um país que enviava para Alemanha Oriental, chusmas de meninos para Cuba. Ficavam lá durante dez anos fazendo curso. Esqueciam até onde era a sua casa, como é que era a sua mãe, entendeu? Isso era uma proposta de centralização do estado. Foi aí que eu perdi todas as minhas ilusões socialistas que porventura ainda existiam. Porque eu vi, quer dizer, que não era um problema de aplicação do socialismo que era problemática mas, a própria noção mesmo, a própria cosmologia, de você centralizar todas as decisões de uma forma tal que as pessoas passavam a não ser mais indivíduos. Bom, então eu fui nessa primeira vez com eles, os três e depois voltei, na segunda vez, em 1990, acho que voltamos também eu, Peter e Marco Antônio. Em 1992, quando eu fui a Moçambique, eu fui já convidada pela universidade para dar um curso lá no Departamento de História, porque não havia ainda o curso de Ciências Sociais.

K.K. – E você fica várias semanas ou vários...?

Y.M. – Eu fiquei três meses em Moçambique em 1992.

K.K. – Três meses? Foi o maior período de...

Y.M. – É. Foi um período longo.

K.K. – Nessa altura já havia alunos no IFCS...

Y.M. – Já tinha alunos terminando, por exemplo...

K.K. – Quantos alunos vieram, você tem noção?

Y.M. – Vieram, durante cinco anos... Não, durante quatro anos, cinco alunos por ano. Foram vinte. Desses vinte, só um ficou no Brasil. Alguns ficaram aqui mais tempo porque fizeram doutorado, foram para o Museu, foram para o IUPERJ e... Todos, a grande maioria voltou para Moçambique. Uma parte deles é professor na Eduardo Mondlane. Outros... Bom, a maioria trabalha em ONGs e... O Cristiano, que era o nosso mais brilhante, Cristiano Matsinhe, que era de Maputo... Na verdade ele foi selecionado em Beira porque ele era filho de pais separados e eu acho que a mãe era de Beira e o pai de Maputo. E toda essa questão geográfica em Moçambique era muito complicada. Então nós fomos... Essas escolas pré-universitárias eram escolas que tinham semi-internato ou internato. Então os alunos ficavam em uma coisa que eles chamavam LAR, que era uma espécie de lar mesmo, de internato.

K.K. – Colégio interno.

Y.M. – É.

K.K. – E você ia falar do destino do Cristiano, o que é que aconteceu com ele?

Y.M. – Então, o Cristiano foi o nosso aluno, talvez o meu aluno mais brilhante.. Eu lembro muito do dia em que nós nos encontramos naquela escola em Beira. E ele muito jovem. E eu também... Eu me considerava velha, mas eu devia fazer uma certa impressão porque eu chegava lá, aqueles... Em geral as cidades eram muito africanas, não é? E, chegava aqueles dois brancos, um de olho azul e outro. E o Marco também, não é? Uma pessoa estranha também, meio índio,

meio de olho verde. Ele... Eu lembro muito dele chegando para mim, olhando nos meus olhos e falando: “Professora, eu tenho certeza que eu não vou lhe decepcionar”. E a vida dele aqui no Brasil foi uma... uma coisa muito impressionante, assim de... Por que? Não só ele, como todos aqueles que vieram naquele período sofreram. Sofreram porque de.. O projeto que tinha sido estabelecido, inclusive o Cândido Mendes foi um dos responsáveis por fazer esse Programa Estudante Convênio, naquela época, com Centro de Estudos Afro-asiáticos – a gente fez isso também com convênio do Centro de Estudos Afro-asiáticos –, a ideia era não botar os moçambicanos todos juntos em um programa só. Era meio que botar eles isoladamente, porque havia uma ideia de que eles poderiam se tornar um quisto e, Enfim. Mas o que aconteceu aqui foi uma coisa interessante. Esses meninos vinham de Moçambique completamente críticos ao socialismo. Uma experiência socialista que tinha destruído.. O lema do Samora Machel era: “É preciso matar a tribo para fazer nascer a nação”. Então toda essa ideia de que a tradição era ruim e que era preciso romper isso. Moçambique fez o maior projeto de encampação, sei lá como é que chama, de encampar os bens, não é? Ninguém era proprietário de nenhum imóvel. Todos foram distribuídos nas cidades, como no campo, e a sociedade tradicional era vista como uma sociedade coletivista. Eles tinham lido *A origem da família* e tal. Eles estavam com essa visão da sociedade tradicional como uma sociedade muito coletivista. Então eles chegavam no campo: “Vamos fazer uma aldeia coletiva”. E a aldeia coletiva significava botar o centro da aldeia coletiva na terra de alguém. Bom, isso foi o início do estopim da guerra civil. Quando a gente chegou lá, eu e Peter, nessa primeira vez, uma das perguntas que a gente fazia era, enfim: “Então, e a guerra?”. Enquanto que em Maputo todo o discurso da guerra era um discurso sobre a maldade da África do Sul, do racismo, da Rodésia, parara, parara... No campo eles diziam...No interior, nessas províncias mais no interior, eles diziam: “Isso é uma guerra entre irmãos”. E essa coisa da guerra entre irmãos foi muito importante lá porque foi uma guerra civil, mas, ao mesmo tempo ela foi de alguma forma produzida por uma certa versão de um Estado centralizador, não é? E...

K.K. - Você estava falando que eles, aqui, foi muito sofrido...

Y.M. - Então, o que é que acontece? Quando eles vieram para cá, eles vieram em uma espécie.. Dentro de um clima que era uma espécie de Glasnost, entendeu? Dos países africanos socialistas. Porque? Um antropólogo francês esteve em Moçambique, foi o responsável por...

É a única etnografia de guerra que eu conheço na qual o pesquisador foi à guerra. Chama-se *Les causes des armes au Mozambique*, que é um... François Geffray, o nome do... Ele até já é falecido. Ele teve no Brasil também, fez um trabalho sobre a Amazônia muito importante, muito crítico também. E esse livro influenciou a política de alguma forma. Não só o livro, o primeiro relatório que ele fez e, na época, havia um ministro que até hoje vive no Brasil, casado com uma brasileira, o José Luis Cabaço, ele estimulou esse antropólogo a fazer essa pesquisa e foi muito importante então para mudar, para toda a modificação do socialismo e o fim do socialismo em Moçambique. Então esses meninos vinham para cá com uma visão hipercrítica do socialismo e baseado, obviamente, não só na sua experiência pessoal, mas, na própria leitura do Geffray e tal. E quando chegaram aqui encontraram esses alunos totalmente... Que não... Você sabe que os brasileiros são, mesmo estudando Ciências Sociais, nós somos muito voltados para nós mesmos, não é? É um país de fronteiras tão grandes e no entanto... Eu sinto isso diariamente. O mundo existe por acaso, porque na verdade nós estamos muito pensando na gente mesmo e tal. E então a queda do muro de Berlim, no IFCS, demorou muito. Acho que até hoje não caiu, sabe? Então, aqueles meninos chegaram aqui e bastava abrir a boca para falar alguma coisa, que eles foram logo tachados de direita, de, enfim, traidores do socialismo e tal. Então foi uma coisa muito dura, não é? E isso não só entre os alunos mas sobretudo instigado pelos professores, por alguns professores que, enfim... Infelizmente eu também, nesse momento, assumi posições no IFCS de direção. Eles vieram, a primeira turma em 1990 e ficaram aqui até... Bom, muitos ficaram até depois do... Mas eu lembro na campanha para a direção do IFCS e depois na comemoração dos... Em 1995, foi a comemoração dos 20 anos da Revolução... da Independência.

G.V. - Da Independência.

Y.M. - Porque eles falam Revolução. Às vezes falam Independência. Então nós fizemos uma... Chamamos o tal embaixador que eu esqueci o nome, que é muito amigo do Peter aliás, e fizemos uma festa. E foi muito duro porque houve um boicote da parte dos outros alunos, que não tinham o menor interesse em Moçambique porque eles tinham essa visão de que aquilo era um país socialista, que aqueles alunos... Então houve uma dificuldade muito grande de entrosamento, não é? Entre eles...E o Cristiano foi um...Foi um grande, eu acho, ele compreendeu a situação logo de cara. Os outros eu acho que sofreram mais, enfim. Mas eles

não tiveram dúvida de que lado eles estavam da justiça das posições dele. E então, eu lembro que na minha campanha o Cristiano me ajudou a fazer faixas... E foi, enfim... Não se importou muito com esse...com essa crítica, assim. Mas eles fizeram um excelente curso, depois o Cristiano foi para o Museu, fez o mestrado. Voltou para o IFCS, fez o doutorado no IFCS. E muitos deles terminaram o mestrado e doutorado acho que foi o Cristiano e... Eu acho que o Sérgio, um que é de Beira, que está em Beira, eu acho. E que hoje eu acho que é meio um político. A gente achava até que o Cristiano ia ser até, talvez fazer uma carreira política, que ele ia... Mas ele optou por um caminho diferente, ele é hoje professor da Universidade Eduardo Mondlane, no curso de Ciências Sociais que foi criado e ele tem uma ONG chamada Kula, que é uma ONG... Enfim, dedicada a... Durante muitos anos ele trabalhou com a Janete Mondlane, porque o Eduardo Mondlane, que dá o nome à Universidade, foi o grande líder da independência que morreu. Naquela época, realmente a África do Sul e a Rodésia tiveram muita importância nessa coisa... Mandaram uma bomba, não é? Uma carta-bomba. Era para o ajudante de ordem, que era o Chissano, que era... que foi logo...depois do Samora Machel, ou era o Samora Machel, não sei, um dos dois que tinha que ter aberto. Mas não sei, deu uma confusão na hora, típica dos países de língua portuguesa que os protocolos não são muito seguidos à risca, e o Eduardo abriu a bomba e morreu. E a mulher dele era uma... O Eduardo Mondlane fez a universidade, era antropólogo, se formou na Northwestern, eu acho. E muito interessante porque ele casou com essa americana, branca, que passou a vida dela em Moçambique e nos últimos anos se dedicou à questão do combate... dos programas de aids, não é? De combate à aids e de, enfim. Que em Moçambique foi muito bem-sucedido. Muito melhor do que, por exemplo, a África do Sul, é um programa nacional e logo que começou eles não tinham os remédios e também não era como o Brasil, que logo adotou políticas universais. Mas atualmente eu acho que já têm políticas universais. O Brasil, aliás, é um grande auxílio nisso, nos remédios e tal. E Moçambique, diferentemente dos outros países, mesmo de Angola, eu acho que é um país muito moderno. E mesmo com toda essa discussão sobre tradição e modernidade e tal, Moçambique é uma esperança enorme na África. Eu voltei lá em 1998 e já era uma diferença, assim, impressionante de desenvolvimento econômico, de...

K.K. - Na universidade você foi fazer o que?

Y.M. - Não, na volta nós... Não, o Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, em 1998, foi em Maputo.

C.C - Foi a última vez que você foi a Moçambique?

Y.M. - Foi a última vez. Eu agora estou com vontade de voltar porque o Cristiano está.. Vai se casar, eu acho que agora em fevereiro. Já tem dois filhos e tal. Mas é... Eu gostaria de voltar.

K.K. - E Yvonne, como é que foi essa gestão, essa ideia do Congresso Luso-Afro? Porque tinha um grupo no IFCS também pensando isso, ou não? Veio de fora?

Y.M. - Não, o nosso congresso foi em noventa e...

K.K. - E seis.

Y.M. - E seis. É. Certo. Então, foi nesse congresso...

K.K. - Mas não é...

Y.M. - ...que se decidiu, em 1998, ser em Maputo.

K.K. - Sim, mas não é o primeiro Luso-Afro, esse de 1996. Você já tinha participado antes...

Y.M. - Não, não. Nunca tinha participado. A negociação nem passou por mim. Na verdade caiu no meu colo porque alguém tinha ido...Essas coisas internacionais no Brasil a gente não sabe muito bem como é que acontece. Os congressos e tal, não é? Tem umas pessoas que vão, fazem as relações e tal. O Boaventura de Souza Santos, que é um senhor muito... Que nos anos 1970 esteve no Brasil, ele fez pesquisa aqui e tal. Eu conheci ele naquela época. Ele meio capitaneava as pessoas do IFCS. Algumas pessoas. Então, havia duas propostas. Uma no IFCS e outra no Sul, em Porto Alegre. E eu lembro muito bem porque eu era diretora e eu morro de medo de

organizar coisas, congressos, coisas grandes. Eu gosto de tudo pequenininho e tal. Aí, a Elina, que era a professora que estava trazendo essa ideia, lutou para ser no IFCS. Eu me lembro muito bem disso. Ela lutou muito com o pessoal lá de Porto Alegre e tal, para trazer...

C.C. - O congresso.

Y.M. - E foi um dos congressos mais interessantes. Porque? O que é que acontece nessas redes internacionais? Logicamente que Portugal ganha todas. Porque para você ter contato com os países de língua portuguesa na África, você tem que fazer um certo esforço de romper certas barreiras, de.. Enfim, o custo... Essa é a minha visão que é uma visão de uma pessoa que participou, assim, desse programa em Moçambique, eu via a ligação de Moçambique com...

K.K. - Portugal.

Y.M. - ...com Lisboa, com Portugal. Era muito intensa e muito interessante porque... Bom, por exemplo, abria um espaço para um professor no Departamento de História. A primeira pessoa que eles pensavam não era um brasileiro, era um português, claro, a ligação é óbvia. Então, da mesma maneira, quando a gente estava organizando o congresso aqui, o esforço todo nosso, e o Peter foi fundamental nisso, porque o Peter ajudou a trazer o congresso e ajudou a trazer, no congresso, a partir da sua rede na África e na África de língua portuguesa trouxemos – talvez tenha sido o congresso com maior participação de africanos, tanto de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e eu até... Uma das bandeiras que eu guardei foi a de Guiné-Bissau. Porque todo mundo levou suas bandeiras, mas essa alguém esqueceu lá. Então eu guardo essa bandeira com muito carinho porque foi realmente uma coisa muito emocionante, você ver.. Mesmo para os portugueses aquilo é muito raro, você ter pessoas nessa quantidade, não é? Foi um...

K.K. - Tem fotos e documentos desse congresso?

Y.M. - Tem algum documento, lógico. Lá no IFCS eu acho que tem, mas...Eu tenho algumas fotos do...

K.K. - Porque é realmente um marco, não é?

Y.M. – Tenho foto do Mia Couto, dessa gente toda que veio. E foi muito... Olha, nós fizemos tudo, toda a programação no IFCS. Tivemos uma ajuda muito grande do pessoal lá do Real Gabinete Português de Leitura, fizemos a abertura lá. O presidente Fernando Henrique foi convidado, mas, não pôde vir. Mandou uma carta, primeira carta que eu recebi do Fernando Henrique, foi muito querido, porque ele deu força e tal. Foi lido lá na sessão de abertura. E, o congresso, o que ficou desse congresso foi uma coisa muito bem-feita pela Glaucia. A Glaucia organizou um livro e a Glaucia também foi muito importante, junto com a Maria Laura, na organização das mesas, dos grupos de trabalho e tal. Sem elas e o Peter não teria sido feito dessa maneira, eu acho. Porque chamamos muita gente mesmo e de muitas facções e variadas... E foi uma experiência muito difícil porque o dinheiro é curto e foi um sucesso tão grande que começou a vir gente, gente, e a gente se comprometendo... E o dinheiro, cadê o dinheiro? Como é que vai? Sabe... Isso tem sempre umas pessoas que são mais democráticas, não é? Você organiza, chama, mas na hora de fazer você divide... mal, não é? Então eu fiquei muito angustiada com isso e teve momentos de... A gente estava iniciando no IFCS toda essa coisa de rede, computador... Ninguém era muito hábil nisso e tinha aqueles funcionários que na hora furava, não por questões religiosas, mas por questões é...de foro íntimo, que a gente nem ousa perguntar...Mas, na última hora, o cara que era responsável por todo o negócio da matrícula online e tal, não veio, no dia da abertura. Então ficou o Peter lá com todas as pessoas chegando e ele tendo que fazer... Enfim, mas nós fizemos um congresso muito interessante em 1996. Em 1998 fomos para Maputo e foi a última vez que eu estive lá. Mas eu tenho sempre contato com o Cristiano. Ele sempre vem aqui. Não só o Cristiano, mas outras pessoas que ficaram muito amigas nossas e que...E tem um trabalho muito intenso. Moçambique é um país muito jovem, não é? Então eles entraram logo nessa... nessa luta da transformação do país e infelizmente toda transformação se dá através de ONGs.

C.C. - Yvonne, você estava falando já do IFCS várias vezes... A gente podia falar um pouquinho da sua trajetória como professora? Quer dizer, você termina a graduação em final de 1968, não é? E começa já em 1969 a dar aulas? No ano seguinte, junto com o mestrado no Museu Nacional.

Y.M. - É, aliás eu comecei a dar aula antes do mestrado. Porque eu comecei a dar aula em março. Foi assim: – eu já contei esse pedaço, eu acho – mas eu entrei no IFCS então em março de 1969 e não tinha o mestrado ainda. O mestrado foi em julho, em agosto, não é? Entramos eu e Gilberto nessa turma que não... Porque teve uma primeira turma no final de 1968 ou início de 1968. Depois teve uma turma no início de 1969 e a gente entrou meio sem prova. Éramos os dois únicos candidatos e... Então, eu comecei a dar aula logo no primeiro semestre de 1969. Esse ano, em março de 1969, fez 40 anos da minha vida institucional. E eu até fiz uma espécie de comemoração privada.

K.K. - Ah é?

Y.M. - É. Eu fiz um... Eu dei aquele curso graças a sua generosidade, porque em geral eu gosto mais...O curso que eu mais gosto de dar é esse curso de introdução, com curso de Antropologia cultural, que é um curso zero, digamos. Primeiro porque está todo mundo vindo das suas escolas, as escolas em geral são mais disciplinadas do que a universidade. Então todo mundo vem animado. E segundo que é uma espécie de um... É um prazer mesmo, você ver as pessoas acordando e querendo se sentir social, querendo... Isso, desde o início eu sempre gostei. Eu não comecei a minha... Eu comecei dando cursos especiais. Eu me lembro que o primeiro curso que eu dei foi um curso sobre... Tinha um curso chamado “O negro na formação social brasileira”, uma coisa assim. E eu dei esse curso. Mas eu gosto de dar... Então esse ano, aquele curso que eu dei de introdução, eu fiz uma coisa que foi bem realizada. A gente fez até um livro. Tentamos, assim, editar o livro para ficar... Eu dividi a turma e propus que a gente fizesse, ao lado do curso, uma pesquisa sobre o Largo de São Francisco. Fizemos então... Cada um escolheu, fizemos uma metodologia mesmo de trabalho. Os alunos, primeiro, começaram a fazer os exercícios etnográficos descrevendo, por exemplo, a sua vinda de casa para o IFCS. Fotografando, filmando, descrevendo até para um pouco aprender o que é essa coisa de descrição, o sentido de descrição. E depois cada um escolheu um tema dentro do Largo de São Francisco, tomando como gancho duas questões: essa questão da transferência da universidade para.. de todos os institutos lá para...

K.K. - Fundão.

Y.M. - Para o Fundão. E a outra coisa, as famosas grades do IFCS, que tiveram um debate muito intenso. Deveriam cercar ou não o prédio, aquela confusão enorme. Então cada um fez uma coisa: um fez sobre o IFCS; outro fez sobre a relação do IFCS com a praça; o outro fez sobre a história; outro fez sobre a polícia; outro fez sobre os.... Enfim, fizemos um apanhado, assim, interessante sobre esse mesmo foco. Então eu comemorei esses 40 anos de graduação e acho que o IFCS me deu... A UFRJ me deu, como eu sempre falo, eu vivi a minha vida graças ao salário da UFRJ e ao ambiente que bem ou mal a gente ajudou a construir, mas também já existia lá, não é? E... Eu costumo dizer que eu nasci no laboratório de Física e agora vou morrer em um laboratório de Ciências Sociais.

K.K. - Essa entrada em 1969, em março de 1969, foi a dona Marina que chamou...

Y.M. - Foi uma coisa muito dramática por que..

K.K. - Tinha uma emoção ou tinha uma...

Y.M. - Tudo dramático. Primeiro eu era *timidíssima*, falava pouquíssimo e morria de medo. Achava que os outros eram inteligentíssimos e eu não sabia nada. Realmente como não sabia~, muita... Não sabia nada. E para mim, a minha timidez diante do mundo e tal. Mas o drama foi que quando nós fomos chamados para dar aula, a coisa mais louca é que os nossos colegas fizeram uma espécie de... Como eu diria? Um julgamento. Eles nos acusaram de estar sendo... cooptando a ditadura, porque a gente estava entrando no lugar dos cassados, e isso era um...Então eu lembro muito que a gente teve que ir para uma sala na qual havia esse grupo que nos julgava e nesse grupo que nos julgava havia pessoas do PC do B, gente, enfim, todas as facções, não é? E eu quase desisti nesse momento porque eu falei...

C.C. - Tipo um julgamento formal mesmo que você tivesse que explicar?

Y.M. - Formal. Tinha que explicar. Tinha que explicar porque que a gente estava aceitando. Obviamente naquela... quando o Gilberto explicava, ele explicava com aquela sabedoria que... “Eu sou maravilhoso” e pronto, não é? Eu fiquei muito angustiada porque eu falava... Bom, eu

não acreditava que eu estava sendo cooptada pela ditadura porque eu tinha certeza que se eu não aceitasse, aqueles que estavam me acusando aceitariam no dia seguinte. Mas de qualquer maneira isso para mim era um problema. O que fazer diante... Isso logo foi um pouco amenizado pelo fato de que há uma segurança você ser funcionário público. No meu caso, para mim, era essencial ter um emprego. Eu era órfã e o meu tutor... Enfim, era o último ano em que eu podia... Eu sempre trabalhei mas eu teria que...Foi um caminho, não é, na minha vida. Mas julgamento foi um julgamento muito, muito severo, assim, muito de marginalizar a pessoa, entendeu?

C.C. - Mas... Só para entender o julgamento... Vocês terminaram condenados ou não?

Ou...

Y.M. – Não, condenadíssimos. Só que nós não abrimos mão de ir lá e assinar o contrato. Quem que podia fazer isso? Ninguém podia amarrar a gente...

K.K. - Moral...

Y.M. - Era uma coisa moral e tal. Mas anos depois...

C.C. - Essa parte... Desculpa...De professores do IFCS?

Y.M. - Não, não. Dos nossos colegas.

K.K. - Colegas de graduação.

Y.M. - De graduação. Nossos colegas que estavam ali, sem emprego, também, entendeu? Então tinha também esse pequeno problema. E eu lembro que anos depois, um dos líderes desse movimento veio na nossa casa e nos deu um presente, pediu desculpas por aquilo ter acontecido porque ele...Foi um erro...Enfim. Mas aquilo me marcou muito como uma primeira... A vida profissional e a vida mesmo, você vai se tornando um indivíduo independente da sua vontade, não é? As coisas vão acontecendo e você vai tendo que segurar as suas opções, como... Você

não... Eu pelo menos, não sei se todo mundo é assim. Eu me considero uma pessoa muito privilegiada e protegida, primeiro por uma família, sabe? Apesar de ter sido órfã aos 15 anos, 12 anos, não sei o que, eu tinha uma família muito cuidadosa digamos assim. E depois a universidade é um lugar de muito conflito, de muita competição, mas é... te protege da maldade de um certo mundo que a gente só começa mais tarde a perceber, entendeu? Que também está lá dentro, mas que, você está preocupado em estudar, em ler, fazer pesquisa, você não...É um mundo, é um mundo bom nesse sentido, não é?

K.K. - Uhum.

C.C. - Bom, e você ficou... Os 40 anos você foi auxiliar, titular, foi diretora, fez toda a trajetória possível lá

Y.M. - Fiz todas as coisas... Primeiro que eu entrei pela mão obviamente do clientelismo, não é? Um certo clientelismo que havia na época, porque nós éramos professores, lógico, escolhidos, vamos dizer...Tudo, tudo isso eu acho que eu vou falar entre aspas porque eu não sei se é verdade ou não, mas eu tenho uma certa visão, claro, que dona Marina ficou muito chegada a nós, mas ela nos escolheu porque nós éramos os melhores, talvez, alunos, eu e o Gilberto, mas também porque nós éramos aquelas pessoas daquelas famílias... As escolhas não são assim... E a gente deu sorte de ter caído na mão de um diretor que era compadre do meu pai, então... Ou afilhado, sei lá. Então tudo isso tem a ver com a estrutura social brasileira, eu acho. O fato de a gente estar lá. Uma sorte da vida. Mas... Então essa entrada também era uma entrada problemática. Porque não era uma entrada assim, fizemos um concurso, tiramos o primeiro lugar. Não era isso. E talvez até naquela ocasião, que não havia concurso, as pessoas fossem mais até cuidadosas.

K.K. - Quando que começa a haver concursos? Assim, quando que seus colegas...

Y.M. - Ah, foi muito depois. Porque durante muito tempo, na gestão do Antônio Celso como chefe de departamento, nós ampliamos o corpo de professores de Ciências Sociais muito,

contratando auxiliares. Chamava colaboradores. E no fim da gestão então do Antônio Celso esses colaboradores foram... É... De alguma lei de não sei o que... Eles foram...

C.C. - Efetivados.

Y.M. - Efetivados. E aí começaram os concursos. Final de 1988 que teve concurso da Rosilene... A Rosilene e a Alba concorreram... Acho que foi esse. Ou início de 1988, não me lembro. Então passou muito tempo... Mesmo esses concursos eram muito raros. Eram concursos... Durante muitos anos o IFCS...Primeiro que não era objeto de desejo de ninguém. As pessoas queriam ir para outros lugares menos para o IFCS. Cheio de polícia. A gente deu aula durante toda a ditadura com polícia na porta. Então não era um lugar... aconchegante, digamos. O espírito continuou. É um lugar hostil. Tem um caboclo que de vez em quando desce e que...

C.C. - Agora apesar disso, Yvonne, você falou que teve dificuldades para criar uma pós-graduação e que no início quando teve, se eu não me engano, primeiro um curso de especialização, depois um mestrado em Ciências Sociais, não é? Não que fosse malvisto, mas, não era dos melhores. Você tinha Museu, IUPERJ, você tinha, não é, grandes concorrentes mas, que na última avaliação da Capes foi um programa nota 7.

Y.M. - Então, essa é uma trajetória...

C.C. - Como você vê essa trajetória institucional, da pós-graduação principalmente no IFCS?

Y.M. - Olha, no IFCS eu acho que é uma trajetória de sucesso por muitas coisas. Mas eu acho que juntou momentos interessantes porque uma das nossas professoras e uma colega que agora, semana que vem, vai ser emérita, a professora Alice Abreu, ela teve o primeiro financiamento de pesquisa.

K.K. - Ela era junto com você por essa época? Ou mais tarde?

Y.M. - Não, não, não. Ela é bem mais tarde. Ela faz um desses concursos dos anos 1980.

K.K. - Perto da Glaucia.

Y.M. - Um pouco depois da Glaucia. Mas a Glaucia entrou em um concurso... Também foi chamada. E depois ela faz o concurso. É... Então, a Alice, ela tem esse primeiro projeto...

K.K. - A Alice foi fazer doutorado na Inglaterra, não é isso?

Y.M. - É. Mas ela não tinha feito IFCS, ela tinha feito PUC, entrou no mestrado no Museu e era casada... É casada com um economista, então ele foi para fazer o doutorado na Inglaterra e ela foi com ele. Então, quando ela volta e volta já doutorada e tal, tem um concurso muito... Eu me lembro muito do concurso dela, muito bom e tal. Aí ela vem e traz essa ideia de fazer equipes e melhorar a nossa pós-graduação. Porque nós tínhamos uma pós-graduação que não era nem especialização, chamava curso de aperfeiçoamento. Era uma coisa muito tenebrosa porque eu não tinha voz nenhuma. Eu, talvez, fosse muito solitária ali. Porque as pessoas de Sociologia eram muito fracas naquela época e eu e a Neide Esterci éramos as únicas que tinham uma certa, digamos assim, formação melhor por causa do Museu e tal. Quando a Alice veio, ela veio, trouxe outras pessoas. Trouxe a Bila, trouxe... Enfim, formou um grupo e estimulou o José Ricardo, fizeram esse grupo de pesquisa na área de trabalho e tal. Então a pós-graduação começou a melhorar por ali. Paralelamente, a gente construiu o laboratório. E houve um momento de junção dessas duas coisas que foi muito importante porque... É claro que o que nos caracterizava como instituição, deferentemente do Museu e do IUPERJ, que eram as duas instituições mais prestigiosas, era o fato de a gente ter uma graduação. Então eu lembro muito bem desse caso porque a Neide era a coordenadora da pós-graduação e no CNPQ havia uma coordenadora lá em que... Nesse momento estava até na Capes coordenando os programas... E ela veio fazer uma visita ao IFCS e a gente estava com aquela dificuldade toda, tinha até feito um curso de Ciências Sociais, mas era uma confusão de curso de Ciências Sociais, o que é que era, o que é que não era. E na época a Alice também tinha muitos problemas de... Acho que tinha problemas de avaliação, de quem era, tinha aquele monte de aposentado que chegava, você não sabia se o cara era cassado porque era... Enfim. Então tinha umas pessoas estranhíssimas que entraram lá e tal. E essa senhora veio lá do CNPQ, da Capes, ou da Capes,

não me lembro mais... E ela falou: “Olha, você tem que fazer um programa e um projeto pensando que vocês têm essa graduação excelente e uma pós-graduação que tem que estar acoplada de alguma forma. E foi então que a gente começou a pensar nessa ligação muito intensa entre a graduação e a pós... E as linhas de pesquisa cortavam os núcleos do laboratório. Era uma estrutura realmente moderna muito diferente do Museu e do IUPERJ, como até hoje é. Porque acho que o fato de a gente ter uma graduação é importantíssimo para pensar a formação integral de uma pessoa e não chegar e pegar... Lógico, você no Museu e no IUPERJ você pega uma elite, não é? É fácil de selecionar os dez melhores e... Não estou dizendo que... Nada é fácil, mas é mais agradável do que você montar uma graduação em que você tem que formar um grande número de pessoas, dentre os quais alguns dos melhores pesquisadores. Então, a minha visão sobre a universidade foi formada aí. Eu acho que o caso do Museu é um caso excepcional que teve a sua importância histórica e continua tendo, mas... Não acho que é um modelo para o Brasil. É um modelo talvez mais europeu e tal, de gente que tem muito dinheiro. Então eu acho que o IFCS tinha essa vantagem e eu fui sempre a líder desse movimento. Sempre achei que a graduação era a coisa mais importante, até mais importante do que a pós-graduação. Acho que a pós-graduação é importante também, mas eu acho que como eu vi surgir uma pós-graduação no Brasil, e a pós-graduação no Brasil, quando surgiu, foi a época que eu fiz a pós-graduação, talvez porque eu fosse jovem, não sei, mas eu acho que tinha esse caráter inovador. O caráter de transformar a universidade que é totalmente... Meu filho, que é cheio de piadas, ele diz: “Não, a graduação é aquela coisa insuportável, porque é uma burocracia horrível que você tem que ficar pulando obstáculos para no final conseguir um diploma”. Então, é quase que como você não tivesse, na universidade – ou na graduação – o estímulo para o crescimento, para a renovação, para, enfim... E eu sempre achei que não era isso, que a universidade tinha que seguir o caminho que a pós-graduação iniciou. Porque quando a pós-graduação iniciou, o que é que ela fez? Ela criou uma nova lei, não é? A lei da reforma, a Lei Sucupira, sei lá como é que é o nome, em que alguém muito inteligente bolou aquele esquema, que você não precisava fazer dez milhões de cursos, eram créditos, então deixava livre o indivíduo para escolher. Tinha pouquíssima... Na época que eu fiz não tinha obrigatória, você escolhia os cursos que você queria fazer. Em todas as pós-graduações. E desde o começo, as nossas pós de Ciências Sociais, tanto no IUPERJ como no Museu, tiveram financiamento da Fundação Ford. Antes disso, Minas, Ciência Política já tinha tido. Já tinha tido até na graduação de Minas, o apoio da Fundação Ford. Então o que eu vejo na evolução

do IFCS é que nós conseguimos de alguma forma transformar uma graduação que era extremamente precária, burocratizada, cheia de gente que faltava aula e tal, em uma graduação melhor. Não estou dizendo que todos são, mas, o fato é que hoje eu acho que 80% dos professores são também pesquisadores e não era assim há 20 anos atrás. E não só isso como, o que nós não conseguimos, eu acho e isso é uma derrota no meu ponto de vista, foi romper as barreiras da estrutura das universidades federais que são... Se você... Eu fui depois da... Há uns 15 anos quando o governo Fernando Henrique quis regulamentar de novo a graduação no Brasil, eu fui presidente da comissão de especialistas que reformulou os currículos de graduação. Eu e a Glaucia, inclusive. Eu, Glaucia e Maria Helena. E nós fizemos um trabalho que era exatamente possibilitar, fazer uma lei com uma Lei Sucupira, que é dar o mínimo possível para as pessoas poderem inventar. Porque a gente viu todos os currículos do Brasil dos cursos de Ciências Sociais e é um pandemônio porque todos copiam da UFRJ e o da UFRJ é horrível. Então, há pouquíssimos... Com exceção, bom, tem agora a da Fundação Getúlio Vargas, mas se você pensar no Brasil, todos os cursos de Ciências Sociais novos, porque houve um crescimento muito grande das Ciências Sociais no Brasil, no centro, sobretudo Mato Grosso, Goiás, que não tinha quase curso... E, no entanto, são todos cursos com aquele modelão... Então, a luta minha, que eu me considero derrotada é que eu achava que a gente devia ter menos curso, mais experiência de pesquisa entre os alunos, mais tempo de biblioteca, tanto assim que no meu projeto de direção do IFCS, a primeira coisa que eu fiz foi bolar aquela biblioteca

[FIM DO ARQUIVO DIGITAL 1]

Y.M. - Então, essa coisa dos 40 anos, não é? Eu quando penso nos 40 anos até me estremeço. Mas eu acho que durante muitos anos eu fiquei muito voltada, assim, para dar aula e fazer o mestrado e fazer as pesquisas e, enfim. E eu acho que eu me converti, como eu falei, na Antropologia, em um sentido muito totalizador da minha vida, não é? Durante muitos anos eu não sabia mesmo a distinção entre uma vida muito particular e o meu mundo de pesquisa e de... E a vida no IFCS foi dura nesse sentido, porque a gente tinha que... A gente sabia que tinha um caminho na frente e era preciso fazer escolhas. Eu fiz muitas escolhas junto com alguns colegas que foram muito importantes nisso. Então, você me perguntou da Stella Amorim, ela foi muito

importante porque ela foi primeiro uma das melhores professoras que eu tive na graduação e depois, apesar de toda uma certa ansiedade exagerada dela e tal, ela e o Antônio Celso foram duas pessoas que organizaram um pouco o nosso departamento. E, sobretudo o Antônio Celso foi muito responsável pela ampliação do número... E nessa época, por exemplo, a Antropologia fez muito concurso.

K.K. - Ampliação do número de professores?

Y.M. - De professores. É. Nós, nós estabelecemos entre nós uma forma de selecionar os professores fazendo um miniconcurso lá entre nós. A Sociologia era mais clientelística. Então deu muita coisa ruim na Sociologia. Na Antropologia deu coisa ruim também, mas mais, digamos, por erros. Eu errei... Eu tenho muitos erros nas minhas costas, não é? De avaliação errada da pessoa, de achar que a pessoa ia ser uma coisa, foi outra e... Enfim, mas o que foi que aconteceu então? A gente juntou a graduação com a pós de alguma maneira e a gente juntou as linhas de pesquisa. Então as pessoas participam da... Eu lembro que a primeira avaliação da Capes... É...Foi com...Ai, meu grande amigo que morreu, o FariaEu acho que tem lugar para todo mundo. E deveria ser assim. Deveria ter carreira de professor, pessoas que só dão aula, são excelentes professores e tal. Mas pela estrutura a gente é obrigada a fazer as duas coisas, não é? Então geralmente o que é que acontece? Os melhores são aqueles que estão na área de Ciência e Tecnologia e que hoje no instituto somos muitos. Não só porque os novos concursos trouxeram novas pessoas, mas, os mais antigos ficaram, os que eram mais dessa área mais de... E uma coisa que era muito incrível é que nenhum de nós gostava dessa coisa de ser diretor. Então ficava na mão dos, digamos assim... Eu não gosto de chamar isso, mas do baixo clero. Não é bem baixo clero. Mas daqueles que não sabem o que é a produção da ciência e a necessidade do tempo, do... Enfim, de organizar o curso também em função do trabalho de pesquisa. Tudo isso, para quem não está nesse universo de Ciência e Tecnologia, é muito difícil. E há muito preconceito. Então eu resolvi assumir isso. Eu acho que na minha gestão, eu acho que todos os professores desse lado, digamos, se uniram e isso foi uma coisa muito, muito positiva para a instituição, porque pela primeira vez eu acho que havia uma... Não que os outros diretores não fossem bons diretores. A Liana fez muita coisa, o Vilhena fez muita coisa, o Michel fez muita coisa. Mas como eles não estavam integrados nesse mundo do CNPq, da Capes, bom, eu sou filha do CNPQ, entendeu? Já nasci com isso na cabeça. Então era uma

coisa muito... Eu me movia nesse mundo não só na minha vida pessoal, mas institucionalmente com muita facilidade. Então eu acho que a gente conseguiu muita coisa para o IFCS, não só financeiramente, materialmente, mas em termos de juntar as pessoas e... Quando eu acabei a minha gestão... Obviamente que foi um sucesso... Havia convites e infelizmente o convite que eu mais queria não aconteceu porque... É... Eu vou falar uma coisa que é muito... Eu nem sei se... É relevante para a minha vida, mas não é uma coisa pública, entendeu? Eu e o Gilberto de Oliveira Castro, que na ocasião era presidente da FUJB... O Gilberto tinha sido também um grande diretor da Biofísica – e fomos diretores mais ou menos na mesma época – e havia, então, uma espécie de acordo. Não um acordo, mas o início de um acordo de que no final da gestão do Paulo Gomes, os candidatos seriam o Gilberto e eu de vice. Gilberto de Oliveira Castro, que é um biofísico...

C.C. - Para...?

Y.M. - Para a reitoria.

C.C. - Reitoria.

Y.M. - Só que o Gilberto de Oliveira Castro teve um convite irrecusável... Ele até outro dia me mandou um e-mail simpático falando sobre isso... Porque ele nunca fala, mas ele foi convidado para ser reitor da Estácio. Obviamente financeiramente era uma coisa irrecusável e também a gente olhou tudo o que estava acontecendo na gestão do Paulo Gomes e ficamos... A gente tem medo de assumir isso. Mas eu acho que a universidade perdeu uma chance histórica porque o Gilberto era uma pessoa também dessa área de Ciência e Tecnologia e uma pessoa com uma cabeça muito... Tanto assim que ele foi para a Estácio, fez, na medida do possível da Estácio, com aquela loucura lá ele conseguiu fazer um curso de medicina excelente e muita coisa boa lá e tal. Então eu acho que a gente perdeu e...

K.K. - Ele nunca mais voltou para a UFRJ?

Y.M. - Nunca mais. Ele se aposentou e... Outro dia até me mandou uma mensagem falando: “Yvonne, se a gente tivesse feito aquele caminho talvez a universidade não estaria como está.”

Eu não sei se a universidade não estaria. Eu certamente seria uma pessoa diferente hoje porque acho que a gestão já no IFCS já foi... Mas eu comecei a pensar, naquele momento, que a minha carreira poderia ter sido interrompida se eu tivesse pego um cargo mais burocrático ainda, mais administrativo, que é o de vice-reitor. Então, como isso aconteceu, outros convites que apareceram, eu acabei aceitando ser diretora da editora, que foi uma tarefa para mim muito dura. Eu não... O Peter, quando eu aceitei, ele falou assim: “Você não deve aceitar porque se fosse sua editora...Mas é uma editora pública e tal, você não vai ter dinheiro.” Bom...

K.K. - Mas foi o contrário, não é? Foi um grande sucesso.

Y.M. - Mas o problema é que eu aceitei, eu acho, um pouco para sair do IFCS. Porque eu achava que.. Eu devia ter uma bolsa de estudos para a Inglaterra, como os meus colegas todos fizeram. Falaria um inglês perfeito hoje. Mas eu sou muito cabocla. Eu não fiz essa carreira internacional, entendeu? Então, isso me aflige muito porque quando eu vou escrever em inglês, quando eu tenho essa coisa... Eu falo bem francês, mas o universo da Antropologia é muito mais... Agora eu vou estabelecer relações com a França antes de morrer, mas... Eu sempre fui muito, eu acho, acanhada nesse movimento, não é? E eu tenho essa coisa horrível que é como se eu tivesse caído em um pote de incumbências, entendeu? Eu acho que a gente... Eu falo isso e as pessoas reagem, cada um de uma forma mais estranha... Eu aprendi, na minha família, que funcionário público tem uma obrigação, um dever institucional. Não apenas de receber tudo daquela instituição, mas de contribuir para melhorar, para... Porque essa coisa do *institutional building*, que os americanos falam assim... O Brasil... Eu vi isso crescer na minha casa. Eu vi. Eu vi. Eu era muito pequena, mas eu vi meu pai no CNPQ, lembro como se fosse hoje dele voltando para casa, de todas as brigas, de toda...Quer dizer, você vê um universo nascer pelas mãos de indivíduos, não é? Então eu tenho isso. Então eu aceitei esse cargo lá, porque eu achava que dentro do IFCS eu estava muito condenada pelos meus opositores. E foi muito duro mesmo. Porque a gestão que se sucedeu a mim foi uma gestão muito problemática, de uma pessoa... Até eu trouxe uma foto dela aí...Dela não, de nós. Eu acho que eu botei aí. Dos diretores pós 1979. Então eu fui para a editora, fiquei quase cinco anos na editora e eu também fiz o que a gente sempre faz, entendeu? Eu tentei continuar o trabalho que a Heloísa Buarque de Hollanda tinha feito, que foi um trabalho de renovação da editora. A Helô tem esse lado muito, digamos assim, de beleza, estética e tal. Então ela fez... Todo o *layout* da editora é dela. E eu continuei

só que eu fiz linhas de produção e de publicação mais... E o reitor era o meu amigo, então todos os dinheiros que eu consegui foram dinheiros muito bem-vindos e o reitor Vilhena tinha uma grande atenção para a editora. Deu muita atenção. E... Enfim. Em uma editora você vai... Você vai acrescentando títulos. Não é uma coisa que você faz do dia para a noite. Mas foi um sofrimento atroz porque é lidar com o funcionário de uma forma mais intensa do que no IFCS, porque no IFCS eu posso ser diretora, ou coordenadora ou chefe de departamento e fazer tudo, do começo ao fim. Posso. Eu não preciso... Se, sai um funcionário, entra outro. Mas na editora não é assim. Se você forma uma pessoa para mexer com aqueles programas e tal... Sendo que naquela época era muito difícil porque não tinha ainda esses programas de computador. Era tudo muito mais precário. Então tinha lá um problema que era tenebroso, que você tinha que lacrar o computador porque de repente a pessoa estava baixando música, entrava um vírus, arrebatava ... Enfim. Muito difícil a editora. Não foi uma coisa que eu fiz com alegria e nem com muita sabedoria. Porque se não fosse pela minha amiga Maria Tereza Kopschitz de Barros eu teria me ferrado. Porque ela era uma grande revisora e já tinha trabalhado anos na editora da UFF. Então ela sabia do riscado de uma editora universitária, não é? E na equipe da editora havia uma outra pessoa que é da área comercial que era muito boa, a Fernanda, está lá até hoje, e que a gente conseguiu muita coisa. Porque agora parece que muitas coisas... Eu fui conhecer... Primeira coisa quando eu fui chamada para ser diretora, eu entrei nas grandes editoras universitárias ver o que é a depressão que sempre dá para quando você olha, por exemplo, a universidade...Eu entrei no site da... Eu acho que foi *Cambridge Univesity Press* que editou o Newton, sabe? São 800 anos de editora. Então você fica um pouco massacrado, entendeu? Por que... Aquela coisa... E todos, na verdade, têm uma característica muito parecida. Editora é uma coisa muito artesanal até hoje, apesar de computador, apesar de tudo. Porque tem a escrita, não é?

K.K. - Ao fim e ao cabo tem o texto, não é?

Y.M. - Tem o texto. Então...

C.C. - Yvonne... Bom, nos últimos anos também você tem se envolvido muito, não é, nesse debate nacional sobre cotas raciais no ensino superior público brasileiro e tal. Evidentemente

é um tema sobre o qual você já falou muito, escreveu muito e de forma muito intensa. Mas como é que você, no contexto da sua trajetória, foi levada a entrar nesse debate?

Y.M. - Então. É uma coisa estranha. Como eu disse, o Brasil... Nós temos esse *alter ego* dos Estados Unidos, não é? Mas nós somos... temos coisas parecidas porque como são fronteiras muito amplas e falamos a mesma língua de norte a sul, com exceção de duzentas almas que falam aquelas línguas...A gente não tem ideia do que seja um mundo fora do...daqui. Você não imagina o que é que seria uma sociedade segregada. Assim como os Estados Unidos tem um certo horror pelas sociedades misturadas. Então, como é que eu entrei nessa briga? Você sabe que eu fui... Eu comecei a minha carreira estudando um terreiro de Umbanda. E a minha trajetória no início da Antropologia foi essa busca de tentar entender porque as pessoas faziam aquilo. Por que tantos deuses? Por que... E havia uma tradição no Brasil de pesquisa nessa área que era essa pesquisa voltada para a África, então as origens, os traços culturais e tal. E eu acho que fiz um trabalhinho, assim, inovador, porque eu sempre tenho essa coisa assim: “Mas não pode ser isso”. De dizer assim: “Como? Mas então, como é que veio da África? Que traços são esses e tal?” Aí eu firmei uma posição que tinha, óbvio, antecedentes teóricos de dizer que aquela era uma religião universal no Brasil. Eu não disse isso com todas as letras no primeiro livro, mas ficava claro que aquilo não era uma coisa só de negros, nem só de africanos e que havia... E cada dia isso foi se tornando mais e mais evidente. Na pesquisa dos processos criminais do meu doutorado, já aí o Peter já estava no Museu e ele me orientou, foi então a descoberta, eu acho, a primeira descoberta da, digamos assim, de uma verdadeira alteridade. Porque quando eu estava falando para ele dos processos, do crime, da lei e tal, o Peter um dia chegou e falou assim: “Ué, Yvonne, mas incrível...Em Zimbábue a lei é exatamente o inverso dessa.” Então eu escrevi o *Medo do feitiço* um pouco pensando sobre essa diferença entre a legislação que produz no Brasil uma religião sincrética e uma legislação que produz não só uma religião como uma sociedade dividida. E essa sociedade nossa, sincrética, não só culturalmente como em todos os níveis, não é? Eu acho que tem as suas vantagens. É uma... talvez uma escolha, mas é uma escolha que tem produzido menos dor do que essas escolhas por sociedades divididas, segregadas e... Como é o caso das colônias do império colonial britânico, não é? A empresa colonial britânica, ela produz sociedades divididas não só legalmente como institucionalmente... Enfim. Então o caso dos Estados Unidos é um caso entre os casos existentes no mundo da empresa colonial britânica. Lógico que tem muita diferença,

África do Sul dos Estados Unidos, África do Sul do Zimbábue e tal, mas o grande divisor de águas, eu acho, é que enquanto o mundo colonial português é a produção da metonímia, daquilo que junta e que a Umbanda representa isso, representava isso. O mundo, a empresa colonial britânica é o tempo todo a produção de classificações em cima de classificações e separação. Porque enquanto você vai exercitando o seu poder de classificar, você vai exercitando o seu poder de dividir também. Então, quando tudo isso começou, em uma discussão que o Brasil... Porque em 1988, quando eu fiz a pesquisa de 1988...

K.K. - A defesa do doutorado?

Y.M.- Não, não. É, foi a defesa do doutorado e ao mesmo tempo eu entrei nessa grande pesquisa do projeto “Abolição”.

K.K. - Ah tá.

Y.M. - Que até está na internet essa coleção e é uma coleção raríssima no Brasil. Porque tem entrevista com todas as lideranças dos movimentos naquela época. E não se falava nessa questão de cotas. E todos eram contra. A Benedita foi a primeira que falou sobre cotas, mas era uma coisa bem diferente do que depois se transformou. E o que havia e a discussão que nós tínhamos na época com as lideranças e os movimentos é que eles achavam que deviam fortalecer a identidade negra. E a gente achava que, ao contrário, o que caracterizava o Brasil, o que tinha de vantagem era essa possibilidade de você não ver diferenças. Mal sabia eu que na verdade... Hoje eu sei muito... E fica muito claro nesse debate que se tornou nacional e tão importante é que isso, o germe dessa discussão que nós estamos tendo hoje é produzido nos anos 1950 com a sociologia paulista. Diferentemente do Gilberto Freyre e até do Costa Pinto aqui no Rio, o Florestan, o Fernando Henrique, eles produziram uma sociologia que dividiu o Brasil em brancos e negros, os brancos dominando os negros. Isso é uma coisa muito interessante, se pensar hoje... O olhar de hoje sobre o passado, não é?

K.K. - Uhum.

Y.M. - Por que que o Gilberto Freyre foi tão pouco... É... Cada dia para mim fica tudo mais claro. Assim, por que é que o Gilberto Freyre teve a briga com o Florestan. Por que é que ele, mesmo convidado, não veio a banca do Gilberto Freyre. Tudo isso para mim ficou assim...

C.C. - Florestan.

Y.M. - Do Florestan. É... Não, do Fernando Henrique.

K.K. - Foi convidado pelo Florestan para participar da banca...

Y.M. - Até naquela exposição que houve do Gilberto Freyre lá, tem as cartas e há todo um envolvimento... O Fernando Henrique ficou nervosíssimo com aquela carta. Porque foi uma situação dramática. Mas eu hoje entendo porque eu pensava que fosse uma briga mais departamental. E na verdade foi uma briga de concepção mesmo sobre o Brasil. E nessa, o Gilberto Freyre eu acho que sempre me influenciou muito, mesmo eu não sabendo, sabe? Eu não tinha muita consciência de que era o Gilberto Freyre que estava me fazendo ver aquele universo do candomblé e tal, da maneira com que eu vi. E quando eu peguei os primeiros processos criminais para analisar no *Medo do feitiço*, era uma coisa inacreditável porque todos os juízes não precisavam de traduzir. É muito diferente você ter uma sociedade... Eu tenho uma aluna, que foi depois aluna do Peter, que está estudando processos de reclassificação ou de classificação na África do Sul porque a África do Sul proibiu casamentos mistos. Então, apesar da proibição o desejo sempre existe, não é? E enquanto que o desejo de alguma forma, mesmo que condenado, é estimulado de alguma maneira, lá, para você casar ou mesmo ter relações sexuais e amorosas com alguém você tinha que passar por um tribunal. E um dos casos que ela pegou, foi um caso de reclassificação. A pessoa que era *coloured* e tinha se tornado branca, acaba se reclassificando como *coloured* porque um irmão era *coloured*, enfim. Então tem essa coisa dos países... da empresa colonial britânica, que é uma espécie de obsessão pela classificação. Ea metonímia é a característica, eu acho, não é? Então quando eu vejo, quando eu leio os primeiros processos, era completamente diferente daqueles processos da África do Sul e mesmo de Zimbábue. Porque? Por que o processo criminal aqui, todo mundo falava a mesma língua e todo mundo acreditava na feitiçaria. Juiz, advogado, delegado, cada um, obviamente, com uma certa participação na coisa, mas todos sabiam muito bem o que é que

era o espírito, o que é que era o orixá. Não havia necessidade de traduzir isso Mas um pouco a ideia de que a realidade é assim. O que eu estou dizendo é que as classificações instituem uma determinada realidade. Quer dizer, “Isso é um pouco coisa de antropólogo, não é?”. E a acusação de que de alguma forma a posição de vocês também é ideológica, acreditar que exista democracia racial, quer dizer... Vocês estão... Ideológica no sentido da inversão da realidade, não perceber isso. O debate era mais ou menos esse, como você vê?

Y.M. - É. O fato é que ninguém entende que... Ninguém entende, ou talvez entendam e não queiram... Que o Brasil... Não é que, quer dizer, a resposta a essa acusação, de certa maneira, de não estarmos envolvidos com a realidade brasileira é que... Uma coisa é dizer que existe democracia racial, outra coisa é dizer que existe um ideal. Aliás, eu li isso desde que eu tenho 20 anos, desde que eu entrei na faculdade. E mesmo se você retomar o Gilberto Freyre, se você retomar todos esses [INAUDÍVEL], eles falam em ideal de democracia racial, como se fosse um desiderato, uma vontade cultural, digamos assim. O Gilberto Freyre em nenhum momento ele deixou de lado os antagonismos. Nem o racismo nem a violência. Mas o fato de ser um país que não oficializou essa ideia de segregação e de raça faz toda a diferença. Então a discussão é sobre isso. Eu até inventei... Aliás, fui generosamente... Me foi cedida uma expressão que eu gosto...Essa coisa de usar metáforas é muito difícil, não é? E frases que sintetizem o pensamento. Porque de certa maneira o que está se vendo hoje no Brasil e no mundo, porque esse movimento não é um movimento nosso, é o imperialismo norte-americano, claro... E o Bourdieu tinha toda razão. Só que esse imperialismo só pôde ser implantado no Brasil, o imperialismo cultural, não é? A astúcia do imperialismo americano foi de ter visto que aqui tinha um grupo que compartilhava aquelas ideias norte-americanas. Então, qual é? É que você sacrifica, quer dizer, a realidade dos princípios em nome de um princípio de realidade. Claro, existe uma desigualdade no Brasil que é flagrante. Existe racismo no Brasil, lógico. Só que esse racismo é condenado por lei. E enquanto o mundo estava criando um complexo... O mundo britânico, não é? Um complexo, aparato legal de separação das pessoas como o Jim Crow nos Estados Unidos, o regime do *apartheid* na África do Sul, que é de 1948, o Brasil em 1951 estava fazendo a primeira lei de combate ao racismo. Acrescentando à constituição brasileira, que já condenava o racismo, uma lei específica que condenava o racismo. Então eu acho que essa grande vantagem do Brasil é... Enfim, está sendo colocada em questão. E não é a realidade que está sendo colocada em questão, é a realidade jurídica-legal, é o estatuto... Por que é que

isso foi parar no Supremo Tribunal? Porque na verdade quando você institui a raça como critério de distribuição de justiça, você institui um novo estatuto racial, um novo estatuto jurídico da nação. Porque nós não somos uma nação dividida. Diferentemente de Zimbábue. Zimbábue, até hoje, embora fale-se, não é, no povo zimbabueano e tal, é até hoje dividido. Eu visitei Zimbábue, visitei África do Sul... É impensável para os brasileiros isso. Como é que você vai dividir as famílias? E nas escolas? Onde é que você vai passar a linha? Mas é possível, porque na África do Sul de 1948 em diante, a mania de classificação ficou tamanha que tinha aquele negócio, não é? Se você põe o lápis no cabelo, se fica, é que você está do lado dos *coloured* e dos negros. Então no Brasil você ia ter que fazer isso em uma família e dividir. Lá na África do Sul dividiu mesmo... Famílias. Uma ficou no bairro branco, outras no *coloured*. E não sei se outros no... Então...

K.K. - E no projeto... Você falou da pesquisa do projeto “Abolição”, de 1988... De lá para cá...

Y.M. - Isso já ficou... Olhando... Eu retomei algumas entrevistas do projeto... Porque a Heloísa Buarque fez um trabalho maravilhoso agora e botou tudo *online*. E a gente vê que o germe já estava lá desde os anos 1950 com a sociologia paulista e também o movimento negro que... No início, no Brasil, os movimentos negros dos anos 1930, eles eram integracionistas e assimilacionistas. Eles queriam a assimilação do negro à sociedade e não a divisão, a separação. Essa coisa da separação e da divisão começa mesmo fortemente nos anos 1950. E nos anos 1980, em 1988, fica muito claro. Eu lembro que em 1988 nós trouxemos, com o financiamento do Centro de Estudos Afro-asiáticos, que foi muito importante na organização de toda essa coisa de 1988 e de uma nova liderança...

K.K. - Da Cândido Mendes.

Y.M. - Da Cândido Mendes. Que foi criada nos anos 1960 pelo Cândido Mendes. Na esteira de toda a política diplomática com os países de língua portuguesa.

K.K. - Quem coordenava isso em 1988, você lembra?

Y.M. - Em 1988 foi justamente a grande virada, foi o Carlos Hasenbalg. Porque havia uma coisa que o Cândido criou aquilo nos anos 1960 e aquilo ficou na mão de uns dois ou três que botavam uns dois ou três do movimento negro, ficavam ganhando um dinheirinho ali, mas não havia um movimento realmente de criar uma liderança sobre esse tema e tal, como a gente... Então em 1988, quando o Peter assumiu a Fundação Ford, uma das reviravoltas foi o Centro de Estudos Afro-asiáticos e nós fizemos campanha para o Carlos Hasenbalg. Naquela altura nós não tínhamos a consciência que temos hoje, tá? O Carlos tinha escrito... Nem o Carlos falava as coisas que ele depois falou. Mas o livro dele é... – tanto assim tem um prefácio do Fernando Henrique, então é dentro dessa linha, de imaginar um Brasil dominado pelos brancos. Então eu acho que, em 1988, essa pesquisa foi muito importante porque tem o registro de como isso era pensado. Depois, logo depois eu fiz uma, uma pesquisa também sobre educação que não foi muito exitosa, mas que teve... Porque a gente juntou gente do movimento negro com ONGs e eu, Monica e o Jocélio lá da Bahia como pesquisadores. Mas era uma ideia de juntar essas várias versões para a gente ver... E as conclusões, que eu não consegui publicar na verdade como um... Porque as pessoas esconderam um pouco o bizu da história. O bizu era o seguinte: entrevistamos milhares de pessoas, todo mundo falava: “A solução do Brasil é a educação”. Mas todos eram contra qualquer coisa que privilegiasse negros ou... A gente começou a perguntar isso. Isso já foi em 1990 e... Eu acho que essa pesquisa acabou em 1998.

K.K. - Políticas públicas.

Y.M. - Ao... Aquele negócio, [inaudível]. Eles querem os movimentos, as ONGs e tal. E isso produziu um mal-estar muito, muito grande, eu acho, nos países. Porque há uma intromissão direta na competição com o Estado. Se no Brasil o Estado é forte e poderoso como é, as ONGs já fazem um estrago, você imagina isso em um país de Estado frágil, como é Moçambique, sabe? É uma loucura. Então, eu lembro que a conclusão dessa pesquisa sobre educação é que a sociedade brasileira toda voltada para essa questão da educação, sem saber muito bem aonde... Porque se a gente soubesse como solucionar o problema... Mas tem uma questão que a desigualdade no Brasil é difícil de ser solucionada. Mesmo hoje que os números já indicam uma melhora sensível, você não sabe muito bem o que é que foi que produziu isso. Então... Bom, a bolsa-família é um motivo. Porque é um motivo até conjuntural, não é? Do número de...

K.K. - Crianças na escola.

Y.M. - Não, não. Não é nem na escola. A mudança da desigualdade no Brasil melhorou. Uma das coisas é a bolsa-família. Por que é que é a bolsa-família? Aí o patamar dos muito pobres subiu. Mas você não sabe se isso é uma coisa conjuntural, que saindo a bolsa-família todo mundo vai virar pobre de novo. Porque não é uma coisa estrutural. Agora, o fator mais importante de diminuição da desigualdade certamente é a educação. E não é a melhora na educação. É a quantidade de pessoas que estão dentro da escola. Então isso foi produzido não pelos movimentos sociais mas por um grupo de pesquisadores, que mudou o rumo da prosa da educação no Brasil. Não se esqueçam que antes do Fernando Henrique, o ministério da educação era o ministério das universidades e era curral eleitoral de todo mundo. Você tinha pouquíssimas políticas de realmente de universalizar o ensino, etc. Então há uma mudança no Brasil, radical nisso.

C.C.- O Wagley

Y.M. - O Wagley, aquelas pessoas que... Qual era a versão? A versão era que os Estados Unidos eram uma coisa, o Brasil era outra e era preciso compreender o Brasil de outro ponto de vista, não é? A Ruth Lands quando chega aqui, ela diz no livro dela... Esse foi o livro que eu mais adorei editar na editora porque eu acho que um dia vai se fazer realmente, ver o real valor dessa senhora porque ela chegou assim: “Eu vim para estudar a questão racial. Só que eu cheguei aqui e vi que isso não era uma questão. Então eu comecei a estudar a vida dos negros”. Ou seja, ela conseguiu perceber o que os brasileiros hoje estão querendo negar, que na vida dos brasileiros a questão racial não é a questão mais importante. Ninguém fala. Você anda pelo interior... O que você pode dizer agora é que a questão mais importante é a questão religiosa. Isso é uma questão fundamental... Agora saiu uma recente pesquisa do Senado, essas pesquisas de internet que não é muito válida, mas é uma pesquisa sobre a importância do estudo religioso nas escolas. Começou... Assim... Eu falei: “Ih, ferramos”. Negando o estudo laico. Muita gente sendo a favor de ensino religioso, mas, passados uns 15 dias, os ateus, os laicos ganharam e a gente tem 65% apoiando o ensino não-religioso nas escolas. Mas o fato é que você tem um Brasil dividido sim, agora, entre um protestantismo popular muito forte e o que restou, não é?

Dos macumbeiros e dos candombleseiros e dos que de alguma maneira estão ressurgindo a partir desse movimento internacional, de um movimento interessantíssimo que é um movimento de globalização da África e tal. E é impressionante porque se de um lado estão acusando a tevê Globo de estar apoiando a luta do lado dos contra cotas, eles estão financiando as caminhadas da intolerância religiosa, que é um movimento totalmente racializado. Totalmente voltado para os... Embora tenha judeus, até árabes, palestinos no meio da intolerância religiosa, como se houvesse hordas de palestinos no Brasil... Não conheço nenhum palestino. Mas os protestantes na verdade estão fazendo parte dessa comissão mas de uma forma...

K.K. – Pró-cotas.

Y.M. - Não. Esse movimento religioso, do meu ponto de vista, é onde vai dar a briga no Brasil. No futuro... Pode ser que eu... A gente erra, não é? Mas, no presente, essa é a... Se de um lado você tem um foco errado sobre a discussão sobre a desigualdade que é colocado no acesso ao ensino superior, toda política de cotas, raciais ou não raciais, é voltada para uma coisa que a elite só chega, que é na universidade. Enquanto que você tem um mundo diante de você, que é um mundo das pessoas que estão na escola. Em uma escola de três horas, sabe?

K.K. - Não conseguem terminar o ensino fundamental II, não é?

C.C. - Não entendi. Você acha que ovo da serpente não é tanto a questão das cotas raciais, mas da religião?

Y.M. - Não. O ovo da serpente é as cotas raciais. Porque? Porque a partir daí se juntou uma luta religiosa com a questão racial. Ou seja, esse movimento internacional que se inicia em Cuba e vai para a África e tal. Esse movimento chama-se um movimento do...Enfim, essas pessoas... Os judeus estão fora da sua própria terra, não é? Do...

C.C.- Da diáspora.

Y.M. - Da diáspora negra... São os africanos no atlântico, como se fosse tudo a mesma coisa... Pegou carona nessa luta contra as cotas. Porque essa luta contra as cotas é uma luta que instituiu no Brasil alguma coisa que a gente não conhecia, que era a ideia de que você tem seres humanos com essências diferentes, culturas diferentes, separados. E essa separação, que não está na lei, ela pode ser produzida no cotidiano, de uma forma muito clara. Por exemplo, agora todo mundo diz que o candomblé é uma coisa de negros, de africanos. E ponto final. Aí você entra em qualquer terreiro, você vê que não é bem assim. Mas o que é que... Uma mentira dita muitas vezes acaba virando verdade. E os próprios terreiros acabam se auto classificando. E a briga é pesada. Porque o censo mostra um crescimento vertiginoso dos ateus mas, também um crescimento muito grande dos protestantes, dos evangélicos, dos...E uma diminuição dos católicos. E qual é a aliança? Eu estou falando uma coisa maluca, mas aliança é o seguinte: você tem o movimento pró-cotas, que é um movimento de produção de um estatuto jurídico da nação baseado na raça, que acaba de ser aprovado em uma comissão da Câmara, embora a Câmara tenha agora refeito a sua posição, 95 deputados pediram para ser debatido em plenário, o que vai produzir uma coisa muito estranha porque eu acho que nós vamos perder em plenário... Então, o que é que significa isso? Significa que se introduziu no Brasil uma discussão que é a racialização de todas as esferas da vida cultural-legal-política brasileira. Você tem... Agora o Estatuto da Igualdade Racial instituiu 30% ou 20% de negros nos partidos políticos... Mas, se for aprovado no senado, será isso. Ou seja...

K.K. - [INAUDÍVEL] decidir quem é negro de quem não é negro.

Y.M. - Por outro lado você tem um movimento religioso que é um movimento popular. Porque esse movimento do Estatuto, esse movimento das cotas na universidade é uma coisa da elite, embora o povo dispute isso porque aqueles que se formam no ensino médio querem chegar na universidade...Os poucos. São apenas 40% dos estudantes brasileiros chegam ao final do ensino médio. Então isso é a produção de uma sociedade cada vez mais dividida e se esse movimento de intolerância religiosa continuar no mesmo pique que está, que é racializar as religiões no Brasil, ou seja, os afrodescendentes são africanos, são negros e se diferem dos protestantes que são brancos, dominadores e querem nos expulsar daqui. Essa briga é uma briga de um futuro não muito... Porque brasileiro gosta de roubar por causa de um tênis... Mas não tem ideologia nesse sentido da... Sabe? Você não... Não sei o que é que é melhor: matar para roubar um tênis

ou matar por um ideal, entendeu? Mas realmente matar porque você é negro, porque você é do candomblé ou porque você é protestante... Então tem: um protestante deu um pontapé na santa. A associação entre os cultos afro-brasileiros e os católicos e o clientelismo no Brasil é óbvia desde o seu início. Faz parte... Eu vi uma frase em um filme... Agora vi um filme lindo feito pela Clarice Peixoto sobre a Gisele, essa mãe de santo francesa...E tem uma frase que, para mim, é a frase de todo mundo que participa de terreiro. É um rapaz branco... Mas ele fala assim... É um filme de santo da Gisele. Ele fala assim: “Minha vida está na mão da minha mãe. Ela que decide todos os passos que eu vou dar. Sem ela eu não sou nada”. Ou seja, é a expressão mais antiprotestante, não é? Uma concepção de entrega total a uma pessoa, ou seja, todo o ideário do clientelismo e de você não ter responsabilidade individual sobre a sua vida. Enquanto que quando você sai desse universo e entra no universo protestante, toda a tecla é a tecla da sua responsabilidade diante da vida. Não é o pai de santo, não é o pastor, é a sua relação com Jesus. E com a vida. Quanto mais sucesso você tiver na vida, mais sucesso você terá na sua vida eterna.

Desse Brasil que não era católico, mas que era misturado e tal, tal, tal. E o que eu vejo acontecer hoje é que os brasileiros se fartaram daquele universo que o Verger dizia: “Eu sou muito cartesiano para acreditar nos orixás”. Eu acho que os brasileiros estão se tornando mais cartesianos e menos envolvidos em clientelismo. E esse movimento é que está sofrendo uma grande oposição por parte, eu acho, desse movimento internacional das religiões, que está ligado ao movimento da produção de grupos raciais. Você não se pensa mais como um indivíduo que pode se classificar em vários... Pode acordar de manhã com uma cara de mais escuro e de noite mais branco. E por uma sociedade que não admite mudança. Você é daquele grupo, você não... No Brasil, quando você pergunta qual é a sua identidade... Faça essa experiência, assim, no campo... Assim, com as pessoas, populares. Pergunta: “Então, e aí? E a sua identidade? Como é que você se pensa?”. “Ah, eu sou meigo, eu sou forte, eu sou...”. As pessoas não falam da sua identidade racial. Nos Estados Unidos você pergunta isso, a primeira coisa: “I’m an *african american*”. E *african american* tem um sentido muito forte porque é afro-americano, ou seja, como se a gente... Hoje as pessoas no Brasil não dizem nem mais afro-brasileiro. “Eu sou afrodescendente”. Então é um movimento internacional tão forte que você retirou a brasilidade dos africanos. Então o Brasil mudou. E com isso mudou a minha percepção dos caboclos. Eu continuo usando branco na sexta-feira, continuo admirando os terreiros e a

beleza da produção religiosa no Brasil, mas eu também admiro a beleza dos protestantes. E na Igreja Universal do Reino de Deus é uma experiência, sobretudo na catedral, é uma experiência que nenhum antropólogo deveria deixar de fazer porque é uma coisa que... Parece que você... O Brasil parece que você vê Durkheim e Weber andando pela rua. Porque... Às vezes no terreiro eu tinha a sensação que eles tinham lido Durkheim. Porque você vê as cerimônias, sabe? A definição do Durkheim de religião é composta de cerimônias públicas, que é propriamente a cerimônia religiosa, coletiva, parara... E da magia, que é individual, privada e que rarara... O terreiro é dividido assim. Tanto assim que ninguém estuda o que é privado. Eu talvez tenha sido uma das poucas a estudar esse lado perigoso. Uma das primeiras talvez. Agora a Patrícia Birman, acabei de ler um artigo dela brilhante sobre a importância como... O *shift* que tem entre o protestantismo e a Umbanda no sentido do diabo, do aparecimento do diabo no protestantismo como... Enfim. Mas é toda uma discussão ainda muito recente e eu me meti nisso porque eu acho que o Brasil está indo para o mau caminho. Eu tenho esperança de que... E essa coisa ia ser feita tudo muito por baixo do pano porque estava sendo tudo feito, assim, como foi feito nos outros países. Um grupo decide, muda a lei e daqui há cem anos você tem um genocídio mas ninguém sabe mais quem mudou. E essa minha versão de sociologia, que eu acho que a sociedade é feita de grupos, óbvio, de ideias, de... Enfim. Sou socióloga, sou durkheimiana nesse sentido. Mas os indivíduos são muito importantes, as biografias. As biografias mudam. Eu vi, nessa questão da educação, a biografia de um grupo. Um grupo de... Um é físico, o outro economista, o outro é demógrafo e eles descobriram esse fenômeno da repetência, estudando as estatísticas brasileiras e como tudo isso funcionava, e com isso, e por uma luta muito grande de, sobretudo do Sérgio Costa Ribeiro, mas do Simão, de todos esses outros, mudou o rumo, a prosa da política educacional brasileira. Até os anos... Até o governo Fernando Henrique, até a gestão do Paulo Renato, a versão que todos tinham da educação no Brasil era que as pessoas saíam da escola porque tinham que trabalhar. Então, dane-se a fazer escola. O estado do Rio de Janeiro é o estado que tem mais escola. Tem mais escola do que gente. E você passa e escola e igreja – atualmente igreja evangélica de todas as denominações – você vai pelo subúrbio, cada rua tem pelo menos três. E tem uma escola por cada quarteirão provavelmente. É um aparato... Então, o que é que eu penso? Eu penso que os indivíduos são importantes. Então, nesse sentido, a minha participação ali foi... Eu acho que é e está sendo importante. Apesar de muita gente rir de mim, porque eu virei uma líder nacional, falo com as

grandes figuras da nação, o que me deixou espantada porque as grandes figuras da nação são terríveis. Todos cheios de plástica. [risos]

[FIM DO DEPOIMENTO]